

**A atracção dramática pelo real:
etnografias do actor-nãoactor**

Teresa Domingas Lourenço Fradique Ribeiro

Tese de Doutoramento em Antropologia

ANEXOS II e III

Abril, 2016

Índice Anexos II e III

Anexo II | Textos e guiões originais das peças 3

Anexo II (a) Mena	4
Anexo II (b) A Missão	25
Anexo II (c) Em Brasa	39
Anexo II (d) Cotovia	90
Anexo II (e) Henriques	106
Anexo II (f) Agamemnon	121

Anexo III | Vídeos reportagens televisivas 130

Anexo III (a) A Cotovia RTP 07/08/2009 3'12''	131
Anexo III (b) A Missão TVI 27/07/2011 11'28''	131
Anexo III (c) A Missão RTP Prémio SPA 2012 5'16''	131
Anexo III (d) Mena RTP 19/10/2007 5'50''	131
Anexo III (a) Mena TVI 19/11/2007 04'37''	131

Anexo II | Textos e guiões originais das peças

Anexo II (a) | Mena

Transcrição do espectáculo da antestreia realizado pela equipa de produção

Mena – Antestreia

Aqui encontra-se um balcão, em madeira preta.
De forma redonda.
Onde atrás costuma estar...
O barman, um cabrão que costuma estar sempre a olhar para mim, a vigiar-me.
Aqui encontra-se um cadeirão...
Que é um dos locais preferidos de um cliente habitual da casa.
Velho gordo barrigudo,
Bigode grande revirado para cima. Faz lembrar aqueles piratas das Caraíbas.
Aqui outro cadeirão igual.
Que é também o lugar de um cliente habitual da casa.
O Trinca-Espinhas.
Chamo-lhe assim porque ele é muito alto, muito fininho, parece um pau de virar tripas.
Ao longo da sala estão quatro mesas, em madeira preta, pequeninas.
Com três banquinhos cada uma, em pele.
Onde é habito nós sentarmo-nos...
Umas com as outras ou a falar com os clientes.
Aqui encontra-se a parede onde passo habitualmente as minhas noites.
Encostada... a olhar para a bola de espelhos, a sonhar...
A pensar o que estarão os meus filhos em Portugal a fazer, que é que estarão a apensar.
O que estará a pensar a minha irmã.
Chegou-lhe aos ouvidos que eu tinha aparecido morta no Porto.
A pontos de ela ir pedir ajuda a um programa chamado na altura “Ponto de Encontro”,
mas não deu em nada.
Ouço música.
Sonho.
Como é que eu vim aqui parar?
Quem me trouxe para aqui foi um sujeito chamado Ângelo.
A minha primeira noite aqui, assim que aqui cheguei fui apresentada aos dois sócios da casa.
Zé Manel, um português de estatura média, cabelo louro, bigode, muito simpático,
pessoa... divertida também.
E à sócia dele, uma espanhola, uma senhora já com uma certa idade, mas...
Um ar muito... arrogante, antipática,
Não era pessoa que desse para falar muito.
O Zé Manel explicou-me como é que o bar funcionava.
Entrada para os quartos...
Era de vinte e cinco mil pesetas quinze minutos,
Setenta mil pesetas trinta minutos.
Eu tenho direito a duas bebidas por noite.
Quando algum cliente me convida para ir para o quarto eu tenho de me dirigir ao
balcão, ao barman.
Pedir-lhe a chave, dizer-lhe quanto tempo é que o cliente quer estar no quarto,
Ele passa-me um ticket que eu guardo e fica com outro para ele, que é para ao fim da
noite alguém fazer as minhas contas.
Dá preservativos também, porque somos obrigadas a entrar com preservativos.
Trabalhamos seis...
Quatro portuguesas, cinco... comigo.
Uma brasileira, uma moça jovem, sempre muito bem disposta, sempre muito alegre.

Outra chamada Marisa, uma moça forte.
Uma miúda pequenina que eu não me lembro do nome dela, pequenina, lourinha, de olhos verdes, muito bonita.
E uma cabra que eu chamo-lhe Pombo-correio, que ela tem a mania de ouvir as nossas conversas, ou com os clientes para ir contar ou aos seguranças que estão à porta ou aos patrões.
Tenta fazer-nos a vida negra a todas.
A brasileira tem o corpo todo marcado de cigarros.
A espanhola fez dela um cinzeiro.
Segundo ela me contou até na vagina tem marcas de cigarros. Pelo corpo todo.
A Marisa é uma pessoa extremamente baixinha e forte.
E a espanhola com os seguranças meteram-na dentro de uma arca congeladora.
Até ela ficar em hipotermia.
E a seguir tiraram-na e espancaram-na com toalhas molhadas em água a ferver.
Ela ficou com o corpo cheio de bolhas de água, até na cara, junto às orelhas tem.
Toda marcada.
A brasileira é uma rapariga que é... é capaz de fazer tudo, não há nada que ela não faça.
É extremamente alegre, bem disposta.
Lembro me de ela uma vez me contar que...
Sai do quarto a rir-se, tinha ido para o quarto com um cliente, sai do quarto a rir-se à gargalhada muito bem disposta.
E eu estranhei.
O que é que lhe deu tanta vontade de rir?
Ela chega ao pé de mim com uma descontracção muito grande e diz-me assim “Olha Mena, acabei de ganhar o dinheiro que mais prazer me deu na vida ganhar.” E eu perguntei porquê.
“É que o cara só queria que eu lhe cagasse e mijasse na boa.”
“Sim, deu-me oitenta mil pesetas para eu lhe fazer isso.”
“E eu fi-lo com a maior vontade possível.”
E saiu de ao pé de mim à gargalhada. É mesmo capaz de fazer tudo aquela gaja.
Eu na minha terra nas Caldas da Rainha...
Conheci um rapaz chamado Augusto.
Era um rapaz alto, bem constituído, bonito de cara apesar de algumas borbulhas.
Eu nessa altura já consumia heroína há bastante tempo. Estava bastante agarrada.
Conhecemo-nos num café.
Olhamos um para o outro...
E pode-se dizer que foi amor à primeira vista.
Eu estava mais ou menos na altura de ir consumir, disse-lhe, ele quis ir comigo, perguntou-me se podia experimentar.
E eu disse-lhe que sim.
Ele experimentou comigo e gostou.
Eu costumo dizer que, quem é que não gosta?
Eu ainda hoje gosto, sei é que não lhe posso tocar.
A partir daí começámos a andar juntos e a consumir diariamente.
Ao fim de pouco tempo, ele estava tão agarrado como eu.
Falámos em tentar fazer uma cura.
Eu já me prostituía nessa altura.
Fui arranjar dinheiro para comprarmos alguma medicação.
Que ele propôs-me irmos fazer a cura para casa dos pais dele. Uma aldeiazinha perto de Viseu.

Fomos.

A medicação que levámos durou-nos para quatro dias.

O dinheiro também n era muito.

Ao fim desses quatro dias resolvemos ir à cidade de Viseu, tentar arranjar trabalho ou para ele ou para os dois.

Quando lá chegamos ele encontrou um grupo de amigos dele antigos.

E esse pessoal resolveu convidar-nos e representar-nos uma chinesa.

Ou seja, convidou-nos para irmos fumar com eles.

Eu primeiro comecei por picar.

Mas depois comecei a ficar sem veias.

Não me pico há doze anos e ainda hoje não as tenho.

E então por causa disso fui obrigada a começar a fumar na prata.

Fomos consumir com eles.

Dissemos logo que sim, aceitámos logo.

Foi o nosso erro.

Passado algum tempo já estávamos os dois novamente agarrados, quer dizer, afinal a cura nunca chegámos a fazer-la.

Durante a conversa com esses rapazes, eu tive conhecimento que havia uma avenida onde estavam putas a atacar.

Nós tínhamos pouco dinheiro...

E tínhamos um bocado de receio em voltar para casa dos pais dele.

Se fizemos asneira logo ao fim de quatro dias.

Resolvemos ficar em Viseu.

Como o dinheiro não chegou para nada...

Fomos obrigados a procurar uma casa abandonada para começarmos a viver. Não tínhamos dinheiro para alugar um quarto.

Eu nessa altura descobri também que estava grávida. Estava grávida de dois meses e meio.

O dinheiro era muito pouco para consumirmos. Então era impensável termos naquele momento uma criança.

Disse ao Augusto que tinha de fazer um aborto rapidamente.

Resolvi ir até essa avenida ver se conseguia trabalhar, se consegui algum dinheiro para podermos sobreviver os dois.

Quando lá cheguei estavam duas senhoras a trabalhar.

Digo senhoras porque já eram duas pessoas de idade.

Uma era uma pessoa para quarenta e três quarenta e cinco anos, e a outra tinha por volta de trinta e oito trinta e nove.

Pessoas bastante fortes, pareciam duas baleiazinhas.

Eu quando lá cheguei, na altura era muito magrinha.

Podia-se dizer que era bem feitinha de corpo, tinha dentes...

Tinha uma cara até jeitosinha.

Elas deixaram-me ficar ao pé delas a trabalhar,

E os clientes começaram-me a procurar constantemente e elas foram ficando para trás.

Essas duas mulheres tinham um chulo, chamado Carlos.

Um gajo de aspecto nojento, seboso, meio careca, com um bigode que quando olhava fazia-me lembrar palha-de-aço, um piaçá que foi muito usado.

Era aquilo que me lembrava quando olhava para o homem.

Tinha um mau gosto para se vestir que minha nossa senhora.

Um casaco quase cor de laranja com umas calças verde-garrafa.

Ele de três em três horas passava na avenida para ir buscar o dinheiro que elas tivessem feito.

Ele quando as via sair, apontava a hora e estipulava-lhes um tempo para estarem com os clientes.

Se elas se atrasassem um minuto ou dois chegavam ao pé dele e levavam nos cornos.

Um dia estou no café, chamava-lhe o café amarelo, e aparece-me a Tininha, a mais forte, de mais idade, ao pé de mim a chorar, tinha a cara dela feita num bolo.

Aquilo não havia um bocadinho da cara que não estivesse todo negro de tanta porrada que ele lhe deu.

Vinha de óculos escuros porque tinha um olho que não conseguia abrir.

Só porque demorou-se mais dois minutos com um cliente.

Eu ainda lhe disse a ela porque é que ela não fazia queixa à polícia mas ela disse que tinha medo dele.

Eu quando comecei a trabalhar bem comecei a estragar o negócio ao rapazinho.

Entretanto há uma noite,

Que eu não consigo trabalhar.

E eu tinha conhecido um rapaz, como cliente,

Rapaz que trabalhava na Caixa Geral de Depósitos, que era gerente,

Chamado João. Foi uma pessoa que me pagou vinte e cinco contos para estar umas horas só a conversar com ele.

A partir daí tornamo-nos muito amigos.

E foi uma pessoa que me foi ajudando sempre.

Como estava grávida e não havia dinheiro,

Uma noite que chovia imenso, o meu namorado Augusto,

Eu não consegui ir trabalhar e disse-lhe a ele, olha, agente toma uns serenais,

São uns comprimidos para dormir, misturado com cerveja dá uma granda moca.

A ponto de nos esquecermos de tudo.

E eu disse-lhe a ele, olha vamos tomar os serenais, bebemos uma cerveja ou duas, que não há dinheiro para mais,

e vamos tentar aguentar até amanhã, para não estar a chatear hoje o João outra vez a pedir-lhe dinheiro.

Mas como tínhamos que arranjar o dinheiro para fazer o aborto, ele vira-se para mim e diz-me:

-“Está bem, vamos. Mas olha, ainda vou lá fora ver se consigo fazer um café.”

O que ele queria dizer é que ia tentar assaltar um café.

Eu tentei dissuadi-lo da ideia mas entretanto adormeci em cima do colchão.

A meio da noite acordo e o Augusto não estava ao meu lado.

Ainda pensei, Bom deve ter ido mijar lá fora. E volto a adormecer.

No dia seguinte de manhã, sou acordada pela polícia a chamar-me,

Para me dizer que o Augusto tinha sido preso, foi apanhado a dormir dentro de um café.

Tal foi a moca.

Os polícias dizem que ele ia ser presente ao juiz às dez horas, se eu lá quisesse ir podia ir.

E eu pensei, se explicar ao juiz que foi o primeiro delito dele, que o Augusto não tinha cadastro,

Foi a primeira asneira que fez, explicar porquê, porque é que ele o fez, que era para arranjar dinheiro para eu fazer um aborto,

Pode ser que o juiz não lhe dê um castigo muito grande.

Bem tentei mas não adiantou, o juiz nem quis saber. Deu-lhe ano e meio de cadeia.

Antes de o levarem para S. Pedro do Sul, que era onde ele ia ficar,

Eu disse-lhe a ele, olha eu vou-te ver todos os dias, nem que seja a pé.
Aquilo fica a vinte e cinco km de Viseu.
Ele tinha visitas dia sim, dia não. Eu ia sempre vê-lo.
Às vezes a pé, mas ia sempre.
Fiquei completamente desesperada.
Fiquei sozinha numa terra estranha.
Amigos só tinha o João.
E não sabia o que havia de fazer à minha vida.
Telefonei ao meu amigo João e ele diz-me:
-“olha vais para uma pensão, eu pago-te a pensão uns dias até se arranjar um quarto que se possa pagar ao mês. E olha, vais fazendo a tua vida.”
Eu voltei a ir trabalhar para a avenida, para ao pé das outras duas.
Coisa que continuou a não agradar ao chulo delas, ao Carlos.
Entretanto começo-me a abastecer a um cigano chamado Herculano.
Sujeito de cinquenta anos,
Robusto, entroncado,
às vezes olhava para ele e ainda dizia, Bom este ainda se dava uma voltinha.
Era um homem charmoso apesar da idade que tinha, simpático.
Um dia ele diz-me a mim: “olha Mena vou-te avisar de uma coisa,
Andas aí a fazer estragos no negócio de alguém, que alguém não anda muito satisfeito contigo.
Estão a pensar em levar-te daqui à força.
Eu olhei para ele e comecei-me a rir, porque achei piada, perguntei-lhe caramba Herculano quem é que pode estar interessado em mim?
Estou grávida, agarrada que nem uma besta,
não tenho ninguém, não tenho onde cair morta, quem é que pode estar interessado em mim.
E ele respondeu: “ah, mas é que tu trabalhas muito bem e isso anda a incomodar alguém, e eu vejo pelo aquilo que me compras diariamente.
Mas aquela história pareceu-me tão absurda que eu não dei importância aquilo.
Mas mesmo assim avisei o meu amigo João.
Passado uns dias, o chulo das minhas amigas,
Vem ter comigo e convida-me para ir jantar mais ele, porque tinha um amigo para me apresentar.
E eu pensei, bom pelo menos como uma refeição de borla, pode ser que não seja mau. E fui.
Quando cheguei ao restaurante ele tinha o amigo dele para me apresentar.
Um gajo chamado Álvaro,
Cabelo cor de cenoura todo espetado, eu olhava para ele e pensava,
Naquele cientista louco do “regresso ao futuro” com aquele cabelo em pé depois da explosão.
Assim era ele.
Com dois cachuchos enormes, dois anéis de ouro, umas pulseiras grossas, tinha aquela pinta de chulo.
Agente olha para eles e diz, é mesmo aquilo que tu fazes.
Muito convencido, passou a noite a elogiar-me a dizer que eu era muito jeitosa, que...
Se eu quisesse que me tirava daquela vida, que me ajudava a...
Largar a droga.
Eu fui-lhe sempre dizendo que não estava interessada.

Que tinha alguém, que apesar de estar presa era a pessoa que eu gostava e com quem eu pensava ir viver.

Mas o rapazinho não estava satisfeito.

Continuou o resto da noite – “e tu és tão bonita, e eu ajudo-te a sair daqui”.

Até que eu pensei, então mas este gajo não se cala? Vou mas é embora.

Mas não lhes disse nada, disse-lhes a eles que ia à casa de banho, e então sorrateiramente pisguei-me.

Nessa noite safei-me.

Não me safei foi depois no dia dezasseis de Março, uma terça-feira de manhã.

Era dia de visitar o Augusto à cadeia,

Saio de casa por volta das nove da manhã com quinze contos no bolso para ir comprar a minha dose.

O Herculano ainda não tinha o telemóvel ligado, e venho cá abaixo ao rossio.

Compro o que tenho a comprar, de regresso a casa,

Entre o liceu e o quartel de Viseu,

Para ao meu lado um Toyota, um MR2 com duas pessoas dentro.

Ao princípio não liguei continuem a andar.

Mas o cabrão do condutor sai do carro e vem direito a mim.

E aí é que eu reconheci, era o Álvaro.

Vem direito a mim muito brusco e aponta-me uma pistola à cabeça.

E só me diz – “entra já no carro”.

E eu perguntei-lhe, mas entro no carro porquê, vais me obrigar?

O gajo só me respondeu – “sabes o que é que tens apontado à cabeça? Entra no carro e é já.”

Mas eu continuei sem entrar.

A outra pessoa que vinha com ele era o Ângelo.

O Ângelo irritado de eu estar a demorar tempo de mais a entrar no carro, sai do carro, abre a mala,

puxa-me pelo braço e empurra-me lá para dentro, fecha a mala do carro e arranca.

Eu comecei a bater com os pés na mala, a gritar e...

Tive assim algum tempo até que comecei a ficar sem ar e sem forças.

E depois também estava a entrar em ressaca.

Doía-me os músculos, estava com espasmos,

Tão depressa tinha frio como suava que nem uma porca, e estava a ficar sem ar.

Sem que andámos durante algum tempo, não sei precisar o tempo,

Mas passado algum tempo, longo, sinto o carro a parar.

O Ângelo vem me abrir a porta da mala e ajuda-me a sair que eu já não me conseguia mexer.

Eu vejo que estou numa quinta, à minha frente estava uma casa enorme antiga, estilo antigo.

Entrámos para dentro, lá dentro é me apresentado o Júlio Nogueira.

Cabecilha do grupo.

Estávamos em Montemor-o-Velho, numa quinta dele.

Com ele estavam cinco mulheres, que ele me foi apresentando,

Uma era a mulher legal dele, estava casada com ele, tinha um filho dele, pequenino.

Simpática, mas com um ar arrogante e convencida. Aquelas pessoas que agente olha para elas e têm o nariz muito no ar.

Outras duas miúdas que estavam sentadas no lado direito dele, eram duas raparigas que já viviam com ele há quatro anos,

Cada uma tinha um filho dele. Aquilo era uma família enorme.

E as outras duas do lado esquerdo, eram duas miúdas que ele me disse que estavam a ser trabalhadas.

O que ele queria dizer com isso era que...

Andava a foder com elas diariamente, de todas as formas e feitios.

Ou seja, estava a ensina-las para elas depois poderem ir para a estrada, aturara qualquer cliente que aparecesse.

Na porta do frigorífico tinha lá um calendário, onde tinha assente o nome delas todas, A frente cada dia correspondente a que dormiam com ele. Aquilo era uma para cada dia da semana.

Olhei para aquilo e ainda pensei, bom ainda vou fazer parte daquele calendário. Mas não, por acaso não, ainda me safei dessa.

Passado algum tempo de estarmos na conversa, saímos de casa, Todos juntos, e o Júlio foi-me comprar roupa.

Comprou-me umas calças de ganga, uma t-shirt, roupa interior

Comprou-me um chapéu à cowboy que tapava-me os olhos, aquilo era para eu andar disfarçada, para ninguém me reconhecer.

Mas o mais engraçado é que ele comprou-me umas sapatilhas, que eu conforme punha assim os pés no chão, aquela merda à volta tinha umas luzinhas que acendiam.

Era pelos vistos para ele me ver ao longe.

E deu resultado.

Assim que parámos de comprar roupa.

Eu antes de sairmos de casa dele. Como quando o Álvaro me apanhou eu não tive tempo de consumir.

Antes de sairmos para comprar roupa, eu pedi-lhe a ele se podia consumir o que tinha comigo, estava a ressacar.

Ele disse-me que sim, mas avisou – “aproveita bem essa dose, é a ultima que tens, porque a partir de hoje vais ressacar à minha maneira.

Ainda pensei, que será que isto quer dizer.

Depois de comprarmos a roupa,

Fomos a um bar, passado três ou quatro horas, paramos num bar para eu beber um copo de whisky.

Que ele me obrigou a beber.

Estávamos sentados numa mesa quando eu vejo um polícia entrar.

Olhei para o polícia e pensei, já me safei desta.

Mas qual o meu espanto quando o polícia fardado se dirige ao Júlio Nogueira, dá-lhe um abraço, olha para mim e pergunta

“então esta é que é a nova aquisição?”

O Júlio respondeu que sim e disse-lhe – “mas já sabes, ficas calado, não sabes de nada.”

E passa-lhe um maço de notas para a mão.

O polícia foi embora e nós regressámos a casa.

Eu estava novamente a ressacar.

Essa noite passámos em casa do Júlio Nogueira, dormimos lá.

Eu passei a noite a gemer e a gritar com dores. Tinha dores horríveis.

Ele durante a noite irritou-se de me ouvir gritar, manda o Ângelo vir-me dar outro copo de whisky.

Mas eu não tinha conseguido comer, estava com vômitos, olhei para aquilo e neguei-me a beber,

comecei a abanar a cabeça que não consegui beber aquilo, só tinha era vontade de vomitar.

O Júlio já um bocado irritado, levanta-se, vem ao pé de mim, aperta-me o nariz e fez-me engolir o copo pela goela a baixo.

E diz-me assim – “bebe, e aí de ti que vomites, se vomitares já sabes, levás logo, ou queres levar já?”

Fodasse, deixa-me mas é beber isto descansadinha, e bebi, passei a noite assim.

No dia seguinte saímos todos no carro do Júlio.

O Júlio vinha à frente com o Álvaro, e eu ia atrás com o Ângelo a fazer de minha amaseca.

Em cada barzinho que passávamos à beira da estrada, ele parava para me obrigar a beber um copo de whisky.

Era assim que ele me obrigava a fazer a ressaca.

A meio do caminho já ia perdida de bêbada.

Ao passar na guarda é que me apercebo para onde vinha. Vinha para Espanha.

Nessa altura ia com bastantes dores no corpo e começo a sentir bastantes dores na barriga, mas não sabia se era da ressaca do que é que era.

Sei que entretanto sinto as calças molhadas. Tinha abortado.

Queixei-me, disse-lhe que não aguentava com as dores.

Mas ele mandou-me estar calada, aguentar mais um bocado que estávamos quase a chegar.

Até que passámos **Naval Moral de la Mata**, e fomo-nos instalar numa aldeiazinha de chulos portugueses, que era dominada por chulos portugueses. Os espanhóis lá...

Pouco contavam, podiam ouvir eles matarem-nos de noite à porrada, que não faziam nada, nem diziam nada, porque tinham medo deles.

Isolamo-nos numa casa pequena onde estavam três mulheres.

Eram mulheres do Zé Manel que iam sendo rodadas de praça em praça.

Praças são as casas onde as mulheres trabalham vinte e oito dias,

Fechadas, não vêm à rua para nada, comem lá, dormem,

Trabalham

A casa é toda fechada e com grades à volta das janelas.

Estão lá vinte e oito dias, quando lhes aparece o período, vêm o tempo do período para as chamadas casas de descanso.

E depois voltam para outra praça diferente, à uma para nunca serem encontradas, e à outra também para não cansarem os clientes.

Para haver sempre caras novas e fresquinhas.

A primeira semana que passei aqui em **S. Sedilha**

Estive em casa

O Álvaro voltou com o Júlio Nogueira para Portugal, e o Ângelo ficou a tomar conta de mim.

Primeira semana estive em casa, a recuperar do aborto, a curar a ressaca...

E a trabalhar para a engorda, que era para vir para o matadouro como eu lhe chamava.

Ao fim dessa semana o Ângelo recebe um telefonema do Júlio Nogueira, a dar indicações para me trazer aqui para o bar, para me vir por a trabalhar.

A minha primeira semana não trabalhei, passei encostada sempre à parede.

Mas graças a deus ninguém me fez mal.

A partir da segunda semana a coisa piorou um bocadinho.

Como eu me negava a trabalhar,

Que eu dizia sempre que nunca havia de trabalhar, entrar nesta vida era para trabalhar para mim e não para chulos.

E então resolvi não trabalhar.

Estive assim bastante tempo. Ele começou-me a dar porrada, todos os dias à noite quando eu chegava a casa.
Não havia noite nenhuma que não me batesse e bem.
Embora a pior noite que tive que ele me espancou,
Foi uma noite que ele se virou para mim e disse-me que estava apaixonado por mim.
Eu como tinha o habito de estar sempre a escrever o nome do Augusto em papelinhos isso irritava-o.
Quando ele se declarou eu disse-lhe que não estava interessada e que havia de ser sempre fiel ao Augusto.
E ele mandou-me parar, disse que não queria que eu escrevesse mais o nome do Augusto em papel nenhum.
E eu disse-lhe a ele que não fazia.
O gajo bastante fodido e irritado comigo, agarra na trave da cama onde eu dormia e parte-me o externo com ela.
Ainda hoje tenho a marca, tenho um osso saído que nunca fui ao hospital.
E o gajo depois de me partir o externo, continuou-me a bater. E ele batia-me e eu só lhe dizia a ele, anda cabrão mata-me , mas à minha conta não hás-de ter dinheiro nem para comer um papo seco.
Mas eu estava enganada.
O gajo ao fim de algum tempo teve a feliz ideia, como eu não trabalhava o dinheiro era pouco porque geralmente era o Júlio Nogueira que lhe deixava dinheiro quando cá vinha e ele vinha cá muito raramente.
Eu tinha de trabalhar para nos sustentar aos dois.
E então o menino teve a brilhante ideia de me fechar à chave no quarto sem comer, só a dar-me água.
A única coisa que eu metia no estômago era a água que ele me dava e as duas bebidas aqui à noite no bar.
Tive assim três dias, ainda aguentei
Ao fim desses três dias, eu estava cheia de fome.
Parecia que era sina minha, tinha de trabalhar para comer,
e resolvi trabalhar, não podia continuar com aquela situação.
O meu primeiro cliente aqui no bar.
Foi o sacana de um velho extremamente chungoso.
Que arrepiava olhar para ele, era barrigudo, baixinho
E forreta que nem um cabrão, só me pagou quinze minutos.
O que vale é que foi rápido, não me demorei muito tempo com ele no quarto.
Fomos para o quarto número onze, foi o único quarto que eu experimentei.
Era um quarto alegre,
Tinha uma cama pequena, uma colcha às florzinhas cor-de-rosa,
Tinha um bidé, um lavatório e uma mesinha de cabeceira.
A única coisa que o velhote quis foi uma foda normal,
Na posição de missionário, foi rápido, não me chateou muito.
Nesse dia as minhas colegas ficaram todas muito espantadas, porque nunca me tinham visto trabalhar, e eu naquele dia resolvi trabalhar, ficou tudo muito admirado.
Só a puta da Pombo-Correio é que parecia que estava com inveja de mim. Ela também era raro trabalhar.
O nosso dia-a-dia... na aldeiazita onde estávamos instalados,
Geralmente levantávamos sempre por volta do meio- dia e uma hora, íamos até o café.
Beber uma cerveja, fazer tempo para vir para o bar aqui à noite.
Um desses dias que fomos ao café,

Assim que lá cheguei vi lá dois bófiás sentados numa mesa a ver um jogo de futebol entre o Barcelona e o Real-Madrid.

Ainda pensei em chamar a atenção dele para os avisar que estava ali contra a minha vontade

Mas o ângelo parecia que me lia os pensamentos, porque olhou para mim e só me disse assim, “vê lá bem o que é que fazes”, e abre o casaco e mostra-me a pistola que trazia geralmente à cintura.

Eu aí pensei duas vezes e vi que não podia fazer nada.

Porque ele geralmente usava-a para me bater com a coronha.

A pontos de me rebentar a boca toda, me partir a cabeça com ela, era da maneira que lhe apetecia.

Nesse dia voltei aqui para o bar, vim trabalhar novamente.

E lá está, continuei a levar porrada na mesma, primeiro porque não trabalhava, depois continuei a levar.

O cabrão tinha ciúmes de mim.

Quer dizer, presa por ter cão e presa por não ter.

Onde é que eu ia que me esqueci?

Nos outros dias em que eu não trabalhava,

Havia noites que estava mal disposta, e passava-as ali encostada à parede a pensar em tudo menos que estava aqui.

Outras acontecia geralmente uma vez por semana,

Eles tinham alguém na policia que os informava quando havia rusgas aqui no bar.

E então tiravam-me daqui, o Ângelo saía daqui comigo durante quatro ou cinco horas.

Íamos para um café longe.

Até ele receber um telefonema a dizer que o caminho estava limpo, estava livre que me podia trazer de volta.

Mas aí geralmente era sempre já no final da noite, acabava por não trabalhar.

De outra vez que eu me lembro que não trabalhei,

Foi quando o Júlio Nogueira nos veio trazer novamente dinheiro,

Que nos levou a jantar, das poucas vezes que nos jantámos bem.

Mas durante o jantar recebe um telefonema de Portugal

A dizer-lhe que tinham uma coisa boa para ele ir buscar.

Ele vira-se para mim e para o Ângelo e dia-nos “olha temos de ir a Portugal, que tenho uma encomenda para ir buscar.”

Vimos a Portugal, a Pombal.

Chagámos a Pombal à porta de uma discoteca, entra para o carro uma miúda com dezasseis ou dezassete anos.

Muito bonita, bem vestida.

Era de uma vilazinha ali perto de Pombal, chamada Pedrógão.

Apesar de ser uma miúda da aldeia notava-se que ela andava bem estimada.

Tinha unhas arrançadas, tinha o cabelo bem arranjado.

A miúda entra muito alegre para o meu lado e pergunta-me “também trabalhas no restaurante?”

E que restaurante.

Mas eu ali não lhe podia dizer nada se não comia logo, levava logo nos cornos.

ia para uma praça em Burgos.

Ao chegarmos a Burgos,

Eu lembrei-me de tentar ajudá-la a fugir

Disse-lhe a eles que precisava de ir com ela à casa de banho, e dentro da casa de banho expliquei-lhe o que é que ela realmente ía fazer.

A miúda fartou-se de chorar agarrada a mim, a dizer que não sabia o que havia de fazer, eu disse-lhe, olha eu vou-te ajudar mas tens de fazer aquilo que eu vou-te dizer.
Sais aqui encostadinha à parede,
Tentas fazer sinal ao empregado,
E pergunta-lhe a ele se podes sair pela porta das trazeiras.
Assim que saíres para a rua, a primeira pessoa que encontres pedes para te levar à esquadra, ou para te indicarem um policia, para tu pedires ajuda.
Penso que ela tenha feito isso porque nunca mais a vi.
Sei que fiquei ainda sozinha na casa de banho para aí uns dez minutos.
Ao fim de dez minutos aparece-me o Ângelo muito fodido, muito danado, que agente nunca mais de despachava.
E nisto repara que eu estou sozinha.
Olha para mim e pergunta,
“que é que tu fizeste? Já fizeste das tuas.” Não, não fiz nada.
Ela disse-me que queria ir ter com vocês, eu não estava despachada disse-lhe a ela para ir.
Vocês não estavam parados à porta do café?
Ou ela não foi ter com vocês? Não sei onde é que ela foi.
O gajo irritado, “vamos para o carro. Quero ver o que é que agora o Júlio Nogueira diz.
Eu já sabia, queres ver, levo já nos cornos que é que nem gente grande.
Mas...
Sempre a dizer que não sabia o que era feito da miúda.
Eu costume dizer, nós putas somos muito mentirosas.
E mantive sempre que não sabia da miúda, não sabia, não sabia, não sabia.
Quando entrei para o carro,
Tive sorte, não comi logo.
Mas pensei que o caso ficasse por ali.
Ele não me fez mais perguntas nenhuma.
Demos meia dúzia de voltas lá por umas ruas, ainda a ver se encontrávamos a garota.
Graças a deus não encontrámos, e eu pensei, bom vamos regressar a Naval e isto fica por aqui.
Bem enganada estava.
Quando me apercebo estamos de regresso a Portugal.
Ele quis ir à aldeiazita onde ela morava ver se a encontrava.
Corremos a aldeia toda.
E depois informaram-nos que o namorado dela costumava estar lá num cafezito.
Vamos lá ao café, ele chama o namorado ao pé do carro.
Pergunta-lhe por ela.
Chama-o ao pé do carro e diz-lhe “olha, entra aí que a tua namorada está a precisar da tua ajuda, está muito aflita”.
O rapaz um bocado preocupado entrou para o carro.
Entrou para o carro sem desconfiar de nada
Fomos direitos ao pinhal.
Quando lá chegámos ele mandou-nos sair a todos, a mim também.
E manda o rapaz começar-se a despir.
O rapaz estranhou, assim que perguntou porquê comeu logo, levou logo um soco.
Obrigaram-no a despir, e ataram-no a um pinheiro.
O Júlio Nogueira sempre com a arma na mão,
Enquanto o rapaz teve um pedaço de cara não parou de lhe dar com a coronha da arma até ele ficar desmaiado.

O rapaz acaba por desmaiar, tinha a cara toda feita num bolo.
E o Júlio diz-nos para voltarmos para o carro para irmos embora,
E o Ângelo ainda lhe perguntou, “então mas e o puto, o que é que fazemos dele?”
E o Júlio respondeu que
Que ele ficava alia atado, que estávamos perto da estrada, que de certeza quando ele acordasse se gritasse alguém o libertava.
E o facto é que o deixámos ali.
O rapaz ficou lá atado ao pinheiro todo nu, com a cara totalmente desfigurada e nós viemos embora.
Regressámos para Espanha.
E eu voltei para aqui.
Continuei a trabalhar.
Aqui tive uns clientes,
Alguns simpáticos,
Tive outros com umas taras um bocado esquisitas.
Lembro-me de alguns casos,
Um deles foi um sujeito
Na casa dos trinta e poucos, convida-me para ir para o quarto com ele,
Depois de entrarmos para o quarto começámo-nos a despir,
Qual o meu espanto quando ele tira as calças, vejo o homenzinho,
Meias de senhora pretas,
Com um soutien de renda preta
E com um cinto de ligas
Umas cuecazinhas de fio dental
Com uns enchumaços no peito a fazer de mamas.
Eu olhei para aquilo e pensei minha nossa senhora.
O mais engraçado, é que o cabrão só queria que eu lhe fizesse festinhas no cu.
Mas essa não foi a melhor,
Das taras lembro-me de uma melhor,
Lembro-me de um cabrão...
Que me pede, entramos para o quarto, e que me pede,
Dá-me um prego,
para aí assim deste tamanha,
Grosso,
Todo ferrugento,
E diz-me assim
“Só quero que me espetes isto nas bolinhas”
O quê?
“É isso mesmo. Quero que me espetes isto no colhões”.
“espeta à vontade que não me faz doer”.
“é só fazeres assim, puxas a pele e vais enfiando”
Eu como estava hesitante,
O gajo irritou-se e ainda me disse, “ouve lá, não é para isso que eu te pago? Não é para me fazeres o que eu te peço?”
Realmente é.
Ele tinha razão, eu estava ali era para fazer aquilo que ele me pedia.
E devagarinho lá fui espetando o caralho do prego.
A sorte é que não deitou sangue.
E o cabrão do homem só fazia era gemer.
É que passou o tempo todo hum hum.

Eu a furar devagarinho, e ele a gemer.
Tive outros um bocado mais violentos.
Mas houve um, apesar de violento, violento violento mas...
Deixou assim um bocado...
Foi um puto com dezanove anos.
Fomos para o quarto e ele disse-me que só queria que eu lhe fizesse um broche.
Para eu me despir, para me deitar por cima dele.
Eu comei a fazê-lo, começo a fazer o broche, só sinto cinco pancadas nas costas.
Com um metal frio.
Tento sair de cima dele, o gajo não me queria deixar.
Queria se calhar continuar a bater-me com aquilo.
Até que consigo sair de cima dele, empurrei-o e consigo me libertar dele.
Qual o meu espanto quando eu olho para o que ele tinha na mão, para o que me estava a agredir,
Era uma puta de uma faca de manteiga.
Eu olhei para ele e disse-lhe, ouve lá ó meu cabrão, então tu queres me matar com uma faca de manteiga?
Ao menos trazias uma com uma ponta afiada.
Espetas-me cinco vezes...
Qual era a tua ideia? Matar-me com isso?
O rapazinho entrou em pânico, eu fiquei furiosa.
E começou a chorar agarrado a mim. “ai eu não sei o que é que me passou pela cabeça”
Olha eu também não.
Agora o que é que eu faço? Chego lá fora vou denuncia-lo os cabrões dos seguranças dão-lhe um enxerto que o deixam todo negro.
O melhor é dizer-lhe para se ir embora e nunca mais me aparecer à frente.
E foi o que eu fiz, ó meu cabrao vai-te lá embora e não me apreças é mais à frente, se não então eu é que passo-me e quem te dá sou eu.
O rapazinho saiu de lá a chorar e foi-se embora.
Tive outro um bocadinho pior, que esse...
A única coisa que fez foi entrámos para o quarto, puxa por uma navalha e faz-me um golpe no pescoço.
Sem me dizer nada, sem fazer absolutamente nada.
Paga, entrámos,
Puxa pela navalha faz-me um corte no pescoço.
Eu venho para fora assustada, começo a gritar, a puta da espanhola vem logo ter comigo, leva-me para a casa de banho para me limpar a garganta.
A minha sorte foi que não me apanhou a jugular se não o cabrão tinha-me mesmo matado.
A filha da puta vira-se para mim com um ar muito arrogante, “alguma coisa lhe fizeste para o homem te fazer isso.”
E eu não tinha feito nada.
Não sei porque é que ele fez aquilo,
Eu sei que depois os seguranças agarraram-no, trouxeram-no para a rua, não sei o que é que lhe fizeram.
Mas lá está, também tive outros com quem simpatizei,
Tentei desabafar com ele, principalmente um, que era um cliente habitual aqui da casa.
Vinha cá diariamente, pagava-me um copo,
conversava um bocado comigo.
Ele achava estranho as minhas colegas andarem em lengerie e eu não.

E um dia eu pensava que estava á vontade com ele e comecei a dizer-lhe a ele que n
estava aqui de livre vontade.
Mas não me apercebo da filha da puta da pombo-correio, que estava sentada atrás de
nos a ouvir a conversa.
A gaja levanta-se quando eu estou a dizer ao gajo que não estava ali de livre vontade,
Levanta-se e dirige-se aos seguranças,
E os seguranças vão chamar o Ângelo.
Vêm direito a nós, agarram no rapaz e levam-no para a rua, eu só o ouvi gritar.
Sei que ele nunca mais lá apareceu.
Ou bateram-lhe ou provavelmente proibiram-no de lá voltar,
Com medo que eu dissesse a verdade.
Até que um dia tive outro cliente,
Mais propriamente no dia vinte e quatro de setembro,
É o dia de anos do meu filho.
Eu...
Estava com uma neura enorme
Estava encostada à parede a chorar.
Ser os anos dele e eu não poder estar presente.
O homem vem ter comigo e pergunta-me porque é que eu estava a chorar.
Eu quis desabafar com ele mas, ao mesmo tempo também tive medo que ele fosse
mandado por alguém deles para me tentar experimentar, para saber as minhas ideias.
Mas o homem viu que eu que estava reticente, estava com receio de falar com ele,
Vira-se para mim e diz, “olha, eu pago-te a entrada para o quarto e tu dizes-me como é
que eu te posso ajudar”.
Eu já me estava a cagar para tudo.
É assim, eu não via...
Eu já ali estava há tanto tempo que não via, não via maneira de me livrar daquela gente,
Não sabia se ia sair dali viva,
Se acabava por nunca conseguir sair dali.
Pensei para mim, que se foda, vou com ele para o quarto e vou-lhe dizer como é que ele
me pode ajudar.
E assim fiz.
Entrámos para o quarto, eu escrevi-lhe um papel com os meus dados, e pedi-lhe a ele
para telefonar para a polícia,
Mas que não podia ser para a polícia de Naval Moral, porque os cabrões tinham
informadores lá.
Para telefonar para a polícia de Cáceres e dar aqueles meus dados que ele lhe tinha
escrito no papel.
E para não dizer o nome dele, para não correr riscos ele e a família dele.
Era um sujeito já com quarenta e tal anos, com aspecto de agricultor,
E era mesmo agricultor, ele depois disse-me que tinha uma plantação de tabaco ali
perto, aqui perto de **Naval Moral de la Mata**.
O bar fechou na segunda-feira,
O homenzinho quando saiu de lá de ao pé de mim, eu pensei que ele não fosse fazer
nada,
Mas o bar fechou no dia a seguir para nós descansarmos, é o nosso dia de folga.
E na terça-feira quando regressámos,
Quando viemos trabalhar, pegar às oito,
Passado uns minutos de terem aberto as portas,
Eu vejo entrar três sujeitos, de fatinho e gravata.

Irem falar com a espanhola, e a começarem a mandarem-nos encostar à parede.
Depois uma a uma íamos à casa de banho buscar os nossos documentos.
Eu quando chegou a minha vez disse, eu não tenho documentos,
O gajo perguntou-me o meu nome, “como é que te chamas?”
Filomena de Sousa.
E deu-me um sorriso,
E eu pensei, queres ver que o homem telefonou mesmo!
E o polícia disse-me, “então tens que vir connosco à esquadra que é para seres identificada.
Levaram-me para o carro,
Já estou dentro do carro, o Ângelo vem ao pé de mim e diz-me
“oh querida, não te preocupes que eu vou já avisar a ama do menino para ficar com ele até amanhã de manhã.”
Aquilo era uma maneira de me avisarem,
De ele me avisar para eu ter cuidado com aquilo que iria dizer, que os meus filhos mesmo estando em Portugal corriam risco de vida.
Ele não disse mais nada, segui com os polícias fomos para Cáceres.
Passo a noite na esquadra da polícia, na cela, passo a noite lá dentro.
Até era uma cela simpática e confortável,
No dia seguinte de manhã levam-me ao juiz,
Eu descrevi ao juiz tudo o que me tinha acontecido, desde que me raptaram de Viseu, a nossa passagem por Montemor, que ele lá em Montemor também tinha mulheres a trabalhar para ele.
Que quando ele vinha à procura de carne fresca, como ele dizia o Júlio Nogueira,
Quando ele vinha à procura de carne fresca que era a mulher dele,
Que ficava a tomar conta das miúdas, é que as ia levar à estrada, é que ia recolhia o dinheiro.
Contei ao juiz todos os pormenores, desde o rapto, à estadia aqui no bar,
O termos ido a Portugal,
Terem agredido o rapazinho e terem deixado num pinheiro,
E o juiz para verificar se a minha historia era verdadeira ou não,
Mandou os polícias levarem-me ao hospital para fazer um raio x para verem se eu tinha realmente marcas da porrada que eu sempre disse que levei.
Que se provou ser verdade, ainda hoje as tenho.
Regressámos à esquadra de Cáceres,
Na hora de almoço, e os polícias dizem, olha agora ficas aqui nós vamos almoçar, aqui dentro estás segura.
Também pensava que sim,
Para meu espanto passado um bocado de ele ter saído de ao pé de mim, e os policias terem saído de ao pé de mim,
Ao meu lado senta-se o senhor Ângelo.
Como é que ele entrou eu não sei,
Sei que o policia me tinha dito que havia um segurança, um policia à entrada do portão,
Devia ter ido à casa de banho na altura porque o Ângelo conseguiu lá entrar.
Sentou-se ao pé de mim e perguntou-me, “então o que é que disseste?”
Não disse nada,
Lá está, é o que eu digo, nós putas somos muito mentirosas,
Então disse-lhe a ele, epá não contei absolutamente nada,
Disse que conhecia Espanha, quando vivi em Viseu,
Ia muitas vezes a Espanha de boleia, nos camiões,

E que me disseram que era um lugar que se trabalhava bem que se ganhava dinheiro, e eu como estava sempre a precisar de muito dinheiro, todo o dinheiro que eu tinha era pouco para consumir,
Resolvi vir para aqui trabalhar.
Não disse absolutamente mais nada.
O gajo não ficou muito convencido, mas disse-me “olha,
O Júlio Nogueira está cá, e nós estamos lá fora num carro à tua espera. Assim que te libertarem daqui,
nós apanhamos-te e voltamos para baixo.”
Para baixo, para aqui para o bar.
Os polícias quando regressam depois do almoço ao pé de mim eu disse-lhes a eles, então vocês disseram que eu estava à vontade e o Ângelo acabou de sair daqui.
Eles ainda correram à rua a ver se encontravam um carro com pessoas lá dentro mas não encontraram nada.
Os cabrões estavam bem refundidos.
Metem-me num carro para me trazerem a Portugal.
Pelo caminho apercebem-se que vamos a ser seguidos,
Um carro escuro que não se conseguia saber quantas pessoas lá vinham dentro.
Eles disseram para eu me baixar porque podia haver tiroteio pelo caminho,
E trouxeram-me até à Serra do Marvão.
Na Serra do Marvão entregaram-me à GNR, primeiro posto da GNR que encontraram porque não podiam entrar mais para dentro,
E disseram aos GNRs que eu tinha de ser escoltada até Viseu, que não podia ir sozinha, que tínhamos sido seguidos.
Passo a noite nessa esquadra, neste postozinho da GNR.
E os espanhóis vão embora.
Fecham-me dentro de uma cela que metia nojo,
Mesmo à portuguesa
Não era nada parecida com a cela de Espanha onde eu passei a noite.
Só tinha um colchão,
Ia para dizer de penas, não é de penas é de barbas de milho, passou a noite toda a picar-me o corpo. Que eu já há anos que não via uma merda daquelas
E nem um cobertor tinha para me tapar.
Ali passei a noite, encolhida, cheia de medo.
Os três guardas na salinha a jogarem.
No dia seguinte, as ordens que eles tinham era para me virem escoltar até Viseu, que já tinham avisado a polícia de Viseu que estava a caminho.
O comandante deles, de manhã chega ao pé de mim e diz-me, “Não faltava mais nada. Que era agora eu ir-te escoltar a Viseu, para já não tenho homens nem viatura para isso, já tens muita sorte se eu te comprar o bilhete.”
E levam-me a Portalegre e compram-me um bilhete de autocarro, e mandam-me sozinha para Viseu no autocarro.
Quando chego a Viseu,
A primeira pessoa que vejo à minha frente assim que saio do autocarro,
É a linda carinha do Ângelo.
Fodasse, acabei de chegar está logo ali à minha frente.
Estou mesmo com sorte.
Ele vira-se para mim e diz-me,
Abre o casaco, mostra-me a arma novamente e só me diz “vamos atravessar o rossio aí de ti que faças sinal a alguém.

Quem se atravessar no nosso caminho já sabes o que é que acontece.
Vamos ter com o Júlio que ele quer ter uma conversa contigo.”
O Júlio estava à nossa espera, um bocado mais à frente.
Assim que entro no carro levo logo um chapadão.
É a recepção.
A seguir pergunta-me o que é que eu tinha dito à polícia espanhola.
Eu continuei a dizer que não tinha dito absolutamente nada.
Ele não ficou nada convencido.
Eu ainda lhe disse, opa se eu tivesse dito alguma coisa à policia espanhola achas que tinhas conseguido vir até Portugal, atrás da policia como vieste?
E mandares o Ângelo estar à minha espera à saída do autocarro? Não achas que se eu tivesse falado,
Que provavelmente o terminal de autocarros estaria cheio de polícias à espera que vocês me viessem buscar novamente?
Ele arranca de carro.
Comigo lá dentro, com o Ângelo,
Leva-me até um pinhal em Tondela.
Ao chegarmos ao pinhal,
Foi enquanto ele teve forças,
Espancou-me até não poder mais,
E puxa pela arma.
O Ângelo foi, apesar de me ter batido bastante,
Mesmo assim protegeu-me bastante do Júlio Nogueira.
Que se calhar se eu caio nas mãos do Júlio Nogueira, sem ter a ajuda do Ângelo, nunca tinha voltado para Portugal viva.
Eu sei que ele puxa da arma e o Ângelo diz-lhe
“epá não vale a pena ela está quase morta.”
Ele tinha me espancado imenso,
Eu só me lembro de ter caído para o chão, ainda ouvi um tiro qualquer,
Mas não me apercebi cem do que é que foi.
O Ângelo disse-lhe a ele, “deixamo-la aqui que ela está quase morta.”
E o Júlio lá pensou melhor, mas ainda lhe disse, “então vamos já embora antes que ela nos cause mais problemas.”
E deixaram-me ali.
Eu não sabia onde é que estava, sabia que estava em Portugal mas não sabia onde.
Sei que passado umas horas acordo,
Abro os olhos, praticamente sem forças, lá consegui andar até encontrar umas bombas de gasolina,
Entro nas bombas o homem ficou assustadíssimo, que eu estava coberta de sangue.
Perguntou-se se eu queria que ele me chamasse uma ambulância, eu disse-lhe que não que só queria que ele me deixasse telefonar.
Telefonei para o meu amigo João,
E pedi-lhe a ele para me ir buscar a Tondela.
O João foi-me buscar,
Dei-lhe as indicações que o homem das bombas me deu,
Ele foi-me lá buscar,
Levou-me para casa dele para eu recuperar das marcas que tinha no corpo.
Eu assim que fiquei melhor fui,
Fui a S. Pedro do Sul visitar o Augusto mas ele não...

Não acreditou naquilo que eu lhe contei e acabou comigo, disse que não queria saber mais de mim.
E então voltei para... pedi ao João para me dar dinheiro,
Que ia voltar para as Caldas da Rainha, para a minha terra.
Só que assim que cheguei às caldas,
Eu já estava limpa, tinham passado quase nove meses, quase um ano.
Já não consumia drogas.
Logo nas primeiras semanas que estive nas Caldas, como tinha dinheiro voltei-me a agarrar.
Como já tinha trabalhado antes,
Como já me tinha prostituído antes,
tive que voltar a fazê-lo.
Até que em dois mil e dois,
A GNR das Caldas vai-me buscar,
E diz-me que eu tinha de ir a Aveiro,
Para ser testemunha no julgamento do Ângelo.
Eu fiquei um bocado admirada e perguntei-lhe ao GNR,
mas só agora é que apanharam o Ângelo?
Os outros tinham sido apanhados, deu na televisão.
Eu tinha visto pela televisão, o Júlio Nogueira, o Álvaro,
Foram apanhados passado um ano, um ano e pouco de eu ter vindo de Espanha.
O Ângelo acho que conseguiu fugir, ir até à Suíça.
Em dois mil e dois quando regressou a Portugal foi quando o prenderam.
Eu fui testemunhar contra ele,
Quando cheguei a Aveiro, ao tribunal, o juiz, quando eu fui prestar depoimento, virou-se para mim e disse-me, “olha,
Só tu e outra moça é que tiveram coragem para vir testemunhar contra essa gente.
Só que a outra moça foi assassinada no hospital de Águeda.
Por isso, tu a partir de hoje, vais regressar à tua terra, mas tem muito cuidado porque essa gente não esquece.
E mesmo estando presos, eles têm sempre alguém que faça o trabalho sujo deles.”
Eu, logo nesse dia, sou deixada em Aveiro,
Os senhores GNRs que me levaram de carro
esqueceram-se de pedir ao juiz para assinar a requisição para me trazerem de volta,
então deixaram-me em Aveiro sozinha para ir sem dinheiro.
Estive lá cinco horas num café à espera que fosse alguém das Caldas da Rainha para me ir buscar.
Eu na altura tinha...
Estava com um rapaz com quem eu vivi algum tempo,
mas como já estava bastante agarrada,
um dia vou comprar uma quarta de heroína e ponho-a em cima da cama.
Eu andava a criar um cabrãozinho de um melro que tinha achado no parque das Caldas,
Ele andava à solta pelo quarto,
e eu chego da rua de comprar a quarta de heroína ponho a quarta em cima da cama
aquilo brilhou, o cabão do melro lembrou-se de engolir aquilo
e agora o que é que eu faço,
dinheiro para comprar mais, não havia, a ressaquinha estava a começar,
virei-me para o meu namorado e disse-lhe, epá, agarra-me esse cabrão,
leva-o à casa de banho,
e abre-o, que eu preciso do que ele engoliu.

Não é que estava lá inteirinha.
Nem picada estava,
O cabrão engoliu-a inteira.
Ficou foi sem vida.
Era daqueles casos que o desespero era tanto que não podia deixar, também era o único dinheiro que eu tinha, não podia deixar que o cabrão me engolissem assim.
Eu regresso à minha vida normal, o meu namorada foi-me buscar a Aveiro, regresso à minha vidazinha normal.
Voltei a ir trabalhar.
Nas Caldas da Rainha, depois de vir de Aveiro,
Passado pouco tempo, pelo Carnaval,
Há uma carrinha que me tenta atropelar quatro vezes,
Passa-me com duas rodas por cima de das pernas, que eu na altura pensei que tivesse sido, porque não era ninguém das Caldas, era pessoal de fora.
E eu pensei que realmente aquilo podia ter relação com o pessoal que eu tinha denunciado à polícia.
Mas depois não se conseguiu provar, a polícia
Não conseguiu indícios de que teriam sido mesmo mandados por alguém, e aquilo acabou por cair no esquecimento.
O meu dia a dia nas Caldas,
Trabalho,
Não trabalho tanto, porque acabei por ver que tinha que pedir ajuda a alguém para largar o vício que tinha.
Vai fazer dois anos em setembro que entrei para um programa de metadona, daí estar muito mais forte agora que aquilo que eu era.
Agora estou mais gordinha.
Vou tendo os meus clientes na mesma.
Este negócio está muito fraco, está muito mau.
Nem para ser puta dá.
A maior parte dos clientes que eu tinha,
Viraram para paneleiros também.
Apesar de eu ser puta e mentirosa, é verdade o que eu estou a dizer.
Há uma paneleirisse tão grande tão grande.
Outros,
São velhotes que não querem usar preservativo e eu esses, tive que os por de lado.
Alias, os casos de sida estão, a aparecer cada vez mais casos em pessoas de idade. E em alguns casinhos também, mas com maior incidência em pessoas dos cinquenta e cinco anos para cima.
Lá está, os velhotes, camisinha é mentira.
E eu, como não... à uma nunca fui uma pessoa descuidada nesse aspecto, à outra, desde que entrei no programa da metadona, graças a deus não preciso de trabalhar tanto.
Vou fazendo o necessário para viver o meu dia a dia, com algumas condições.
Mas sem estar até às quatro e cinco da manhã como eu costumava estar.
Lá está, não preciso para consumir
Temos também alguns clientes que são clientes que, nós não, eu pelo menos não aceito, não saio com eles, que são pessoas extremamente violentas.
São brasileiros e ucranianos.
Esses ucranianos então têm uma maneira,
Primeiro chegam ao pé de nós e pagam-nos,
No fim,

Espancam-nos, tiram-nos o que nos deram e tudo aquilo que agente tiver.
Mas primeiro pagam-nos, são muito simpáticos nesse aspecto.
A primeira coisa que fazem é, agente nem abre a boca,
Tiram logo o dinheirinho e pagam, mas depois tiram-nos aquele e todo o outro que agente tiver.
Uma vez um tentou-me esmigalhar a cabeça com uma pedra ao pé da linha do comboio.
E então, epá brasileiros e ucranianos...
Tenho os meus próprios... fiz a minha selecção de clientes,
E hoje em dia é com eles que eu saio,
Tenho de continuar a sair com eles. Tenho de continuar a trabalhar.
Estou todos os dias ao pé do cemitério.
Levo...
Se alguém me quiser procurar lá está à vontade.
Levo vinte euros por um broche e vinte e cinco por uma fodazinha normal.
E olha,
Agora se não se importam, eu vou-me embora...
Tenho clientes à espera.
Tenham uma boa noite.
Mas olhem, não se esqueçam, eu sou puta e mentirosa.

Anexo II (b) | A Missão

Reprodução das fotocópias utilizadas pela produção

(Heiner Müller, *A Missão e outras peças*. Tradução de Anabela Mendes. Lisboa: Apáginastantas)

King - Paradise@hotmail.com

→ Nina Simone
"The Very Best of"

MOTIVO EM A. S.

Debuisson na Jamaica
Entre peitos negros

Em Paris Robespierre
Com o queixo partido.
Ou Joana D'Arc quando o anjo não apareceu
No fim os anjos nunca aparecem

DANTON MONTE DE CARNE NÃO PODE DAR A RUA
[CARNE]

VEDE VEDE AFINAL A CARNE NA RUA
CAÇA, AO VEADO NOS SAPATOS AMARELOS
Cristo. O diabo mostra-lhe as riquezas do mundo
RENEGA A CRUZ E TUDO SERÁ TEU
Em tempo de traição
São belas as paisagens.

A MISSÃO

RECORDAÇÕES DE UMA REVOLUÇÃO

A peça utiliza motivos do conto de Anna Seghers «A luz sobre a forca».

Galloudec a Antoine. Escrevo esta carta no meu leito de morte. Escrevo em meu nome e em nome do cidadão Sasportas, que foi enforcado em Port Royal. Participo-lhe que tivemos de recusar a missão que a Convenção nos confiou por seu intermédio, uma vez que a não pudemos cumprir. Talvez outros a executem melhor. De Debuisson não voltará a ouvir falar. Ele está bem. É sempre assim. Os traidores passam bem, enquanto os povos se esvaem em sangue. O mundo é assim, e isso não está certo. Queira desculpar a minha letra. Eles amputaram-me uma perna e estou a escrever-lhe cheio de febre. Espero que esta carta o vá encontrar de boa saúde e despeço-me com saudações republicanas.

Marinheiro. Antoine. Mulher.

MARINHEIRO:

O senhor é o cidadão Antoine? Se assim é, está aqui uma carta para si. De um tal Galloudec. Não tenho culpa se a carta já é antiga e talvez o assunto se tenha entretanto resolvido. Fomos retidos pelos espanhóis em Cuba, a seguir pelos ingleses na Trindade, até que o vosso cônsul Bonaparte fez a paz com a Inglaterra. Depois roubaram-me numa rua em Londres, porque estava bêbado, mas não encontraram a carta. Quanto a esse Galloudec: não envelhecerá.

Esticou num hospital em Cuba, meia prisão, meio hospital. Estava lá com uma ferida infectada, eu com febre. LEVA A CARTA. TEM DE CHEGAR AO SEU DESTINO, NEM QUE SEJA A ÚLTIMA COISA QUE FAÇAS, TENS DE FAZÊ-LA POR MIM. Foram as suas últimas palavras. E a morada de um escritório e o seu nome, se o senhor é este Antoine. Mas o escritório desapareceu e de si, se Antoine é o seu nome, já ninguém sabe nada, lá onde era o escritório. Um sujeito que vive numa cave por detrás dos andaimes, mandou-me a uma escola, onde um Antoine terá trabalhado como professor. Mas aí também ninguém sabia dele. Então uma mulher da limpeza disse-me, que o sobrinho dela o tinha visto aqui. Ele é carroceiro. E descreveu-mo, se é que o senhor é o tal.

ANTOINE: Não conheço nenhum Galloudec. — *Perdê*

MARINHEIRO:

Não sei o que é que havia de tão importante para ele nessa carta. Qualquer coisa com uma missão. Que ele teve de recusar, para que outros continuassem o seu trabalho. Que trabalho era, não sei. Só sei que ele ultimamente não falava noutra coisa. A não ser quando gritava e isso eram as dores. Que vinham por fases. E não foi pouco o tempo, até terminar a luta com a morte. O médico disse, que o coração dele era muito forte, ele já há muito que devia estar morto. Por vezes o homem quase não resiste, outras resiste mais. A vida é uma infâmia. O outro, acerca de quem ele fala na carta, um negro, teve uma morte mais rápida. A carta leu-ma ele, Galloudec, para que eu a decorasse, no caso dela desaparecer. E se de facto insiste em não o conhecer, quero contar-lhe o que lhe fizeram e como morreu. O senhor não esteve lá. Primeiro amputaram-lhe uma perna pelo joelho, depois o resto. Foi a esquerda. Depois...

ANTOINE:

Desconheço qualquer missão. Não adjudico missões, não sou nenhum senhor. Ganho o meu dinheiro com *consultas particulares*. É pouco. E já vi carnificinas que cheguem. Conheço bem a anatomia humana. Galloudec.

Mulher com vinho, pão e queijo.

MULHER:

Tens visitas. Vendi uma condecoração. A da Vendaia, onde vocês mataram os camponeses pela República.

ANTOINE:

Sim.

MARINHEIRO:

Pelo que vejo, ainda tem tudo. Ao contrário desse Galloudec, que o senhor não conhece e que está morto e bem morto. O outro chamava-se Sasportas. Enforcaram-no em Port Royal, se é que isso lhe interessa, pela missão, da qual o senhor nada sabe, na Jamaica. A forca fica numa escarpa. Quando estão mortos, cortam a corda e caem ao mar. Do resto encarregam-se os tubarões. Obrigado (pelo vinho.)?

ANTOINE:

Sasportas. Eu sou o Antoine que tu procuravas. Tenho de ter cuidado. A França já não é uma República. O nosso Cônsul tornou-se Imperador e conquista a Rússia. É mais fácil falar-se de uma revolução perdida com a boca cheia. Sangue coagulado em medalhas de lata. Os camponeses não sabiam como fazer melhor, não é verdade? E talvez tivessem razão, não acha? O comércio floresce. Aos do Haiti damos-lhes agora a terra a comer. Foi a República dos negros. A liberdade leva o povo às barricadas, e quando os mortos acordam, ela está de uniforme. Vou revelar-te agora um segredo: ela também não passa de uma puta. O que já me leva a poder rir. Ahahaha. Mas aqui há qualquer coisa vazia que viveu. Eu estava lá, quando o povo assaltou a Bastilha. Estava lá, quando a cabeça do último Bourbon tombou no cesto. Ceifámos as cabeças dos aristocratas. Ceifámos as cabeças dos traidores.

MULHER:

Bela colheita. Já estás outra-vez bêbado, Antoine.

ANTOINE:

Ela não gosta que eu fale dos meus tempos gloriosos. A Gironda temeu na minha presença. Olha bem para ela, a minha França.

Os peitos secos. Entre as coxas o deserto. Um navio fantasma na rebentação de um novo século. Vês como ela enrola? A França precisa de um banho de sangue, e o dia há-de chegar.

Antoine entorna o vinho tinto sobre a cabeça.

MARINHEIRO:

Disso não percebo eu nada. Sou marinheiro, não acredito na política. Por toda a parte o mundo é diferente. Está aqui a carta.

Sai.

ANTOINE grita:

Tem cuidado marinheiro ao saíres de minha casa! Os guardas do nosso ministro Fouché não te perguntam se acreditas em política.

Reve — Galloudec. Sasportas. Onde está a tua perna. Galloudec? Porque é que tens a língua pendurada, Sasportas? O que querem de mim? Que culpa tenho eu do teu coto? E do teu barão? Queres que corte uma perna? Queres que me enforque ao teu lado? Pergunta ao teu Imperador, Galloudec, pela tua perna. Mostra a língua ao teu Imperador, Sasportas. Ele vence na Rússia, posso-vos indicar o caminho. Que querem de mim? (Sumam.) Desapareçam. Vão-se embora. Diz-lhes isso, mulher. Diz-lhes que se devem ir embora. Eu não os quero ver mais. Ainda aí estão? A tua carta chegou, Galloudec. Ei-la. Vocês de qualquer maneira, já não sofrem. VIVA A REPÚBLICA. (Ri). Vocês pensam que a mim a vida me corre bem, não é? Têm fome? Tomem. (Atira comer aos mortos).

MULHER:

Vem deitar-te, Antoine.

Reve **ANTOINE:**

EIS POR POUCO DINHEIRO A ASCENSÃO
ENQUANTO A AGUENTAR PRESA NO PEITO,
ESSE SACANA, O CORAÇÃO

Durante a relação sexual entra o anjo do desespero.

ANTOINE voz:

Quem és tu?

MULHER voz:

Sou o anjo do desespero. Com as minhas mãos distribuo a embriaguez, o atordoamento, o esquecimento, prazer e dor dos corpos. O meu discurso é o silêncio, o meu canto o grito. O medo habita na sombra das minhas asas. A minha esperança é o último sopro. A minha esperança é a primeira batalha. Sou a faca com que o morto abre o caixão. Sou o que há-de vir a ser. O meu voo é a revolta, o meu céu o abismo de amanhã.

Tínhamos chegado à Jamaica, três emissários da Convenção Francesa. Os nossos nomes: Debuissou, Galloudec, Sasportas. A nossa missão, uma revolta de escravos contra a soberania da coroa britânica em nome da República de França. Que é a pátria da revolução, o pavor dos tronos, a esperança dos pobres. Na qual todos os homens são iguais sob o machado da justiça. Que não tem pão para aplacar a fome às massas, mas mãos em número suficiente para levar o estandarte da liberdade, igualdade, fraternidade a todos os países. Estávamos na praça junto ao porto. No meio da praça havia uma jaula. Ouvíamos o vento vindo do mar, o ramalhar forte das folhas de palmeira, o arrastar dos vasculhos de palmeira com que as negras varriam o pó da praça, o gemido do escravo na jaula, a rebentação. Víamos os peitos das negras, o corpo cheio de vergões sangrentos do escravo na jaula, o palácio do governador. Dizíamos: isto é a Jamaica, a vergonha das Antilhas, navio de escravos no mar das Caraíbas.

SASPORTAS:

Até termos terminado a nossa tarefa.

GALLOUDEC:

Podes começar imediatamente. Não vieste para libertar os escravos? Aquele ali na jaula é um escravo. E amanhã estará morto, se hoje não for libertado.

DEBUISSON:

Expõem-nos numa jaula, quando tentaram fugir ou por outros crimes, como intimidação, até o sol acabar com eles. Já era assim

a um só!
quando eu saí da Jamaica, há dez anos. Não olhes Sasportas, ~~porque~~
não podemos dar ajuda.

GALLOUDEC:

Um só a
Morre sempre apenas ~~uma~~. E depois contam-se os mortos.

DEBUISSON:

A morte é a máscara da revolução. *Todos ou nenhum.*

SASPORTAS:

Quando eu me for embora daqui, outros serão pendurados na jaula, com pele branca até o sol a transformar num carvão. Então muitos serão ajudados.

GALLOUDEC:

Talvez seja melhor montarmos uma guilhotina. É mais asseado. A guilhotina é a que limpa.

DEBUISSON:

A amante das massas.

SASPORTAS:

Sou da opinião que, para uma pele branca, não há como uma jaula, quando o sol está bem alto.

GALLOUDEC:

Cidadão Sasportas, não estamos aqui para nos agredirmos uns aos outros com a cor da nossa pele.

SASPORTAS:

Não somo iguais até termos tirado a pele uns aos outros.

DEBUISSON:

Isso foi um péssimo começo. Punhamos as nossas máscaras. Eu sou aquele que fui: Debuisson, filho de um possuidor de escravos na Jamaica, herdeiro de uma plantação com quatrocentos escravos. Regressado ao seio da família para entrar na posse da sua herança, de uma Europa com o céu encoberto, perturbado pelo fumo dos incêndios e pelo vapor sangrento da nova filosofia, no ar puro das Caraíbas, depois dos pavores da revolução lhe terem aberto os olhos

para a verdade eterna, de que tudo o que é velho é melhor do que o novo. Além do mais sou médico, um ajudante da humanidade, sem olhar a quem, quer sejam senhores ou escravos. Curo um pelo outro, para que tudo permaneça como está, enquanto isso dura, a minha cara é a cara rosada do detentor de escravos, que nada tem a recear no mundo, a não ser a morte.

SASPORTAS:

E os seus escravos.

DEBUISSON:

Quem és tu, Galloudec?

GALLOUDEC:

Um camponês da Bretanha, que aprendeu a odiar a revolução sob a chuva sangrenta da guilhotina. Que gostaria que a chuva tivesse caído mais abundantemente, não só sobre a França, fiel servidor de Sua Excelência o senhor Debuisson. E acredito na ordem sagrada da monarquia e da igreja. Espero não ter de vir a rezar muitas vezes esta ladainha.

DEBUISSON:

Galloudec, afastaste-te do papel duas vezes. Quem és tu?

GALLOUDEC:

Um camponês da Bretanha, que aprendeu a odiar a Revolução sob a chuva sangrenta da guilhotina. Fiel servidor de Sua Excelência o senhor Debuisson. Acredito na ordem sagrada da monarquia e da igreja.

SASPORTAS *parodiando*:

Acredito na ordem sagrada da monarquia e da igreja, acredito na ordem sagrada da monarquia e da igreja.

DEBUISSON:

Sasportas. A tua máscara.

GALLOUDEC:

A ti não te deve ser difícil, Sasportas, com a tua pele negra representares o escravo.

In Co.

antel-me -ao

avatura. Sou

allowdec.

1000

é escrito na

la scelta ha

ovo alfabeto

500 anatolito

to be confirmed.

é bom. Os

volução.

Οὐκ ἔστιν.

2. 1982.

1

30

26

5

é a marsehesa dos corpos, sobre os quais se construirá o novo mundo. Aprendam a melodia. Ouvi-la-emos ainda por algum tempo. Quer queiramos quer não. É a melodia da revolução, do nosso trabalho. Nesta jaula muitos morrerão, antes de o nosso trabalho se ter completado. Nesta jaula muitos morrerão, porque fazemos o nosso trabalho. É isso o que fazemos pelos nossos semelhantes com o nosso trabalho, e talvez apenas isso. O nosso lugar é a jaula, se as nossas máscaras se desfizerem antes de tempo. A revolução é a máscara da morte. A morte é a máscara da revolução.

Entra um negro gigantesco.

DEBUISSON:

Este é o escravo mais antigo da minha família. É surdo e mudo, qualquer coisa entre homem e cão. Cuspirá na jaula. Talvez tu também devesse fazer isso, Sasportas, para que aprendas a odiar a tua pele negra, para a altura em que precisarmos dela. Depois beijar-me-á os pés, já se lambe, estão a ver e transportar-me-á às costas, a mim, seu velho e novo senhor para a casa dos meus antepassados, grunhindo numa sensação de deleite. A família abre o seu regaço, amanhã começa o nosso trabalho.

O negro gigantesco cospe para dentro da jaula, olha para Sasportas, curva-se perante Galloudec, beija os sapatos a Debuissou e leva-o para fora de cena às costas. Galloudec e Sasportas seguem-no.

A REVOLUÇÃO É A MÁSCARA DA MORTE A MORTE É A
MÁSCARA DA REVOLUÇÃO A REVOLUÇÃO É A MÁSCARA
DA MORTE A MORTE É A MÁSCARA DA REVOLUÇÃO A
REVOLUÇÃO É A MÁSCARA DA MORTE A MORTE É A
MÁSCARA DA REVOLUÇÃO A REVOLUÇÃO É A MÁSCARA
DA MORTE A MORTE É A MÁSCARA DA REVOLUÇÃO A
REVOLUÇÃO É A MÁSCARA DA MORTE A MORTE É A
MÁSCARA DA REVOLUÇÃO A REVOLUÇÃO É A

Regresso do filho pródigo. O pai e a mãe encontram-se num armário aberto. O PrimeiroAmor está num trono. Debuissou, Sasportas, Galloudec são despidos e disfarçados por escravos. Debuissou de detentor de escravos, Galloudec de guarda com chicote, Sasportas de escravo.

PRIMEIROAMOR:

O Vitorzinho brincou às revoluções. Regressa agora ao seio da família. Para o pai com o crânio carunchoso. Para a mãe cheirando a flores apodrecidas. Magoaste-te Vitorzinho? Aproxima-te mais e mostra as tuas feridas. Já não me conheces? Vitorzinho, não precisas ter medo. De mim. Do teu primeiro amor. Que enganaste com a revolução, o teu segundo amor coberto de sangue. Com quem rolaste no esgoto durante dez anos em concorrência com a população. Ou em capelas mortuárias onde ela conta as suas presas. Sinto o seu cheiro a esterco. Lágrimas, Vitorzinho. Amaste-a assim tanto? Ah, Debuissou! Avisei-te. Ela é uma puta. A serpente com a cloaca ávida de sangue. A escravatura é uma lei natural, velha como a humanidade. Porque é que a revolução há-de acabar com ela? Olha para os meus escravos, meus e teus, a nossa propriedade. Durante toda a vida foram animais. Porque é que têm de ser seres humanos? Porque em França isso consta num papel? Praticamente ilegível de tanto sangue, mais do que correu aqui pela escravatura, na tua e na minha bela Jamaica. Vou contar-te uma história: em Barbados um dono de uma plantação foi espancado dois meses depois da abolição da escravatura. Os seus libertadores vieram tem com ele. Iam de joelhos como na igreja. E sabes o que queriam? Voltar para a protecção da escravatura. Assim é o ser humano: a sua primeira casa é a mãe, uma prisão. (*Os escravos levantam as saias por cima da cabeça da mãe que está no armário*). Aqui se abre ela, a casa, aqui ele boceja, o seio da família. Se quiseses regressar, basta uma palavra, e ela mete-te lá dentro, a idiota, a mãe eterna. O pobre homem em Barbados, não teve tanta sorte. Espancaram-no até à morte com varapaus, os seus Não-Mais-Escravos, como se ele fosse um cão raivoso, porque não os recebera, vindos da primavera fria da sua liberdade sob o chicote amado. Agrada-te a história,

cidadão Debuissou? A liberdade habita nas costas dos escravos, a igualdade sob o machado. Vitorzinho, queres ser meu escravo? Amas-me? Estes são os lábios que te beijaram. (*A escrava pinta-lhe uma boca enorme*). Eles recordam-se da tua pele, Victor Debuissou. Estes são os peitos que te aqueceram, Vitorzinho. (*A escrava pinta-lhe os bicos do peito, etc.*) Não esqueceram a tua boca nem as tuas mãos. Eis a pele que bebeu o teu suor. Eis o regaço que recebeu o teu sêmen, que queima o meu coração. (*A escrava pinta-lhe um coração azul*). Vês a chama azul. Sabes como é que em Cuba se apanham os escravos evadidos? Apanham-se com cães de caça. E é da mesma maneira que eu pretendo recuperar, cidadão Debuissou, aquilo que a tua puta, a Revolução, me roubou, a minha propriedade. (*Os escravos, como cães, acompanhados por Galloudec com o chicote e pelo espectro do pai assulando estes, presseguem Debuissou*). Com os dentes dos meus cães quero abocanhar da tua carne manchada o rasto das minhas lágrimas, o meu suor, os meus gritos de prazer. Quero talhar o meu vestido de noiva com as pontas das suas unhas na tua pele. Quero transformar a tua respiração, que sabe a cadáveres de reis, em linguagem de tortura, que pertence aos escravos. Quero comer o teu sexo e dar à luz um tigre, que devore o tempo, cujas horas fazem bater o meu coração vazio, por onde passam as chuvas dos trópicos. (*A escrava coloca-lhe uma máscara de tigre*). ONTEM COMECEI POR TE MATAR, MEU CORAÇÃO / AGORA AMO O TEU CADÁVER / QUANDO EU MORRER / O MEU PÓ GRITARÁ POR TI /. Quero oferecer-te esta cadela, Vitorzinho, para que a enchas com o teu sêmen corrompido. E antes disso quero deixá-la chicotear para que o vosso sangue se misture. Amas-me, Debuissou? Não se deve deixar uma mulher sozinha.

Os escravos tiram o chicote a Galloudec, fecham o armário, desmaquilham o PrimeiroAmor, sentam Debuissou no trono, o PrimeiroAmor como banqueta. Transformam Galloudec e Sasportas em Danton e Robespierre. O teatro da revolução está aberto: enquanto os dois actores e o público se colocam nos seus lugares, ouvê-se de dentro do armário o diálogo dos pais. PAI: Isto é a ressurreição

da carne. Pois o verme roí eternamente e o fogo não se extingue. MÃE: Ele fornicava novamente por aí. Partiu-se o coração, clic claque, estão a ver? PAI: Ofereço-ta, meu filho. Ofereço-te ambas, preta e branca. MÃE: Tira-me a faca da barriga. Vocês putas pintadas. PAI: De joelhos, canalha, e pede a bênção a tua mãe. MÃE: NOS MONTES JÁ SOPRA O VENTO NOS CÉUS / MARIA ESQUARTEJA O FILHO DE DEUS. Para casa a caminho da Gronelândia. Venham meus filhos. Aí o sol aquece todos os dias. PAI: Calem-me a boca a essa idiota.

SASPORTASROBESPIERRE:

Vai para o teu lugar, Danton, no pelourinho da história. Vede o parasita, que engole o pão dos famintos. O libertino, que viola as filhas do povo. O traidor, que torce o nariz com o cheiro do sangue, com que a revolução purifica o corpo da nova sociedade. Queres que te diga, porque é que não podes ver mais sangue, Danton? Falaste em revolução? A tua revolução foi a maneira de agarrar o tacho. A porta aberta no bordel. Foi por isso que te pavoneaste na tribuna sob os aplausos da população? O leão que lambê as botas aos aristocratas. Sabe-te bem o cuspido dos Bourbons? A monarquia aquece-te o cu? Falaste em ousadia? Bem podes abanar a tua juba empoadada. Só escarnecerás da virtude até ao dia em que a tua cabeça cair sob o machado da justiça. Não podes dizer que não te avisei, Danton. Será agora a vez da guilhotina falar contigo, a sublime descoberta da nova era, que passará por cima de ti, como por cima de todos os traidores. Compreenderás a sua linguagem, falaste-a bem em Setembro. (*Os escravos atiram abaixo a cabeça de Danton em Galloudec. Atiram-na uns aos outros. Galloudec consegue apanhá-la. Aperta-a debaixo do braço*). Porque é que não apertas a tua bela cabeça entre as pernas, Danton, onde por entre os piolhos da tua desordem e os abscessos dos teus vícios se encontra a tua inteligência.

(*Sasportas empurra a cabeça de Danton de debaixo do braço de Galloudec. Galloudec consegue a cabeça, coloca-a.*)

GALLOUDECDANTON:

Agora é a minha vez. Vêem o macaco com a queixada partida? O sugador de sangue, que não pode sustentar a baba. Encheste demasiado a boca. Mais íntegro com o teu saber de virtude. É este o agradecimento da mãe pátria: um murro de guarda. (*Escravos arrancam a Sasportas a faixa do queixo da cabeça de Robespierre, a queixada cai por terra. Entretanto Sasportas procura a faixa do queixo e a queixada*). Caiu-te alguma coisa? Falta-te algo? A propriedade é roubo. Sentes o vento no pescoço? É a liberdade. (*Sasportas voltou a encontrar a faixa do queixo e a queixada e completa a cabeça de Robespierre*). Tem cuidado Robespierre, para que a tua cabeça astuta não desapareça com o amor do povo. Disseste revolução? Como, o machado da justiça? A guilhotina não dá pão ao povo. Economia Horácio, economia. (*Escravos tiram a Sasportas a cabeça de Robespierre e usam-na como uma bola de futebol*). Isto é a igualdade. VIVA A REPÚBLICA. Eu não te disse: és o próximo. (*Entra no jogo de futebol dos escravos*). Isto é a fraternidade. (*Sasportasrobespierre chora*). O que é que tens contra o futebol? Entre nous: deverei dizer-te porque é que estavas tão interessado na minha cabeça? Aposto que se baixares as calças, sai pó. Minhas senhoras e meus senhores. O teatro da revolução começou. A atracção (da noite): o homem sem abdómen. Maximiliano o Grande. A virtude em pessoa. O peidador de poltrona. O engraxador de Arras. O sangrento Robespierre.

SASPORTASROBESPIERRE coloca novamente a cabeça:

O meu nome está no panteão da história.

GALLOUDECDANTON:

NA FLORESTA ESTÁ UM ANÃO MUITO QUIETO
E CALADO

DE PÚRPURA É O SEU MANTO E NÃO
DE BROcado

SASPORTASROBESPIERRE:

Parasita, sífilítico, servo de aristocrata.

GALLOUDECDANTON:

Hipócrita, eunuco, lacaio de Wall Street.

SASPORTASROBESPIERRE:

Porco.

GALLOUDECDANTON:

Hiena.

(À pancada conseguem tirar as cabeças um ao outro. Debuissou aplaude. Escravos puxam-no do trono. Sentam aí Sasportas. Galloudec faz de banquetta. Coroação de Sasportas.)

SASPORTAS:

O teatro da revolução branca terminou. Condenamos-te à morte, Victor Debuissou. Porque a tua pele é branca. Porque os teus pensamentos, sob essa pele branca, são brancos. Porque os teus olhos viram a beleza das nossas irmãs. Porque as tuas mãos tocaram a nudez das nossas irmãs. Porque em pensamento lhes comeste os peitos, o ventre, a vulva. Porque és um proprietário, um senhor. É por isso que te condenamos à morte, Victor Debuissou. As cobras hão-de comer a tua merda, os crocodilos o teu cu, as piranhas os teus testículos. *(Debuissou grita)*. A vossa miséria está em que não conseguem morrer. Daí que destruam tudo o que vos rodeia. Pelas vossas ordens defuntas, em que o êxtase não tem lugar. Pelas vossas revoluções sem sexo. Amas esta mulher? Vamos levá-la, para que morras melhor. Quem nada possui, morre melhor. O que é que ainda te pertence? Diz depressa, a nossa escola é o tempo, que já não volta mais. Aí nem há lugar para didácticas. Quem não aprende, morre na mesma. A tua pele. A quem a tiraste? A tua carne é a nossa fome. O teu sangue esvazia as nossas veias. Os teus pensamentos, não é? Quem se esforça pelas vossas filosofias? Até a tua urina e a tua merda são exploração e escravatura. Para não falar já do teu sémen: destilação de corpos mortos. Nada mais te pertence agora. Agora não és nada. Podes enfim morrer. Entrem-no.

Encontro-me entre homens que não conheço, num velho elevador em que as peças metálicas rangem durante a subida. Estou vestido

como um empregado ou como um operário em dia de festa. Pus mesmo uma gravata, o colarinho incomoda-me no pescoço, estou a suar. Quando mexo a cabeça, o colarinho estrangula-me o pescoço. Tenho um encontro marcado com o chefe (em pensamento chamo-lhe o Número Um), o seu escritório é no quarto andar, ou era o vigésimo; mal penso nisso, deixo imediatamente de ter certezas. A notícia do meu encontro marcado com o chefe (a quem em pensamento chamo o Número Um) chegou-me à cave, uma enorme área com salas de betão vazias e placas indicando os abrigos contra bombardeamentos. Calculo que se trata de uma missão, que me vai ser comunicada. Verifico a posição da minha gravata e aperto o nó. Gostaria de ter um espelho para poder com os olhos verificar o cair da gravata. É impossível perguntar a um estranho como é que está o nó da gravata. As gravatas dos outros homens no elevador acentam impecavelmente. Alguns deles parecem conhecer os outros. Falam baixinho sobre qualquer coisa, que eu não percebo. Mas esta conversa deve ter-me distraído: na paragem seguinte leio aterrorizado o número oito no indicador do andar por cima da porta do elevador. Já fui longe de mais, ou ainda tenho mais de metade do caminho à minha frente. Determinante é o factor tempo. SE NÃO QUERES CHEGAR ATRASADO / VEM CINCO MINUTOS ADIANTADO. Da última vez que olhei para o meu relógio de pulso, marcava dez. Lembro-me como me senti aliviado: ainda faltam quinze minutos para o meu encontro com o chefe. Quando voltei a olhar só tinham passado cinco minutos. Quando volto agora a olhar para o relógio entre o oitavo e o nono andar, ele marca exactamente catorze minutos e quarenta e cinco segundos depois das dez: já nem vale a pena pensar na verdadeira pontualidade, o tempo não trabalha mais a meu favor. Reflecto rapidamente na minha situação: posso sair na próxima paragem possível e descer as escadas a três e três, até ao quarto andar. Se for o andar errado, isso significa naturalmente uma perda de tempo praticamente irrecuperável. Posso continuar no elevador até ao vigésimo andar, e se o escritório do chefe não for aí, volto de novo para o quarto andar, partindo do princípio que o elevador não cai, ou desço as escadas (três degraus de cada vez), embora

assim possa partir as pernas ou o pescoço, exactamente porque estou com pressa. Já me estou a ver estendido numa maca, que a meu pedido foi trazida para o escritório do chefe e que será colocada em frente à sua secretária, ainda pronto a servir mas inapto. Por agora tudo converge para a questão a que o meu desleixo não permite responder antecipadamente, em que andar é que o chefe (a quem eu em pensamento chamo o Número Um) está à minha espera com uma missão importante. (Deve ser uma missão importante, porque senão ter-ma-ia comunicado através de um subalterno). Uma rápida olhadela ao relógio esclarece-me irrefutavelmente sobre o facto, de que para a simples pontualidade já há muito que é tarde, embora o nosso elevador, tal como da segunda olhadela, ainda não tenha chegado ao décimo segundo andar: o ponteiro das horas marca as dez, o dos minutos cinquenta, quanto ao dos segundos, já nem vale a pena pensar neles. Parece que há qualquer coisa que não bate certo, mas para comparar as horas já não há tempo: estou sozinho no elevador, sem me ter apercebido onde é que os outros senhores saíam. Com um medo que se agarra às raízes do meu cabelo, observo o meu relógio, de onde não posso mais tirar os olhos. Os ponteiros deslocam-se em círculo no mostrador dos números a uma velocidade cada vez maior, de tal modo que entre um pestanejar e outro, passam cada vez mais horas. Tenho a certeza de que já há muito algo não bate certo: com o meu relógio, com este elevador, com o tempo. Entro em especulações fantásticas: a gravitação diminui, uma perturbação, uma espécie de solavanco da rotação terrestre, como se fosse uma câimbra no futebol. Tenho pena de saber tão pouco de física para poder resolver cientificamente a contradição gritante entre a velocidade do elevador e a velocidade do tempo, que o meu relógio marca. Porque é que não me preocupei com isso na escola? Ou li os livros errados: Poesia em vez de Física. Houve um descontrolo no tempo e algures no quarto ou no vigésimo andar (a alternativa corta-me o cérebro desleixado como uma faca) o chefe (a quem eu em pensamento chamo o Número Um) espera numa sala, provavelmente ampla e com uma tapete pesada por detrás da sua secretária, que talvez se oncontre junto à parede estreita do fundo, face à entrada, espera,

por mim, um falhado, com a minha missão. O mundo talvez se desfaça e a minha missão que era tão importante, que o chefe me queria comunicar pessoalmente, deixou de ter sentido por causa do meu desleixo, SEM INTERESSE, na linguagem dos funcionários que eu aprendi tão bem (ciência supérflua!), EM PROCESSOS que ninguém mais verá, porque ele acabou de encontrar a última medida possível contra o desmoronamento, que eu começo agora a viver, encerrado neste elevador enlouquecido com o meu relógio de pulso enlouquecido. Sonho desesperado dentro do sonho: tenho a capacidade, de ao ~~me~~ dobrar simplesmente sobre mim próprio, transformar o meu corpo num projectil, que atravessando o tecto do elevador, ultrapasse o tempo. Frio despertar no lento elevador para olhar o relógio apressado. Imagino o desespero do Número Um. O seu suicídio, a sua cabeça, cujo retrato ornamenta todas as repartições, sobre a secretária. Sangue jorrando de um buraco escurecido na fonte (talvez a direita). Não ouvi nenhum tiro, mas isso não prova nada. As paredes do seu escritório são com certeza à prova de som. Ao construir-se o edifício previram-se incidentes, e o que se passa no escritório do chefe, não diz respeito à população. O poder está só. Saio do elevador na paragem seguinte e encontro-me sem missão, de gravata desnecessária ainda ridiculamente posta por baixo do queixo, numa rua de aldeia no Peru. Lama ressequida com marcas de carros. De ambos os lados da rua segue-se uma planície árida com raros vestígios de erva e manchas de arbustos cinzentos imprecisos para lá do horizonte, sobre o qual uma montanha flutua em névoa. À esquerda da rua uma construção abarracada, parece abandonada, as janelas, buracos negros com restos de vidro. Diante de uma parede com cartazes publicitando produtos de uma civilização estrangeira, encontram-se dois enormes habitantes. Das suas costas sai uma ameaça. Penso se devo voltar para trás, ainda não fui visto. Nunca tinha pensado, que durante a minha subida desesperada para o chefe, pudesse ter saudades do elevador, que era a minha prisão. Como é que eu posso explicar a minha presença nesta terra de ninguém? Não tenho nenhum páraquedas para mostrar, nem nenhum avião ou destroços de automóvel. Quem é que acredita que cheguei de um elevador ao Peru,

à minha frente e atrás de mim a rua, ladeada pela planície que se perde no horizonte? Como será possível haver um entendimento, não conheço a língua deste país, poderia perfeitamente ser surdo mudo. Talvez seja melhor eu fazer de surdo mudo: talvez haja compaixão no Peru. A mim só me resta a fuga, assim espero, para o vazio dos homens, talvez de uma morte para outra, mas à fome prefiro a faca do assassino. De qualquer maneira estou sem meios para me libertar, com o meu pecúlio reduzido em moeda estrangeira. O destino nem sequer me permite morrer em serviço. O meu caso é uma causa perdida. Sou funcionário de um chefe falecido. A minha missão foi decidida no seu cérebro, que não produzirá mais nada, até que sejam abertos os cofres da eternidade, cuja combinação os sábios do mundo procuram descobrir deste lado da morte. Oxalá não seja tarde quando eu desatar o nó da minha gravata, cuja posição correcta me custou tanto suor, quando me ia encontrar com o chefe, e deixo esta estranha peça de vestuário desaparecer com o meu casaco. Quase que estive para a deitar fora, uma pista. Ao voltar-me, vejo pela primeira vez a aldeia; lama e palha, através de uma porta aberta, uma rede de descanso. Tenho suores frios ao pensar que podia estar a ser observado dali, mas não descortino qualquer sinal de vida. O único ser em movimento é um cão, que remexe num montão de lixo fumegante. Hesitei demais: os homens afastam-se da parede de cartazes e vêm em diagonal pela rua direitinhos a mim, primeiro sem me olharem. Vejo os rostos por cima de mim, um deles indistintamente negro, os olhos brancos, o olhar indefinível: os olhos não têm pupilas. A cabeça do outro é de prata cinzenta. Um olhar prolongado e silencioso, de olhos cuja cor não posso precisar, qualquer coisa vermelha cintila neles. Por entre os dedos da pesada mão direita pendente, que também parece ser de prata, passa uma contracção, os vasos sanguíneos brilham devido ao metal. O prateado passa por mim, seguido do negro. O meu medo desaparece e dá lugar a uma desilusão: será que não valho uma faca ou a estranguladela de mãos de metal? Não havia no olhar silencioso que à distância de cinco passos me atingia, qualquer coisa como o desprezo? Que crime cometi eu? Afinal o mundo não acabou, pressupondo que

isto não é um outro mundo. Como é que se cumpre uma missão desconhecida? O que é que a minha missão pode ser nesta região desértica para lá da civilização? Como é que o funcionário pode saber o que vai na cabeça do chefe? Não há ciência no mundo que puxe dos meandros do cérebro do defunto a minha missão perdida. Com ela será enterrado. As exéquias oficiais que talvez já se estejam a realizar, não garantem a ressurreição. Qualquer coisa como serenidade espalha-se em mim. Ponho o casaco sobre o braço e desabotoo a camisa: o meu passo é um passeio. À minha frente segue o cão pela rua, uma mão travessa no focinho, os dedos viram-se para mim, parecem queimados. Com uma ameaça que não me é dirigida, atravessam-se jovens no meu caminho. No ponto em que a rua se perde na planície, está uma mulher na posição de quem espera por mim. Estendo os braços para ela. Há quanto tempo não tocam numa mulher — e ouço uma voz masculina dizer: **ESTA MULHER É A MULHER DE UM HOMEM**. O tom é definitivo e eu continuo. Quando olho para trás, a mulher estende os braços para mim e desnuda os peitos. Numa linha férrea coberta de erva, dois garotos entretêm-se com qualquer coisa entre máquina a vapor e locomotiva, que se encontra numa via interrompida. Eu, europeu, vejo à primeira vista que o seu esforço é em vão: esta viatura não se moverá, mas não digo isso às crianças, trabalho é esperança, e continuo pelo campo fora, onde não há quaisquer indícios de actividade, a não ser esperar pelo desaparecimento do ser humano. Conheço agora a minha determinação. Deito fora as minhas roupas, as aparências já nada valem. Qualquer dia O OUTRO virá ao meu encontro, o antípoda, o duplo, com o meu rosto de neve. Um de nós há-de sobreviver.

Debuisson. Galloudec. Sasportas.

DEBUISSON (dá a Galloudec um papel. Galloudec e Sasportas lêem-no): O governo que nos encarregou da missão de organizar aqui na Jamaica uma revolta de escravos, já não está em funções. O general Bonaparte dissolveu o Directório com as baionetas dos seus soldados de infantaria. A França é Napoleão. O mundo trans-

formar-se-á no que foi, uma pátria para senhores e escravos. (*Galloudec amachuca o papel*). O que é que vos faz arregalar os olhos? A nossa firma já não consta do anuário comercial. Está falida. A mercadoria que temos para vender, pagável na moeda do país — lágrimas, suor e sangue — já não se negocia neste mundo. (*Rasga o papel*). Liberta-nos da nossa missão. A ti, Galloudec, o camponês da Bretanha. A ti, Sasportas, o filho da escravatura. A mim, Debuissou.

SASPORTAS *baixo*:

O filho do possuidor de escravos.

DEBUISSON:

A cada um a sua própria liberdade ou escravatura. Sasportas, a nossa representação terminou. Tem cuidado quando te desmaquihares, Galloudec. A tua pele é capaz de vir atrás. A tua máscara, Sasportas, é o teu rosto. O meu rosto é a minha máscara. (*Cobre o rosto com as mãos*).

GALLOUDEC:

Isso é demasiado rápido para mim, Debuissou. Sou um camponês, não posso pensar tão depressa. Arrisquei a minha cabeça durante um ano e mais, matei-me a falar em reuniões secretas, passei armas por entre cordões de mastins, tubarões e denunciadores (bufos), fiz de idiota nas mesas dos carrascos ingleses, como se fosse teu cão, torrei ao sol e a febre dilacerou-me neste maldito continente sem neve, tudo por causa desta massa amorfa de carne negra, que só é capaz de se mexer sob a força da bota, e o que é que eu tenho a ver com a escravatura na Jamaica, pensando bem, eu sou francês, espera Sasportas, eu estou disposto a transformar-me num negro se conseguir entender porque razão é que tudo isto deixou de ser verdade e foi esquecido e não haverá mais nenhuma missão, só porque em Paris um general dá um espirro. Ele nem sequer é francês. Mas quem te ouve falar, Debuissou, poderia pensar que estiveste todo o tempo à espera deste general Bonaparte.

DEBUISSON:

Talvez eu tenha estado mesmo à espera deste general Bonaparte. Tal como metade da França esperou por ele. A revolução cansa,

Galloudec. Enquanto os povos dormem, os generais levantam-se e quebram o jugo da liberdade, que é tão difícil de suportar. Notas como ele te arqueia os ombros, Galloudec?

SASPORTAS:

Penso, que também não te entendo, Debuissou. Nunca mais. O mundo uma pátria para senhores e escravos. Os escravos não têm pátria, cidadão Debuissou. E enquanto houver senhores e escravos, não estamos desligados da nossa missão. O que é que tem em Paris um golpe de estado de um general a ver com a libertação dos escravos na Jamaica, que é a nossa missão? Dez mil homens aguardam a nossa ordem, a tua, se quiseres. Mas não tem de ser a tua voz, que dá a ordem. Eles não dormem, não esperam nenhum general. Estão prontos a matar e a morrer pelo teu JUGO DA LIBERDADE, com que sonharam toda a vida, que é uma morte quotidiana, como se fosse uma amante desconhecida. Não perguntam pela qualidade dos seus peitos ou pela virgindade da sua vagina. Em que é que Paris interessa a estes homens, um longínquo amontoado de pedra, que durante algum tempo foi a metrópole da sua esperança. O quê a França? Um país onde o sol não pode matar, onde o sangue teve durante algum tempo a cor da aurora, num continente pálido para além do tumulto da Atlântida. Do vosso General, cujo nome já esqueci, não se falará mais, quando o nome do libertador de Haiti vier em todos os livros escolares.

Debuissou ri.

SASPORTAS:

Ris.

DEBUISSON:

Rio, Sasportas, pergunta-me porquê.

SASPORTAS:

Pode ser que não te tenha compreendido novamente. Não sei se te deverei matar ou pedir-te desculpa.

DEBUISSON:

Faz o que quiseres, Sasportas.

SASPORTAS *ri*:

Ah, Debuissou! Pensei por um momento que o que dizes, é o que pensas. Eu devia ter sabido isso. Devia ter sabido que isto era uma prova. Não passei a prova, não é? Cada um de nós tem de ser frio como uma faca, quando é dado o sinal e a batalha começa. Não é o medo que me faz vibrar os nervos, mas a alegria da dança. Oíço os tambores antes deles serem tocados. Oíço com os poros. A minha pele é negra. Mas duvidei de ti e isso não é bom. Desculpa-me, Debuissou. Mergulhaste as mãos no sangue pela nossa causa. Vi que isso te foi difícil. Admiro-te por ambas, Debuissou, pois aquele que tinha de ser morto, para que não traísse a nossa causa, era meu semelhante, e precisava da sua morte face à tortura seguinte, pela qual tu o devias curar dos efeitos da primeira, como médico e ajudante da humanidade, mas ele disse: mata-me para que eu não possa trair, e tu mataste-o pela nossa causa, como médico e revolucionário. (Sasportas abraça Debuissou).



DEBUISSON:

Não precisas desculpar-te, Sasportas. Não foi nenhuma prova. Os nossos nomes nunca virão nos livros escolares e o teu libertador de Haiti, onde agora os negros libertos carregam sobre os mulatos livres ou vice versa, vai ter de esperar muito por um lugar no livro da História. Entretanto Napoleão transformará a França numa caserna e a Europa talvez num campo de batalha, de qualquer modo o comércio floresce e a paz com a Inglaterra não tardará, o que une a humanidade são os negócios. A revolução já não tem pátria, isto não constitui novidade sob este sol que talvez não venha a iluminar uma terra nova, a escravatura tem muitas caras, a sua última ainda nós não vimos, tu não, Sasportas, e nós também não Galloudec, e provavelmente, aquilo que nós tomámos pela aurora da liberdade, não passava da máscara de uma nova escravatura ainda mais horrível; comparada com ela, a lei do chicote nas Caraíbas e noutros lugares é uma quase agradável antecipação das delícias do paraíso e possivelmente a tua amante desconhecida, a liberdade, quando as suas máscaras estiverem gastas, não terá decerto nenhum outro rosto, senão o da traição: aquilo que não atraíçoares hoje,

matar-te-á amanhã. Do ponto de vista da medicina humana, a revolução é um nado-morto, Sasportas: da Bastilha para a Conciergerie (prisão) o libertador transformar-se-á em guarda da prisão. MORTE AOS LIBERTADORES é a última verdade da revolução. E quanto ao meu homicídio ao serviço da nossa causa: o médico como assassino não é uma personagem nova no teatro da sociedade, a morte não significa assim tanto para o ajudante da humanidade: é um outro estado químico. Até à vitória do deserto, toda a ruína é um espaço de construção contra as garras do tempo. Talvez só tenha lavado as mãos, Sasportas, quando as mergulhei em sangue pela nossa causa, a poesia foi sempre a linguagem da inutilidade, meu amigo negro. Agora temos outros cadáveres sobre a nuca, e serão a nossa morte, se não os empurrarmos para a cova. A tua morte chama-se liberdade, Sasportas, a tua morte chama-se fraternidade, Galloudec, a minha morte chama-se igualdade. Eles deixavam-se montar bem, quando ainda eram os nossos cavalos, envolvidos pelo vento de amanhã. Agora sopra o vento de ontem. Os cavalos somos nós. Sentem as esporas na carne? Os nossos cavaleiros têm bagagem: os cadáveres do terror, pirâmides da morte. Sentem o peso? Cada dúvida que perpassa pelos nossos cérebros, fá-los pesar mais. Uma revolução não tem tempo de contar os seus mortos. E nós precisamos agora do nosso tempo, para liquidarmos a revolução negra, que preparámos tão cuidadosamente em nome de um futuro que voltou a ser passado como os que o antecederam. Porque é que o futuro só surge isoladamente na nossa linguagem, Galloudec? Com os mortos talvez seja de outra maneira, se é que o pó tem uma voz. Pensa nisso, Sasportas, antes de arriscares a tua cabeça pela libertação dos escravos num abismo, que deixou de ter fundo com esta notícia que eu agora assumo, para que do nosso trabalho não restem marcas. Também querem um pedaço? Foi essa a nossa missão, já só sabe a papel. Amanhã seguirá o caminho que outras já seguiram, toda a ascensão tem uma direcção e provavelmente a estrela já vem a caminho dos frios do universo, um meteoro de gelo ou de metal que faz o buraco definitivo no fundo dos factos, onde nós continuamos a plantar as nossas débeis esperanças. Ou o próprio frio que enregela o nosso ontem e ama-

na num hoje eterno. Porque é que não nascemos árvores, Sasportas, a quem nada disto afecta? Ou preferias ser um monte? Ou um deserto? Que dizes, Galloudec? Porque me olham assim como duas pedras? Porque é que não existimos simplesmente a ver a guerra das paisagens? Que querem de mim? Morram a vossa própria morte, se a vida não vos agrada. Não vos ajudarei a ir para a cova, também não me agrada. Ontem sonhei que passeava por Nova Iorque. O lugar estava em ruínas e não havia brancos. Diante de mim no passeio levantou-se uma cobra dourada e quando atravessei a rua, ou seja, a selva de metal a ferver, que constituía a rua, havia no outro passeio uma outra cobra. Era de um azul brilhante. No sonho eu sabia: a cobra dourada era a Ásia, a cobra azul a África. Ao acordar esqueci-me de novo. Somos três mundos. Porque é que sei isso agora? E ouvi uma voz dizer: E HOUVE UM GRANDE TREMOR DE TERRA / ENTÃO O ANJO DO SENHOR DESCEU DO CÉU / APROXIMOU-SE E DESLOCOU A PEDRA DA ENTRADA E SENTOU-SE NELA / E A SUA FORMA ERA COMO O RELÂMPAGO E AS SUAS VESTES BRANCAS COMO A NEVE. Não quero mais saber disso para nada. Há mil anos que as nossas três apaixonadas são alvo do riso. Rollaram em todas as sargentas, desapareceram em todas as valetas do mundo, arrastadas por todos os bordeis, a nossa puta a liberdade, a nossa puta a igualdade, a nossa puta a fraternidade. Agora quero sentar-me onde se ri, aberto a tudo o que me agrada, igual a mim mesmo, meu irmão e de mais ninguém. A tua pele continua negra, Sasportas. Tu, Galloudec, continuas um camponês. Vocês vão ser alvo do riso. Rio-me do negro. Rio-me do camponês. Rio-me do negro que se quer transformar em branco com a liberdade. Rio-me do camponês que põe a máscara da igualdade. Rio-me da estupidez da fraternidade que, a mim Debuissou, senhor de mais de quatrocentos escravos, só preciso de dizer sim, sim e sim à ordem sagrada da escravatura, me cegou para a tua pele suja de escravo, Sasportas, para o teu caminhar a quatro patas de camponês, Galloudec, a canga sobre o cachaço com que os bois vão sulcar a terra que não te pertence. Quero a minha fatia do bolo do mundo. Vou cortar a minha fatia da fome do mundo. Vocês, vocês não têm faca.

SASPORTAS:

Rasgaste-me uma bandeira. Quero cortar uma nova da minha pele negra. *(Corta com uma faca uma cruz na palma da mão)*. Isto é a despedida, cidadão Debuissou. *(Estampa a sua mão sangrenta na cara de Debuissou)*. Gostas do meu sangue? Disse-te que os escravos não têm pátria. Isso não é verdade. A pátria dos escravos é a revolta. Vou para a luta, armado com as humilhações da minha vida. Puseste-me na mão uma nova arma, obrigado por isso. Pode ser que o meu lugar seja a força, e talvez a corda já me esteja a crescer no pescoço, enquanto estou a falar contigo, em vez de te matar, aquele a quem nada mais devo a não ser a minha faca. Mas a morte nada significa, e na força saberei que os meus cúmplices são os negros de todas as raças, cujo número cresce em cada minuto, que tu passas na tua pocilga (chiqueiro) de senhor de escravos, ou entre as pernas da tua puta branca. Quando os vivos não puderem lutar mais, lutarão os mortos. Com cada enfarte da revolução nasce nova carne dos seus ossos, sangue nas suas veias, vida na sua morte. A revolta dos mortos será a guerra das paisagens, as nossas armas, os bosques, os montes, os mares, os desertos do mundo. Eu serei bosque, montanha, mar, deserto. Eu, ou seja a África. Eu, ou seja a Ásia. As duas Américas sou eu.

GALLOUDEC:

Vou contigo, Sasportas. Todos temos de morrer, Debuissou. E é tudo o que ainda temos em comum. Depois do massacre em Guadalupe encontraram no meio de um monte de cadáveres todos negros, um branco que também estava morto. De qualquer modo, isto não te acontecerá, Debuissou. Tu estás de fora.



DEBUISSOU:

Fiquem. Tenho medo, Galloudec, da beleza do mundo. Eu sei bem que ela é a máscara da traição. Não me deixem a sós com a minha máscara que já me entra pela pele e deixou de doer. Matem-me antes que eu vos traia. Sasportas, tenho medo da vergonha que é ser feliz neste mundo.

Anexo II (c) | Em Brasa

Guião em formato de *dramatografia*
(versão 24/03/2008)

EM BRASA

Elenco

Actores

António Terra
Bruno Huca
Jaime Rocha
Junior Sampaio
Mané do Café
Pablo Fernandes
Raul Atalaia
Solange Freitas
Susana Cecílio
Valéria Carvalho

Personagens

Clandestino
Empregado
Repentista
Funâmbulo
Padre
Crucificado
Sinaleiro
Médica
Náufrago
Artista

Bailarinos

Jacaré
Maria Socastro

Eldourado
Dançarina

Cantores:

Max Santos
Mylene Pires

Trovador
Vocalista

Músicos

Barriga
Cícero
Janeca
Múcio Sá
Tomás Pimentel

Percussionista
Percussionista
Baixo
Cordas
Sôpros

Figurantes

Cacilda Figueiredo
Lucinda
Francisco Arraiol
António Rita
Joaquim Gouvêia
Côcada
Filipe Costa
Marco França
Nal Bezerra
Emília Gomes
Kátia Luz
Teobaldo

Viúva Triste
Viúva Alegre
Criado
Avôzinho da plateia
Avôzinho do palco
Ciclista
Caixeiro
Careto
Caboclo de Lança
Musa
Cozinheira
Menino

Texto:

**Caio Fernando Abreu
e outros autores**

Dramaturgia
Apoio à dramaturgia
Encenação
Direcção de actores

Amauri Tangará / João Brites
Miguel Jesus
João Brites
Amauri Tangará

Musica
Assistentes

Tomás Pimentel
Mylene Pires / Múcio Sá

Espaço cénico
Figurinos e adereços
Execução de serralharia
Execução de carpintaria
Desenho de luz
Desenho de som
Fotografia
Arranjo gráfico

Rui Francisco / João Brites
Clara Bento
Leonel & Bicho
Mestre José Espada
João Cachulo
Sérgio Milhano
Duarte Ornelas
Xu Pimentel

Direcção de produção
Estágio de produção
Apoio de produção:
Coordenação de montagem

Tati Mendes
Francisco Arraiol / Marco França
Raquel Belchior
Fátima Santos

Relações exteriores
Relações internacionais
Apoio à direcção
Formação
Relações escolares
Tesouraria
Acolhimento
Cozinha
Caseiro

Hugo Sousa
Raul Atalaia
Sara de Castro
Suzana Branco
Lia Nogueira
Cristina Sanches
Manuela Mena
Luminita Oprea
Isaac Reis

Agradecimento

Espaço Evoé / Companhia de Actores (Oeiras) / Tejo Bar (Alfama)
Roda de Choro de Lisboa / Centro Social e P. S. Miguel de Queijas
/ Casa do Careto de Podence / Maracatu Rural Leão Nazareno

CIA D' Artes do Brasil

Texto de trabalho

João Brites, Palmela, 24 de Março de 2008

Criação do Teatro o bando

Iniciativa: Jorge Salavisa

Produção: **São Luiz Teatro Municipal**

1.....1	1.....1	no exterior do teatro1	
1.1.....1.1	1.1.....1.1	personagens1.1	00:00
		Nos acessos ao teatro o público confronta-se com algumas passadeiras que cruzam as ruas adjacentes.	00:00
		Actores cumprem actividades misturados com outros intervenientes habituais. Ninguém percebe quem é e não é actor.	00:00
		COCADA ...	00:00
		TROVADOR ...	00:00
		COZINHEIRA ...	00:00
		VOCALISTA ...	00:00
		CABOCLO ...	00:00
		CARETO ...	00:00
2.....2	2.....2	no interior do teatro2	
2.1.....2.1	2.1.....2.1	personagens ocultos2.1	00:00
		SOM MUS 01 BATUCADA BASTIDOR	00:00
		ILUMINAÇ 01 Público	00:00
		Público vai entrando e sentando-se na plateia ao som bem vibrante de música brasileira que é executada nos bastidores. Palco escuro aparentemente vazio.	00:00
2.2.....2.2	2.2.....2.2	personagem pessoa2.2	00:00
		ILUMINAÇ 02 Espectador	00:00
		VELHOTE 1 ...	00:00
		O Seguidor vai seguindo discretamente alguns espectadores até se sentarem.	00:00
		Um Velhote de chapéu entra na plateia iluminada discretamente pelo Seguidor. Percebe-se que vem de uma zona rural. Senta-se no eixo da futura passadeira azul. Esquece-se de tirar o chapéu.	00:00
		ILUMINAÇ 03 Público baixa	00:00
3.....3	3.....3	no meio da cena3	00:00
3.1.....3.1	3.1.....3.1	pessoa no palco3.1	00:00
		PADRE ...	00:00
		V passadeira 01 AZ1 CARDINAL 1/1	00:00
		SOM MUS 01 final Batucada fade out	00:00
		SOM MUS 02 REPENIQUE	00:00
		ILUMINAÇ 04 Passadeira azul	00:02
		Falso espectador que está sentado no eixo norte sul levanta-se e desenrola primeira passadeira enquanto música baixa.	00:04
		VELHOTE 2 ...	00:06
		ILUMINAÇ 05 Avôzinho	00:08
		Descobre-se de pé Velhote gémeo do primeiro parado no palco com cadeira na mão. Procura um lugar para pôr a cadeira.	00:10
		SOM MUS 03 LINGUAJARES Gravação	00:12
		Ouve-se, não se sabe onde, o repenique que dá entrada no samba. Avô pára e ouve.	00:14
		Ouve-se de um dos lados um linguajar estranho. É árabe. Tem algo a ver com a voz que sai dos minaretes e ecoa na cidade.	00:22
			00:24
			00:26

			Do outro lado surge melopeia que evoca o cumprimento de promessas em Fátima.	00:28
				00:30
			Do outro lado vai-se sobrepondo a voz de pastor que faz lembrar a igreja evangelista	00:32
				00:34
			Instalam-se dialectos e sonoridades de várias regiões do Brasil, também dos índios	00:36
				00:38
			Em vez de opor a religião popular à religião oficial, será melhor entender que suas relações são complementares... o milagre é a não-exclusão de qualquer dessas formas como necessárias à vida religiosa (116) Seria preciso carnavalizar mais a sociedade. (122)	00:40
			O que faz o Brasil, Brasil? Roberto Damata, Editora JPA Ltda, Rio de Janeiro, Maio de 2001, (cedido por José Viegas)	00:42
				00:44
				00:46
			Velhote ouve as estranhas sonoridades e senta-se como se estivesse à porta da casa	00:48
				00:50
4.....4	4.....4	4.....4	mercadorias em movimento4	00:52
4.1.....4.1	4.1.....4.1	4.1.....4.1	pessoa correndo4.1	00:54
		MEDICA ...	> passadeira 02 BJ01 MENINO 1/3	00:56
			SOM MUS 03 final LINGUAJARES	00:58
			ILUMINAÇ 06 Menino	
		MENINO ...		
			Passa Menino aos saltinhos.	01:00
4.2.....4.2	4.2.....4.2	4.2.....4.2	pessoa mercadoria4.2	01:02
				01:04
		CRIADO ...	< passadeira 03 VR01 CLANDESTINO 1/3	01:06
			ILUMINAÇ 07 Caixeiro	01:08
		CAIXEIRO ...		01:10
		CLANDESTINO ...	Entra Caixeiro com carrinho que carrega caixa feita de tabuinhas de madeira. Vê-se a cor vermelha como se fosse pau brasil.	01:12
				01:14
			Sobre a caixa vem um instrumento. Caixeiro deixa a caixa junto do velho num local mal iluminado e sai sem querer dar nas vistas.	01:16
				01:18
4.3.....4.3	4.3.....4.3	4.3.....4.3	pessoas antigas4.3	01:20
				01:22
		EMPREGADO ...	> passadeira 04 VR02 VIUVAS 1/3	01:24
			ILUMINAÇ 08 Viúvas	01:26
				01:28
		VIUVA 1 ...	Duas velhotas viúvas passam no outro sentido de costas a resmungarem com alguma coisa que não compreendemos.	01:30
		VIUVA 2 ...		01:32
4.4.....4.4	4.4.....4.4	4.4.....4.4	pessoa gritando4.4	01:34
			ILUMINAÇ 09 Menino	01:36
				01:38
		MENINO		01:40
		Afogado! Afogado!	Menino grita esbaforido	01:42
4.5.....4.5	4.5.....4.5	4.5.....4.5	pessoa encaixotada4.5	01:44
				01:46
		CRIADO ...	> passadeira 05 VR03 ARTISTA 1/2	01:48
			ILUMINAÇ 10 Caixeiro	01:50
				01:52
		CAIXEIRO ...	Caixeiro vê ainda o Menino. Depois coloca com o seu carrinho da empresa outra caixa feita em tabuinhas de madeira.	01:54
		ARTISTA ...		01:56
			Em cima ficam as caixas de instrumentos	01:58

5.....5	5.....5	coisificação do migrante.....5	
5.1.....5.1	5.1.....5.1	coisa clandestina.....5.1	02:00
	MUSICO 1 ...	Entram da Esq dois Músicos que andam na passadeira da ARTISTA. Vão buscar os instrumentos que estão sobre as caixas.	02:02
	MÚSICO 2 ...		02:04
		Os dois homens páram. Tiram as caixas dos instrumentos e colocam-nas no chão.	02:06
		Tentam imaginar o que contêm a primeira. Na face oculta tem alguma coisa escrita. Viram-na para a luz para ler. O público consegue ver a palavra COISA.	02:08
			02:10
		Interrogam-se sobre o significado do que acabam de descobrir. Viram a segunda caixa e então aparece COISA CLANDESTINA.	02:12
			02:14
			02:16
			02:18
			02:20
			02:22
		O migrante antes de ser pessoa, é coisa. (...) Coisificação país emissor:	02:24
		1 o emigrante passa a ser considerado como um factor de ajuste da balança de pagamentos (...) O Banco Central Brasileiro está preocupado com a contabilidade oficial do dinheiro remetido pelos emigrantes em forma de remessas. (...) as remessas enviadas para o Brasil em 2003 equivalem a metade de todo o investimento estrangeiro directo no Brasil. Emigrante é igual a dinheiro. A ideia de "fonte" é a mais clara representação da coisificação do emigrante, que não é um Ser, mas um fornecedor estável de alguma coisa benéfica ao Estado, as divisas. (...) Coisificação país receptor:	02:26
		2 - Por outro lado, de um ponto de vista português, a questão é como fazer que o emigrante remeta menos dinheiro para o exterior e estimule mais a economia portuguesa (...) Um emigrante Ucrâniano activo (...) não constituiu um custo para o Estado Português no seu processo educativo/formativo. E muito provavelmente, não beneficiará mais tarde dos descontos para a Segurança Social que andou a efectuar(...) / O imigrante, na média, dá mais dinheiro ao Estado do que aquele que é gasto com ele (...) / Paraíso dos economistas: uma população que dá lucro para o Estado, depois vai embora e não recebe pensões e, por fim conseguir que não tenha enviado nada do que ganhou ao país de origem	02:28
		pg 6 Coisificação na legislação: 3 - O Estado cria meios de retirar do imigrante o máximo de valor produzido. As multas, para um emigrante em situação ilegal são altíssimas (...) /	02:30
		DOC Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento - o caso dos brasileiros em Portugal, de José de Renó Machado, pg 2	02:32
			02:34
			02:36
			02:38
			02:40
			02:42
			02:44
			02:46
			02:48
			02:50
			02:52
			02:54
		Os músicos saem pelo sítio de onde entraram sem entenderem o significado.	02:56
			02:58
5.2.....5.2	5.2.....5.2	coisa encaixotada.....5.2	
	CAIXEIRO ...	Caixeiro entra á Dta na via da ARTISTA com pé de cabra na mão. Ainda vê os músicos e por isso continua a avançar desconfiado.	03:00
	ARTISTA ...		03:02
	CLANDESTINO ...	Vê o que as caixas têm escrito. Procura onde abrir. Vira a caixa. Enfia o pé de cabra. Ouve-se o ruído dos pregos a saírem.	03:04
	CAIXEIRO ...		03:06
			03:08
		SOM MUS 04 DUETO Instrumental	03:10
			03:12
		Ouve-se um dueto instrumental simulando que são aqueles músicos que tocam.	03:14
			03:16
		Caixeiro destapa as duas caixas.	03:18
			03:20
		Fica a olhar para dentro das caixas muito desconfiado com o que vê. Verifica se não está ser visto por alguém.	03:22
			03:24
		Vira-as a medo com abertura para baixo. Sai com as tampas debaixo do braço	03:26
			03:28

5.3.....	5.3	5.3.....	coisa cozinhada.....	5.3	03:30
		FUNAMBULO ...	< passadeira 06 VR04 COZINHEIRA 1/3	03:32	
			ILUMINAÇ 11 Cozinheira	03:34	
		COZINHEIRA ...	Cozinheira anda e pára a meio da via barafustando com alguém que vem atrás.	03:36	
				03:38	
			Surge então o seu CRIADO com carrinho para levar cozinheira onde ela quer.	03:40	
				03:42	
			Saem os dois no mesmo sentido	03:44	
				03:46	
5.4.....	5.4	5.4.....	coisa na praia.....	5.4	03:48
			SOM MUS 04 final Dueto instrumental	03:50	
			ILUMINAÇ 12 Menino	03:52	
			<i>Sim, nada é mais difícil e delicado, até mesmo sagrado, quanto o ser humano.</i>	03:54	
			<i>Nada pode igualar o poder voraz desses misteriosos elementos que, sem grandeza ou finalidade, nascem entre desconhecidos para acorrentá-los pouco a pouco com elos terríveis. " (Witold Gombrowicz: Bakakai)</i>	03:56	
				03:58	
			De repente ele interrompeu tudo que fazia para prestar atenção no grito.	04:00	
			Despiu o avental enxugando as mãos úmidas de suor, deu dois passos sem direção no meio da sala pesada de mormaço - e só depois de um tempo relativamente longo é que se deu conta de que alguém gritara no meio da praça . Então abriu a janela e ficou olhando o burburinho lento que se armava, as pessoas mal despertas da sesta movimentando-se molemente em direção ao menino que fazia sinais desesperados sob a estátua do general . Palavras soltas chegavam a seus ouvidos, algumas janelas se abriam, os vidros faiscando bruscos para depois (...) pouco a pouco intensificava-se o movimento em torno do menino de pés descalços, abrigado nas sombras escassas da praça sem árvores. O chão de terra crestada. Aconteceu alguma coisa, pensou entediado, como se aquilo se repetisse há muito tempo, e como se qualquer curiosidade ou acontecimento fossem antigos e conhecidos, embora inesperados. Como se não houvesse mais nada a surpreender – pensou lentamente que alguma coisa havia acontecido. ... (o afogado)	04:02	
				04:04	
				04:06	
				04:08	
				04:10	
				04:12	
				04:14	
				04:16	
				04:18	
				04:20	
5.5.....	5.5	5.5.....	coisa doce.....	5.5	04:22
			ILUMINAÇ 13 Ciclista	04:24	
		COCADA	> passadeira do MENINO côco 1/8	04:26	
		Côcada! Olha a côcada!	Apregoa andando de bicicleta.	04:28	
		Olha a côcada!		04:30	
6.....	6	6.....	migração para sobreviver.....	6	04:32
6.1.....	6.1	6.1.....	miragem dança.....	6.1	04:34
		SINALEIRO ...	> passadeira 07 VR05 ELDOURADO 1/3	04:36	
			SOM MUS 05 SAMBA REGGAE	04:38	
			ILUMINAÇ 14 Bailarino	04:40	
		ELDOURADO ...	Passa dançando ao ritmo do mote e pára interessando os imigrantes das caixas.	04:42	
				04:44	
6.2.....	6.2	6.2.....	miragem viaja.....	6.2	04:46
		ELDOURADO ...	Alguém muito bem vestido e inspirado no El Dourado continua a dançar.	04:48	
				04:50	
		CLANDESTINO ...	As caixas estremecem. Descubrem-se em cada uma delas duas pernas nuas.	04:52	
				04:54	
		ARTISTA ...	Deslocam-se umas pernas nuas com umas caixas às costas na direcção do Eldourado.	04:56	
				04:58	
			Páram junto dele e ficam agachadas.	05:00	

MENINO

Morto! Está um morto na praia! Na praia... está um morto na praia!

ELDOURADO ...	Devagarinho o Eldourado desloca-se para outro extremo, sem as pernas darem conta	05:02
CLANDESTINO ...	Um par de pernas acorda do seu torpor, descobre o novo sítio. Desloca-se para lá. É o sinal para outro par de pernas com caixote às costas se deslocar também para lá.	05:04
ARTISTA ...	Eldourado diverte-se a fazer viajar os outros de um lado para o outro. Sai deixando os dois pares de pernas sem saberem para onde ir. Uma das caixas chora tremelicando. As caixas saem na direcção do Eldourado	05:06
ELDOURADO ...		05:08
7.....7		05:10
7.1.....7.1		05:12
	porta às costas.....7.1	05:14
DANÇARINA ...	> passeadeira 8 CZ01 CRUCIFICADO 1/3 SOM MUS 05 final SAMBA REGGAE SOM MUS 06 PULSAÇÃO ILUMINAÇ 15 Crucificado	05:16
CRUCIFICADO ...	O personagem transporta às costas uma porta como quem carrega uma cruz	05:18
7.2.....7.2		05:20
	aqui é outro mundo.....7.2	05:22
	SOM MUS 06 final PULSAÇÃO SOM MUS 07 AFINAÇÃO GUITARRA ILUMINAÇ 16 Repentista	05:24
REPENTISTA		05:26
Mãeinha... Aqui é outro mundo. Tudo é muito diferente daquilo que a gente imagina. Nem toda mulher usa lenço e tem bigode. Nem os homens são barrigudos e sem dentes (...) Nunca vi mais de cinco senhoras conversando à porta de uma delas enquanto seus filhos brincam na rua (...) Aqui quase ninguém gosta de brasileiros, não confiam e quase sempre acham que estamos aqui para nos aproveitarmos deles (...) Acham que todos os brasileiros sabem sambar e jogar à bola, não sabem eles o tipo de brasileiro que eu sou, não sei jogar nem sambar e só conheci o mar em Lisboa (...) O mar é a coisa mais linda do mundo, todo azul e cinzento e parece que não vai acabar nunca, e os portugueses dizem que o daí é mais azul e que a água é mais quente. Quando eu voltar, eu levo a senhora para ver o mar (...) Se a senhora achava que a Fáfá de Belém cantava fado como ninguém, bata na boca três vezes e peça per-	05:28	
	Fala para a mãe como se ela estivesse muito longe na direcção da passeadeira.	05:30
	Á medida que se afasta parece que a mãe está mais próxima dele aumentando o dramatismo da situação.	05:32
	SOM MUS 07 pontuação AFINAÇÃO	05:34
	Onde quer que exista um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto - tal como acontece com as divindades - , será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir a sua concretização e seu poder (pg 12) Para os observadores menos imaginativos e sensíveis, uma sociedade está nas suas ciências, letras e artes. A visão oficial contradiz a voz, a visão do povo e, ainda, a experiência da condição humana que, generosamente, enxerga Deus, em toda a parte: no rito pomposo e solene da catedral e na visão tresloucada do místico, nu, e faminto em sua cela de preocupações com o destino dos homens e sobrecarregado pelo peso fantástico dos múltiplos sentidos desta vida. (pg 13) Tanto os homens como as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas. (pg 15) Trata-se sempre da questão da identidade. De saber quem somos e como somos... sobretudo descobrir como construímos nossas identidades (pg 15) Cada sociedade sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de "coisas" (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e "legal". (pg 16) A construção de uma identidade social (...) é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões. (pg 17) Não é à toa que o nosso panteão de heróis oscila entre uma imagem deificadora do malandro (...) o renunciador ou o santo (...) e o caixas (que talvez não seja o trabalhador, mas o cumpridor de leis que devem obrigar os outros a trabalhar... O facto é que não temos a glorificação do trabalhador, nem a ideia de que a rua e o trabalho são locais onde se pode honestamente enriquecer e ganhar dignidade. (pg 32) O que faz o Brasil, Brasil? Roberto Damata, Rio de Janeiro, Maio de 2001, (cedido por José Viegas)	05:36
	Avôzinho continua sentado na mesma cadeira a observar o mundo à sua volta.	05:38

dão à Amália. Ando cheio
de saudades do seu fei-
jão, e da senhora então..

Texto de Jaime Rocha

7.3.....	7.3	7.3.....	7.3	7.3.....	7.3	06:34
						06:36
						06:38
						06:40
						06:42
						06:44
						06:46
						06:48
8.....	8	8.....	8	8.....	8	06:50
8.1.....	8.1	8.1.....	8.1	8.1.....	8.1	06:52
						06:54
						06:56
						06:58
MENINO						
Há um morto deitado na						
areia! Deitado na areia.						
8.2.....	8.2	8.2.....	8.2	8.2.....	8.2	07:00
						07:02
						07:04
						07:06
						07:08
						07:10
8.3.....	8.3	8.3.....	8.3	8.3.....	8.3	07:12
						07:14
						07:16
						07:18
						07:20
						07:22
						07:24
						07:26
						07:28
						07:30
						07:32
						07:34
						07:36
						07:38
8.4.....	8.4	8.4.....	8.4	8.4.....	8.4	07:40
						07:42
						07:44
						07:46
						07:48
						07:50
8.5.....	8.5	8.5.....	8.5	8.5.....	8.5	07:52
						07:54
						07:56
						07:58
						08:00
						08:02

8.6.....	8.6.....	8.6.....	caminhos que se cruzam.....	8.6	08:04
.		TROVADOR ...	< passadeira 12 VR07 VOCALISTA 1/3	08:06	
		VOCALISTA	SOM MUS 08 continua CAMINHOS	08:08	
		São caminhos que se cruzam / São olhares que se tocam / Tantas vidas que se unem / Sob eternas despedidas // É o peso, é o passo / É a luta que se trava / São estórias que se contam / sobre longas avenidas // E a vida segue mesmo / Quando não parece haver saída // A esperança traça o rumo / O destino aquece o chão / Já não busco o que sei / Só quero o que não perdi // Nos caminhos que se cruzam // Pergunto-me se parto ou fico aqui //	ILUMINAÇ 22 Vocalista	08:10	
			Entra florista que os espectadores tinham visto na rua a vender flores	08:12	
			Afinal a florista é cantora virtuosa.	08:14	
				08:16	
				08:18	
				08:20	
				08:22	
				08:24	
				08:26	
				08:28	
				08:30	
			Náufrago continua cambaleante na porta azul dos bastidors. Música continua	08:32	
			Letra de Mylene Pires	08:34	
		MUSA ...	> placa vai buscar porta 2/11	08:36	
				08:38	
9.....	9.....	9.....		9	08:40
9.1.....	9.1.....	9.1.....	resmunguice de velha.....	9.1	08:42
		EMPREGADO ...	< passadeira 13 VR08 VIUVAS 2/3	08:44	
			SOM MUS 09 CAMINHOS Chorinho	08:46	
			ILUMINAÇ 23 Viuvas	08:48	
		VIUVA ALEGRE...	Viuva Alegre influenciada pela música vem como a outra toda vestida de preto. A diferença é que agora calça uma luva de cor.	08:50	
		VIUVA TRISTE ...	Uma não concorda com extravagâncias	08:52	
				08:54	
9.2.....	9.2.....	9.2.....	vendedor de bicicleta.....	9.2	08:56
			ILUMINAÇ 24 Ciliclista	08:58	
		COCADA ...	< passadeira CRUCIFICADO côco 2/8	09:00	
		Se a morte for descanso prefiro viver cansado. Olha a côcada!	Se a bicicleta pára o cilista cai. Os portugueses procuram a estabilidade na vida. Os brasileiros procuram o equilíbrio dinâmico. (Rui Francisco)	09:02	
			O problema é que a bicicleta acabará por cair, só que mais longe (Lima Ramos). Outra imagem desse equilíbrio dinâmico do migrante é dada por Loja Neves quando diz que o imigrante brasileiro anda sempre a cavalo num toiro e só pára quando o toiro adormece de cansaço.	09:04	
				09:06	
				09:08	
9.3.....	9.3.....	9.3.....	porta às costas.....	9.3	09:10
		CRUCIFICADO ...	> passadeira 14 CZ02 REPENTISTA 1/3	09:12	
		DANÇARINA ...	SOM MUS 10 CAMINHOS Pulsação	09:14	
			ILUMINAÇ 25 Crucificado	09:16	
			O que carrega porta às costas. Caminha como se tivesse de percorrer a Via Sacra.	09:18	
				09:20	
9.4.....	9.4.....	9.4.....	palmeira das antas.....	9.4	09:22
			SOM MUS 11 CAMINHOS BAIÃO	09:24	
			ILUMINAÇ 26 Repentista	09:26	
				09:28	
		REPENTISTA ...	Repentista entra e ultrapassa o Crucificado.	09:30	
		CRUCIFICADO ...	Crucificado não responde mas protesta.	09:32	
				09:34	

REPENTISTA

Jesus!?

CRUCIFICADO ...

REPENTISTA

Rapaz! Quando Palmeira das Antas pertencia ao Capitão Bento Justino da Cruz / Nunca faltou diversão: //

Vaquejada, cantoria, / procissão e romaria / sexta-feira da paixão / Na quinta-feira maior, / Dona Maria das Dores / No salão paroquial reunia os moradores / E ao lado do Capitão fazia a seleção de atrizes e atores // (...)

Todo ano era um Jesus, / um Caifaz e um Pilatos / Só não faltavam a cruz, / o verdugo e os maus-tratos / O Cristo daquele ano foi o Quincas Beija-Flor / Caifaz foi Cipriano, Pilatos foi Nicanor. //

Duas cordas paralelas separavam a multidão / Pra que pudesse entre / elas caminhar a procissão / Cristo conduzindo a cruz foi não foi advertia / Pro centurião perverso que com força lhe batia / Era pra bater maneiro mas ele não entendia / Devido a um grande pifão que bebeu naquele dia / Do vinho que o capelão guardava na sacristia. //

Cristo dizia: ôh, rapaz, vê se bate devagar / Já estou todo encalombado, assim não vou aguentar / Tá com a gota pra doer, / Ou tu pára de bater ou a gente vai brigar. // O pior é que o malvado fingia que não ouvia / E além de bater com força ainda se divertia, / Espiava pra Jesus fazia pouco e dizia / Que Cristo frouxo é você, que chora na procissão / Jesus pelo que eu saiba não era mole assim não. //

Eu tô batendo com pena, Tu vai ver o que é bom / Na subida da ladeira da venda de Fenelon / O couro vai ser dobrado / Daqui até o mercado a cuíca muda o som. // Naquele momento ouviu-se um grito na multidão / Era Quincas que com raiva

Repentista volta-se. Olha para ele perplexo. 09:36

O outro abre os braços e o Repentista diz: 09:38

09:40

09:42

09:44

09:46

SOM MUS 12 RISADA Instrumental

09:48

09:50

09:52

09:54

09:56

09:58

O papel de cada um / o Capitão que escolhia / A roupa e a maquilagem / eram com Dona Maria / O resto era discutido, / aprovado e resolvido na sala da sacristia. //

10:00

10:02

10:04

10:06

10:08

Continua atrás do Crucificado a atazaná-lo 10:10

10:12

10:14

10:16

10:18

10:20

10:22

10:24

10:26

10:28

10:30

10:32

10:34

10:36

10:38

10:40

10:42

10:44

10:46

10:48

10:50

10:52

10:54

10:56

10:58

11:00

11:02

11:04

sacudia a cruz no chão /
E partia feito um maluco
pra cima de Bastião / Se
travaram no tabefe, pon-
tapé e cabeçada / Mada-
lena levou queda, Pilatos
levou pancada / Deram
um bofete em Caifaz /
Que até hoje não faz
nem sente gosto de
nada. //

Desmancharam a pro-
cissão, / o cacete foi pe-
sado / São Tomé levou
um tranco / que ficou de-
sacordado / Deram um
cocorote na careca de
Timóti / que até hoje é
aluado / Até mesmo São
José, / que não é de
confusão / Na ânsia de
defender o filho de
criação / Aproveitou a
garapa / pra dar um
monte de tapa / na cara
do bom ladrão. //

A briga só terminou
quando o Doutor Delega-
do, / Entreviu e separou:
cada Santo pro seu lado
/ E desde que o mundo
se fez, / Foi essa a pri-
meira vez / Que Cristo
foi pro xadrez, / Mas não
foi crucificado.

E assim termina a danação

Briga na Procissão, de Chico Pedrosa. transcrito por Jaime Rocha

10.....10	10.....10	10.....10	11:06
10.1.....10.1	10.1.....10.1	10.1.....10.1	11:08
			11:10
			11:12
			11:14
			11:16
			11:18
			11:20
			11:22
			11:24
			11:26
			11:28
			11:30
			11:32
			11:34
			11:36
			11:38
			11:40
			11:42
			11:44
			11:46
			11:48
			11:50
			11:52
			11:54
			11:56
			11:58
			12:00
			12:02
			12:04
			12:06
			12:08
			12:10
			12:12
			12:14
			12:16
			12:18
			12:20
			12:22
			12:24
			12:26
			12:28
			12:30
			12:32
			12:34
			12:36

CRIADO

...

< passadeira 15 VR09 CORAÇÃO 1/3
SOM MUS 12 final Última Risada
ILUMINAÇ 27 Padre

PADRE

...

Com o *coração nas mãos*. Não se sabe se
está a pedir ou se leva algo de precioso.

CAIXEIRO

...

< passadeira 16 BJ03 MENINO 2/3
ILUMINAÇ 28 Médica

MEDICA

O que foi que você viu
menino?

MENINO

Lá na praia doutora....
jogado na areia ...

MEDICA

Onde?

MENINO

Na praia doutora...

MEDICA

Leva-me lá.

Aproximou-se impaciente, os braços afastando pessoas que se
esquivavam respeitadas, chamando-o *doutor* e dizendo coisas sobre o
que o menino dizia: Um morto ... Doutor... um morto na praia ... Um morto
... Doutor ... Frente a frente com o menino, tomou-o pelo ombro sentindo
a pele queimada em contraste com seus dedos muito brancos – e de
repente viu no menino todo um desesperançado crescimento no meio
daquelas duas dúzias de casas. Então, com súbita delicadeza, perguntou:

O menino encarou-o com olhos verdes ainda
capazes de algum espanto:

E tomou da mão do menino como se fosse capaz de salvá-lo daquelas duas

MENINO

Lá!

11.....11	11.....11	dúzias de casas, algumas caiadas de branco - as mais ricas -, a maioria simplesmente sem reboco, o barro aparecendo endurecido entre os tijolos escuros. As outras pessoas acompanharam-no em silêncio, ... (o afogado)	12:38
11.1.....11.1	11.1.....11.1	vendedor de côco11.1	12:40
		SOM MUS 13 BRAZUCA GAFEIRA	12:46
		ILUMINAÇ 29 Cozinheira	12:48
		< passadeira VIUVAS côco 3/18	12:50
		Ciclista continua a dizer frase escritas nos parachoques dos camionistas no Brasil	12:52
11.2.....11.2	11.2.....11.2	dança cativa o migrante11.2	12:54
		SINALEIRO ... < passadeira 17 VR10 ELDOURADO 2/3	12:58
		ILUMINAÇ 30 Eldourado	
		ELDOURADO ... Passa bailarino ainda com a função de representar o eldourado e fica no escuro muito quieto e discreto.	13:00
			13:02
			13:04
11.3.....11.3	11.3.....11.3	com quem estão falando11.3	13:06
		CRIADO ... < passadeira 18 VR11 ARTISTA 2/2	13:08
		ILUMINAÇ 31 Artista	13:10
		Entram duas pernas debaixo das caixas na perseguição do eldourado. Lá continua escrito COISA e COISA CLANDESTINA.	13:12
			13:14
			13:16
		Perdem o rumo. Páram. Jogam um com o outro na tentativa de se libertarem da caixa.	13:18
			13:20
		ARTISTA ... Parece que estão nus. Descubrem o mundo espreitando pela parte de cima da caixa.	13:22
			13:24
		CLANDESTINO Eles não sabem com quem estão falando. Vou dar jeitinho nisso! ... Vou dar um jeitinho nisso!	13:26
		ARTISTA O nome da coisa é um intervalo para a coisa. A vontade do acréscimo é grande - porque a coisa nua é tão tediosa (...) Mas porque não ficar dentro, sem atravessar até à margem oposta? Ficar dentro da coisa é uma loucura. Não quero ficar dentro, senão a minha humanização anterior, que foi tão gradual, passaria a não ter tido fundamento. E eu não quero perder a minha humanidade! Ah, perdê-la dói, meu amor, como largar um corpo ainda vivo e que se recusa a morrer como os pedaços cortados de uma lagartixa.	13:28
		SOM MUS 14 BRAZUCA Tapete	13:30
		O modo de navegação social: a malandragem e o "jeitinho." (93) Entre o "poder" e o "não poder" encontra-se o "jeitinho" Você sabe com quem está falando? (101) O que faz o brasil, Brasil? Roberto Damata, Editora JPA Ltda, Rio de Janeiro, Maio de 2001, (cedido por José Viegas)	13:32
			13:34
		À chegada... Tudo me pareceu maravilhoso, cheio de encanto e harmonia. Logo seguiram as sombras das coisas: solidão, indiferença, exploração, medos, saudade, conflitos, decepções (...) Artigo de Antônio Naud Júnior, Sabiá, Junho 2005, n67	13:36
			13:38
		Ela parece encantada com tudo	13:40
			13:42
		Ele parece revoltado	13:44
			13:46
		Referindo-se à caixa de onde saíu	13:48
			13:50
			13:52
			13:54
			13:56
			13:58
		Clarice Lispector, A Paixão Segundo G. H. pgs 142, 146/147	14:00
		Descobrem finalmente o Eldourado que entretanto voltou para trás e sai por onde entrou. Voltam-se e vão na direcção dele.	14:02
			14:04
			14:06

11.4.....	11.4	11.4.....	lá lá lá, lá lá.....	11.4	14:08
MENINO Lá ... lá ... lá, lá.		ARTISTA ...	SOM MUS 14 suspensão BRAZUCA ILUMINAÇ 32 Menino	14:10 14:12	
		CLANDESTINO Lá ... lá ... lá, lá.	Menino corre na direcção da praia. Médica e Empregado correm. O Artista e o Clandestino voltam-se e vão para o mesmo lado	14:14 14:16 14:18	
12.....	12	12.....		12	14:20
12.1.....	12.1	12.1.....	espelho que desliza	12.1	14:22
		REPENTISTA ...	< passadeira 19 VR12 MUSA 1/3 SOM MUS 15 PANDEIRO SENSUAL ILUMINAÇ 33 Musa	14:24 14:26	
		MUSA ...	< espelho leva porta e dois rolos 3/11 Penteia-se ao espelho que segue ao lado	14:28 14:30	
12.2.....	12.2	12.2.....	panela areada	12.2	14:32
		COZINHEIRA ...	ILUMINAÇ 34 Cozinheira	14:34 14:36	
		CRIADO ...	Criado ao cruzar com a musa fica vidrado e não consegue libertar-se daquela imagem	14:38 14:40	
12.3.....	12.3	12.3.....	tens o fogo soberano	12.3	14:42
		VOCALISTA ...	> passadeira 20 VR13 TROVADOR 1/3 SOM MUS 15 final SAMBA PANDEIRO SOM MUS 16 RAÇAS TRISTES ILUMINAÇ 35 Trovador	14:44 14:46 14:48 14:50	
		MUSA ...	O trovador é mulato bem acolhido por todos. Entra em cima de carrinho tocando para encontro da Musa com o Criado.	14:52 14:54	
		CRIADO ...		14:56 14:58	
		TROVADOR Tens, às vezes, o fogo soberano / Do amor: encerras na cadência, acesa / Em requebros e encantos de impureza, / Todo o feitiço do pecado humano. // Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza / Dos desertos, das matas e do oceano: Bárbara poracé, banzo africano, / E soluços de trova portuguesa. // És samba e jongo, xiba e fado, cujos / Acordes são desejos e orfandades / De selvagens, cativos e marujos: // E em nostalgias e paixões consistes, Lascivador, beijo de três saudades, / Flor amorosa de três raças tristes. ///	No sec XVIII, Antonil percebeu algo interessante numa sociedade (...) dividida entre senhores e escravos, escreveu : "O Brasil é um inferno para os negros, um purgatório para os brancos e um paraíso para os mulatos." (pg 37) Pelo contrário outro trecho escrito por Agassiz (célebre zoólogo de Harvard) diz: "A deterioração decorrente da amálgama de raças, mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental". (pg 40) Mulato vem de mulo, o animal ambíguo e híbrido por excelência. (pg 39) A genial sensibilidade de Antonil ao intuir a síntese dos opostos como algo positivo, ajuda a entender os valores mais profundos da nossa sociedade (pg 42) Nos EUA o mulato não está no paraíso mas no inferno (pg 43) O negativo é aquele que está entre (...) não há lugar para o "jeitinho" (...) O que se busca eliminar é a relação (pg 44) A importância do triangulo sobrepõe-se ao binómio. (...) Triangulo racial. (...) O "racismo à brasileira", paradoxalmente, torna a injustiça algo tolerável, e a diferença, uma questão de tempo e amor. (pg 47) O que faz o brasil, Brasil? Roberto Damata, Rio de Janeiro, Maio de 2001, (cedido por José Viegas)	15:00 15:02 15:04 15:06 15:08 15:10 15:12 15:14 15:16 15:18 15:20	
12.4.....	12.4	12.4.....	coração nas mãos	12.4	15:22
		CRIADO ...	> passadeira 21 VR14 CORAÇÃO 2/3 SOM MUS 16 final RAÇAS TRISTES ILUMINAÇ 36 Padre	15:24 15:26	
		PADRE ...	Padre continua a procurar um sítio não se sabe para quê. Será um pedinte?	15:28 15:30 15:32 15:34 15:36 15:38	

13.....13	13.....13	13.....13	15:40
13.1.....13.1	13.1.....13.1	vislumbra-se o afogado.....13.1	15:42
	SINALEIRO ...	< passadeira 22 AZ03 NAUFRAGO 2/3	15:44
		SOM MUS 17 CHOCALHO aproxima-se	15:46
		ILUMINAÇ 37 Náufrago	15:48
NAUFRAGO ...		Reaparece baloiço que desliza com o corpo inerte no chão. A oscilação vai diminuindo.	15:50
13.2.....13.2	13.2.....13.2	correria dos seis.....13.2	15:52
		ILUMINAÇ 38 Médica	15:54
MEDICA ...			15:56
MENINO ...			15:58
EMPREGADO ...	BAILARINO ...	Corre o Menino. Corre a Médica. Corre o Empregado com a Sombra debaixo do braço. Correm o Ciclista e os dois bailarinos.	16:00
13.3.....13.3	13.3.....13.3	barulho dos chocalhos.....13.3	16:02
	CLANDESTINO ...	> passadeira 23 VR15 CARETO 1/3	16:04
		SOM MUS 17 CHOCALHOS	16:06
		ILUMINAÇ 39 Careto	16:08
	CARETO ...	Inesperadamente o Careto corre fazendo barulheira. A cena do Náufrago suspende	16:10
	MUSA ...	> placa vai buscar porta 4/11	16:12
13.4.....13.4	13.4.....13.4	sabe que está morto.....13.4	16:14
		SOM MUS 17 CHOCALHO afasta-se	16:16
		ILUMINAÇ 40 Náufrago	16:18
NAUFRAGO ...		As outras pessoas acompanharam-no em silêncio, para vencerem sem pressa a extremidade da praça, as últimas casas, o caminho circundado de pedras que conduzia ao mar, às primeiras dunas e, logo após, a uma baixada onde o menino parou, apontando qualquer coisa na faixa de areia molhada:	16:20
MENINO Lá.		Todos os olhares convergiram para a mesma direção. Sem conseguir evitar, novamente o médico pensou nas estrelas cadentes e nas prováveis cismas daquelas cabeças queimadas, quase uniformes em seus olhos esverdeados de sol , suas roupas esfarrapadas, (...)	16:22
EMPREGADO Como é que você sabe que ele está morto?			16:24
MENINO Cheguei perto.			16:26
EMPREGADO Muito perto?			16:28
MENINO Não. Fiquei com medo. Só sei que não se mexe. Fiquei muito tempo olhando e não se mexeu nem uma vez.			16:30
MEDICA Esperem. A peste! Pode ser a peste.			16:32
TODOS A peste. A peste, doutor?			16:34
		Uma voz rouca cortou o pensamento:	16:36
			16:38
			16:40
			16:42
			16:44
			16:46
			16:48
			16:50
			16:52
			16:54
		Alguns pescadores começaram a descer a encosta, os pés afundados na areia quente, (...) – mas um gesto do médico os deteve:	16:56
		Disse o médico, e quase num sussurro sinistro, para amedrontá-los:	16:58
			17:00
		Os mais velhos encolheram-se atemorizados e vivos, lembrando aquele tempo de portas fechadas com trancas, todo dia alguns cadáveres alimentando a terra e ampliando a pequena extensão do cemitério sobre a colina.	17:02
		Rodearam-no, esperando uma decisão. Sem dizer nada, ele e o menino começaram a caminhar em direção ao corpo, enquanto os outros entreolhavam-se indecisos entre segui-los ou permanecer no alto das dunas...	17:04
			17:06
			17:08

SOMBRA da MEDICA

Pensas (...) nas prováveis cismas destas cabeças queimadas, (...) seus gestos precisos e poucos, embora marcados pela lentidão do cansaço - o cansaço dos que esperam por um acontecimento indefinido, capaz de fazê-los movimentarem-se subitamente com mais vontade, talvez com medo. Precisam do temor como quem precisa de um sentido.

MEDICA

Não morreu.

14.....14
14.1.....14.1

CRUCIFICADO

Chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dela, sem guarda-chuva nem nada, (...) eu podia ter tomado um táxi, mas não era muito longe, e se eu tomasse o táxi não poderia comprar cigarros nem conhaque, e eu pensei com força então que seria melhor chegar molhado da chuva, porque aí beberíamos o conhaque, (...) e fumaríamos (...) haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dela posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos.

14.2.....14.2

15.....15
15.1.....15.1

MEDICA**NAUFRAGO**

14.....14
14.1.....14.1

DANÇARINA ...**REPENTISTA ...**

Saem todos pela Esquerda alta

14.....14
14.1.....14.1

> **passadeira 24 CZ05 CRUCIFICADO 2/3**
SOM MUS 18 PULSAÇÃO pau de chuva
ILUMINAÇ 41 Crucificado

Carregando com esforço a porta às costas. Pára momentaneamente para dizer ao Repentista que o persegue seguindo a sua própria passadeira já colocada

eu sempre perdia todos pelos bares, só levava uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito, parece falso dito desse jeito, mas bem assim eu ia pelo meio da chuva, uma garrafa de conhaque na mão e um maço de cigarros molhados no bolso. Teve uma hora que

fazia frio, nem tanto frio, mais umidade entrando pelo pano das roupas, pela sola fina esburacada dos sapatos, (...) beberíamos sem medidas, in Fragmentos de Caio Fernando Abreu,

Retoma a caminhada carregando a porta cada vez com mais esforço. Repentista sai na mesma direção do Crucificado.

14.2.....14.2

CICLISTA

Côcada! Vamos adoçar a vida, gente. ... Tristeza não paga dívidas.

SOM MUS 18 final PULSAÇÃO
ILUMINAÇ 42 Ciclista

< **passadeira CLANDESTINO côco 4/8**

15.....15
15.1.....15.1

solução olhos verdes.....15.1

CAIXEIRO ...

> **passadeira 25 BJ04 EMPREGADO 1/3**
ILUMINAÇ 43 Médica

Estranha dança da Médica com o Naufrago e o Empregado com a Sombra.

Avançou trôpego pela areia, desdobrada à sua frente a sombra de um homem alto e magro, os cabelos esvoaçando ao vento. Mordeu os lábios salgados. A água verde do mar. (...) Aos poucos, os contornos foram

SOMBRA da MEDICA
Esperas uma solução
para esses teus olhos
que não nasceram assim
verdes e que dia a dia se
farão mais claros até
que não consigas mais
olhar o mar sem pensa-
res que (...) essa cor te
foi dada por ele (...) e até
que essa claridade deixe
um dia de te cegar para
que mergulhes no escuro
irremediável da morte?

ficando mais nítidos: qualquer coisa escura como cabelos destacados sobre a areia, depois a extensão de um tronco de onde saíam dois **braços abertos em cruz**, duas pernas unidas e molhadas pelo movimento repetido das ondas. Julgou enxergar algumas algas envolvendo o corpo, mas depois de alguns passos percebeu não serem mais que placas de areia, coladas à **carne nua e branca**. A vastidão despida de uma carne branca ao sol pesado das três horas da tarde. Antes de curvar-se para tocá-lo, voltou-se e viu os homens formando uma massa imóvel no alto das dunas. Apenas **o menino olhava-o com olhos enormemente verdes**, subitamente sérios, como se esperasse.

Todas estas figuras têm a sombra dos olhos verdes de um verde como o verde do mar

e até não saberes mais distinguir outra coisa que não seja verde

Na Esq entra Caixeiro na passadeira do Menino com carrinho para deitar o Náufrago.

A Médica abanou a cabeça, afastando uma mosca, e curvou-se. Estendeu a mão para tocar muito de leve no corpo, mas antes de completar o gesto percebeu um ruído feito um sopro, uma respiração. O menino esperava. Os homens esperavam. O corpo esperava, de bruços. Rapidamente voltou-o sobre si mesmo e, sem fixar o rosto, colocou o ouvido no peito do homem. O menino começou a fazer sinais agitados para os pescadores, que desceram em bandos sófregos pelas encostas das dunas. Então o médico ergueu os olhos e VIU o rosto do afogado. (...) uma adolescência indefinida, (...) a boca entreaberta com lábios partidos, ressecados pelo sal, o queixo levemente vincado, os cabelos crespos pesados de areia. A testa queimava. Subitamente o médico apertou-o com força, e enquanto pressentimentos sombrios se desenrolavam no espaço que separava seu peito do peito do afogado, manteve-o junto de si, como a protegê-lo dos homens que continuavam a correr pela praia, aproximando-se. Como a protegê-lo do sol, do mar, do menino que dava voltas em torno deles, exigindo uma participação naquilo que descobrira. Tirou a camisa para cobrir o rosto dele, depois ergueu-o suavemente pelos ombros (...) (o afogado)

15.2.....	15.2	15.2.....	roda de chorinho.....	15.2	19:30
			SOM MUS 19 CHORINHO Instrumental		19:32
			ILUMINAÇ 44 Músicos		19:34
		MUSICOS ...	Músicos formam em Roda de Chorinho.		19:36
		MUSA ...	◀ espelho leva porta 5/11		19:38
16.....	16	16.....		16	19:40
16.1.....	16.1	16.1.....	resmunguice de velha.....	16.1	19:42
		EMPREGADO ...	> passadeira 26 VR16 VIUVAS 2/3		19:44
			ILUMINAÇ 45 Viuvás		19:46
		VIUVAS ...	A Viuva Alegre trás écharpe colorida.		19:48
16.2.....	16.2	16.2.....	coração nas mãos.....	16.2	19:50
			ILUMINAÇ 46 Padre		19:52
		PADRE ...	Continua o Padre como pedinte		19:54
16.3.....	16.3	16.3.....	corpos que dançam.....	16.3	19:56
		REPENTISTA ...	> passadeira 27 VR17 ELDOURADO 3/3		20:00
			ILUMINAÇ 47 Bailarinos		20:02
		DANÇARINOS ...	Dança o par de bailarinos		20:04
		CICLISTA ...	> passadeira REPENTISTA côco 5/18		20:06
					20:08
					20:10

16.4.....	16.4	16.4.....	placa que desliza.....	16.4	20:12
		REPENTISTA ...	> passadeira 28 VR18 MUSA 2/3		20:14
			SOM MUS 20 CHORINHO PANDEIRO		20:16
			ILUMINAÇ 48 Musa		20:18
		MUSA ...	Musa transporta placa para a projecção de um filme que aparentemente por coincidência passa quando é preciso.		20:20
					20:22
					20:24
16.5.....	16.5	16.5.....	vir para portugal.....	16.5	20:26
			SOM MUS 20 final CHORINHO Pandeiro		20:28
			ILUMINAÇ 49 Cozinheira		20:30
		COZINHEIRA			20:32
		Joaquim! Quando decidi vir para Portugal, vendi tudo o que eu tinha. Tinha duas lanchonetes, vendi e vim. Uns amigos queriam, outros não, mas mesmo assim eu vim, contra a vontade de todos...	Cozinheira interrompe percurso e avança para passadeira azul dizendo ao Criado para passar o filme que ela tem para mostrar às pessoas que estão ali a olhar para ela.		20:34
		Minha mãe me apoiou, como sempre em todas as minhas decisões...			20:36
		Foi muito difícil largar minha filha, meu povo, minha rua, minha terra, largar tudo aquilo e vir em busca da incerteza. Não sabia o que aconteceria. Meus amigos quando souberam que eu vinha mesmo, resolveram fazer uma despedida, fizeram três festas de despedida. Até que chegou o dia do embarque e eu vim pra cá. Vinte e quatro horas depois eu estava de volta.	O filme projecta-se na placa que desliza pelas mãos da Musa que se penteia por trás no espelho que já vimos.		20:38
		Fui deportada de Portugal!!! Quando cheguei aqui, me perguntaram o que vinha aqui fazer e eu disse que queria conhecer Fátima. Disse que era representante de uma Banda e que tinha os CDs comigo. O rapaz pediu para eu mostrar e eu mostrei.			20:40
		Ele até comentou que as bailarinas eram muito bonitas. Esse era simpático, (...) Até me perguntou: Mas porque você veio?			20:42
		As minhas amigas tinham-me dado um cabelo, caso houvesse algum problema que era para eu mostrar o cabelo e dizer que tinha vindo pagar uma promessa de um problema grande que eu tinha tido. Mas o homem disse que não era			20:44
			O Criado continua a passar o filme.		20:46
					20:48
					20:50
					20:52
					20:54
					20:56
					20:58
					21:00
					21:02
					21:04
					21:06
					21:08
					21:10
					21:12
					21:14
					21:16
					21:18
					21:20
					21:22
					21:24
					21:26
					21:28
					21:30
					21:32
					21:34
					21:36
					21:38
					21:40
					21:42

preciso mostrar o cabelo, apenas pediu o telefone da minha amiga, para confirmar a minha história, só que quando ele ligou, ela disse-lhe que eu estava vindo para ir ao Rock in Rio e aí ele disse que se o inspetor não tivesse ouvido a minha história, ele até que podia deixar eu entrar, mas muita gente ouviu e eu tive mesmo que retornar.

Aí caí no choro e um rapaz que também tinha sido deportado me perguntou porque eu estava chorando e eu disse: É muito triste, lá na minha terra fizeram três despedidas para mim, agora eu volto com menos de vinte e quatro horas!! E ele disse: Não encare isso como uma derrota, mas como uma lição de vida.

SOM MUS 21 CABOCLO aproxima-se

Transcrição do Depoimento gravado por Amauri Tangará a Kátia Luz

16.6.....16.6 16.6..... barulho de chocalhos.....16.6

CLANDESTINO ...

< passadeira 29 VR19 CARETO 2/3

SOM MUS 21 CHOCALHOS

ILUMINAÇ 50 Caboclo

CICLISTA ...

< passadeira TROVADOR côco 6/8

CABOCLO ...

Passa com barulheira infernal

17.....17 17.....17 17.....17
17.1.....17.1 17.1.....17.1 17.1.....17.1

olhos ardiam de frio.....17.1

ELDOURADO ...

> passadeira 30 CZ04 REPENTISTA 2/3

SOM MUS 21 CHOCALHOS afastam-se

SOM MUS 22 PULSAÇÃO Variante 3

ILUMINAÇ 51 Crucificado

CRUCIFICADO

Chovia ainda, meus olhos ardiam de frio, (...) e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as pernas geladas. Tão geladas as pernas e os braços e a cara que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, mas não queria chegar na casa dela, (...) hálito fedendo, não queria que ela pensasse que eu andava bebendo, (...) e fui pensando também que ela ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda; (...) teria que ter cuidado com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando a encontrasse, para que não visse o dente que-

o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o

líquido do nariz endurecia logo sobre os pêlos, eu enfiava as mãos

avermelhadas no fundo dos bolsos

meio bêbado

e eu andava, todo dia um bom pretexto,

roxas olheiras e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria

que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, in Fragmentos, de

Caio Fernando Abreu,

brado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ela visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ela soubesse que eu era eu, e eu era. (...) encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, ou parar para sempre ali mesmo (...) mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás,

Começou a acontecer uma coi-sa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu,

naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama ao passar,

in Fragmentos de Caio Fernando Abreu,

17.2.....	17.2	17.2.....	espelho desliza.....	17.2	23:14
					23:16
					23:18
					23:20
					23:22
					23:24
					23:26
					23:28
					23:30
					23:32
					23:34
					23:36
					23:38
					23:40
					23:42
					23:44
					23:46
					23:48
					23:50
					23:52
			SOM MUS 23	PULSAÇÃO PANDEIRO	23:54
			ILUMINAÇ 52	Musa	23:56
					23:58
		MUSA	...	Espreita com espelho mas não entra totalmente por ver o Criado	23:58
17.3.....	17.3	17.3.....	com a ajuda dos amigos.....	17.3	24:00
					24:02
		FUNAMBULO	...	< passadeira 31 VR20 COZINHEIRA 3/3	24:04
				SOM MUS 23	24:06
				ILUMINAÇ 53	24:08
				suspensão PULSAÇÃO	24:10
				Cozinha	24:12
		CRIADO			24:14
		Bom dia.		Metendo-se tímidamente com a Musa	24:16
					24:18
		MUSA	...	Fingindo não ouvir nada sai com espelho	24:20
					24:22
		COZINHEIRA		Larga a panela vazia bem areada e vem até junto dos espectadores para se sentar precisamente ao lado deles.	24:24
		Com a ajuda dos amigos,			24:26
		consegui retornar a Portugal e quando cheguei pela segunda vez, já estava feita a armadilha, como eu digo, para ir para São Tomé. Fui apresentada a uma senhora, que seria a minha patroa, que falou que lá tudo era muito lindo, tinha praia e água de coco e era muito parecido com o Brasil, só que na África...			24:28
		E eu fui, senti uma grande diferença, pois quando comecei a trabalhar, meus colegas de trabalho achavam que eu ia tirar as mordomias de todo mundo... Passado uns três ou quatro meses que eles foram ver que eu não era			24:30
					24:32
					24:34
					24:36
					24:38
					24:40
					24:42
					24:44

nada daquilo que eles	Continuando a contar descontraidamente	24:46
pensavam e aí a vida me-		24:48
lhorou um pouquinho,		24:50
mas eu chorava muito, a-		24:52
cordava e ia dormir cho-		24:54
rando. Eu tinha uma ami-		24:56
ga que me traduzia tudo o		24:58
que eles falavam. Quando		
queriam falar mal de mim,		25:00
falavam em crioulo e eu		25:02
não entendia nada. Me		25:04
falaram que, como eu		25:06
fazia bolo de noivas, não		25:08
podia chorar, porque lá ti-		25:10
nha uma tradição que		25:12
dizia que se alguém cho-		25:14
rasse perto do bolo a noi-		25:16
va nunca seria feliz e eu		25:18
vivia chorando! Então		25:20
nenhuma mulher seria fe-		25:22
liz porque eu chorava mui-		25:24
to!...		25:26
Lá conheci muitos ami-		25:28
gos, apesar da minha pa-		25:30
troa não gostar que eu		25:32
sáisse e conversasse		25:34
com outras pessoas, ela		25:36
tinha medo de me perder		25:38
para a concorrência. Por-		25:40
que, como eu já disse, lá		25:42
brasileiro é como se fosse		25:44
Deus, por causa das no-		25:46
velas e da propaganda		25:48
que fazem da mulher bra-		25:50
sileira pelo mundo afora,,,		25:52
Lá, nem quando eu tinha		25:54
quinze anos, eu fiz tanto		25:56
sucesso!... Eram cartas,		25:58
flores, cantatas de todo		26:00
tipo e frequente, eu era		26:02
muito cortejada. Sempre		26:04
que ia para minha casa		26:06
tinha alguém me acom-		26:08
panhando até a porta. Es-		26:10
se foi o lado bom, mas a-		26:12
pesar da pressão e da		
depressão, eu nunca tive		26:14
grilo nenhum com nin-		
guém...		
O que me deprimia mais		
era a situação económica		
do povo que estava abaixo		
da mais baixa... Meus co-		
legas de trabalho, en-		
quanto eu comia um bom		
prato sentado na mesa,		
eles comiam sopa de os-		
sos de peixe de pé na cal-		
çada. O restaurante com-		
prava os peixes, tirava os		
filetes para os clientes e		
o resto dava aos empre-		
gados. Os empregados		
entravam pela porta dos		
fundos... E pra mim, não,		
como eu era estrangeira		
e brasileira, entrava pela		
porta da frente para todo		
mundo ver. Eu era o cartão		
postal da minha patroa. A	Sem se cansar de falar	26:14

minha maior tristeza era
 ver aquela pobreza toda,
 aquele país tão pobre!...É
 uma gente que precisa
 muito de ajuda. Só quem
 conhece, e vai lá é que sa-
 be. Uma coisa é você ver
 na televisão, outra é estar
 lá. Eu não aguentei o ba-
 que de ver tanta gente vi-
 vendo na miséria.
 Lá eu era como se fosse
 a Xuxa, branquiiiiinha.
 Eles achavam que além
 de brasileira eu era mais
 clara, porque no Brasil ou
 aqui, eu sou negra, mas
 na África eu sou é branca.
 Lá as meninas que são
 mais clarinhas um pouco
 não querem casar com
 os pretos. Tinha umas
 meninas e eu sempre
 dizia, porque vocês não
 namoram com o fulano. E
 elas: Credo! Ele é muito
 preto! Preto como o cão!
 Lá eles se discriminam,
 o maior preconceito vem
 deles. Eles não aceitam
 ser pretos, não querem
 casar com preto. Por isso
 eu fui muito paquerada.
 Era ministros, secretá-
 rios, policiais. Os pobres,
 coitadinhos, não chega-
 vam nem perto. Sempre
 que eu acordava tinha um
 bilhete, flores... (...) Então
 eu voltei e hoje estou
 aqui, aqui me apaixonei!!

Transcrição do Depoimento gravado por Amauri Tangará a Kátia Luz

17.4.....	17.4	17.4.....	paca desliza.....	17.4	27:00
			SOM MUS 23 retoma PULSAÇÃO		27:10
			ILUMINAÇ 54 Musa		27:12
		MUSA ...	< espelho leva porta 7/11		27:14
		COZINHEIRA ...	O Criado fica parado a olhar para a Musa		27:16
		CRIADO ...			27:18
17.5.....	17.5	17.5.....	cruzamento de estradas.....	17.5	27:20
			Não se percebe como entrou o Sinaleiro.		27:22
			SOM MUS 23 final PULSAÇÃO		27:24
			ILUMINAÇ 55 Sinaleiro		27:26
		SINALEIRO ...	Aproveitando a passagem da placa aparece por trás o Sinaleiro gesticulando elevado.		27:28
18.....	18	18.....			27:30
18.1.....	18.1	18.1.....	bater no liquidificador.....	18.1	27:32
			CRIADO ...	> passadeira 32 VR21 CLANDESTINO 2/3	27:34
			SOM MUS 24 IMPROVISACÃO		27:36
			ILUMINAÇ 56 Artista		27:38
		CLANDESTINO ...	Clandestino puxa a sua caixa em cima de um estrado com rodas. A Artista está dentro da caixa. Vê-se a penas a cabeça da Artista		27:40
		MENINO ...			27:42

ARTISTA

Portuguesa? Então, Você vai bater no liquidificador, (...) Liquidificador?? Os ovos, (...) eggs, com a metade do leite, (...) muuuu, a MANTEIGA, o açúcar, Suggar, ta ta ta ta, oh hunny hunny..., o Chocolate, (...) hum, em pó, pó, (...) e a FARI-NHA peneirada né? (...) pen (...) com o fermento, (...) fermento! Depois vai despejar esta mistura numa assadeira retangular untada. Leve ao FORNO médio por cerca de 25 minutos, tchuu ... (Two), five. Forre uma forma redonda, 25cm de diâmetro, again tchuu five cm de diâmetro com PAPEL DE ALUMÍNIO. Faça uma camada com metade do bolo esfarelado, ESFARELADO, ESFARELATO, ESFARÉLI, ESFARELATED e humedeca, verry water com uma parte do leite, (...) muu, restante. Espalhe, espalhe o sorvete, gelado, e faça outra camada de bolo ESFARELATO, ESFARELATED e humedecido, verry water. Ok, então...é... Cubra e leve ao freezer, (...) freezer é freezer né? Aqueça o CREME DE LEITE em banho-maria, maria go to swim, i don't know. Desligue o fogo, off, junte o Chocolate, hum picado e mexa até derretê-lo, (...) Desenforme o bolo e cubra-o com o CREME de hum, chocolate. Decore com chocolate, hum, em raspas ou GRANULADO, GRANO, sand, e sirva. É simples. Muito giro. Fixe.

Uma mulher brasileira através do gesto exemplifica tudo o que está a dizer. Fala de uma receita de torta de chocolate. Para algumas palavras utiliza o inglês. Um português/a, ouve-a sem alterar a expressão, com atenção. As palavras ou expressões sublinhadas são aquelas que a brasileira reforça com gestos, as que estão em maiúsculas são aquelas onde abre muito a boca.	27:48
em espanhol	27:50
imita galinha,	27:52
imita vaca	27:54
Som de delícia	27:56
sopra para uma mão,	27:58
Tenta dizer em Inglês,	
não consegue,	28:00
sotaque italiano,	28:02
O cru e o cozido, o alimento e a comida, o doce e o salgado, ajudam a classificar coisas, pessoas e até acções morais importantes (...) associamos comida e doce a feminino, deixando o salgado e o indigesto (...) para coisas duras e cruéis (51) Alimento é para manter uma pessoa viva (EUA, saladas cruas e fast food); comida é tudo o que se come com prazer (comunhão e sensualidade) (55) Feijão com arroz... feijão que é preto deixa de ser preto e o arroz que é branco deixa de ser branco (56) pão duro (avarento) Pão, pão, queijo, queijo (separar coisas) comer gato por lebre (engano, confusão) ter água na boca; com a boca na botija; com a faca e o queijo na mão; falamos da boca para fora (58) O que faz o brasil, Brasil? Roberto Damata, Editora JPA Ltda, Rio de Janeiro, Maio de 2001, (cedido por José Viegas)	28:06
imita vaca	28:08
imita vaca	28:10
Imita frio	28:12
imita com som uma coisa a derreter.	28:14
Sai aos tropeções. (texto de Joana Capucho)	28:16
	28:18
	28:20
	28:22
	28:24
	28:26
	28:28
	28:30
	28:32
	28:34
	28:36
	28:38
	28:40
	28:42
	28:44
	28:46
	28:48
	28:50
	28:52
	28:54
	28:56
	28:58
	29:00

18.2.....18.2 18.2..... **chuva vestiu índio.....18.2** 29:02

SINALEIRO

Quando o português chegou / Debaixo de uma bruta chuva / Vestiu o índio. Que pena! / Fosse uma manhã de sol / O índio tinha despido o português //

SOM MUS 24	final IMPROVISAÇÃO	29:04
ILUMINAÇ 57	Sinaleiro	29:06
Fala vendo a Artista quase nua na caixa		29:08
		29:10
		29:12
		29:14
Oswaldo de Andrade		29:16

18.3.....	18.3	18.3.....	menino da rua.....	18.3	29:18
		CLANDESTINO ...	ILUMINAÇ 58 Menino		29:20
		ARTISTA ...	Menino acha piada ao facto da Artista estar dentro da caixa a ser puxada pelo Clandestino e aproxima-se tentando acolher-se.		29:22
		MENINO ...			29:24
18.4.....	18.4	18.4.....	plantando cana.....	18.4	29:26
		VOCALISTA ...	< passadeira 33 VR22 TROVADOR 2/2		29:28
		TROVADOR	SOM MUS 25 MENINO		29:30
		Plantando cana / Abrindo Roça / Fazendo queijo / Na casa de mãe Joana / O asfalto preto / Céu não é a sua / Ténis, escola / Jogar pelada na rua // Êh, êh, êh, êh / Peão nobre / Em prosa e verso / Não destracata / Cumpre o feito / A qualquer um / Das sete às sete / É muito forte ou enfeite // Oh, Maria / Cadê Zézim / Esse Menino êh? / Oh, Maria / Cadê Zézim / Esse Menino êh? // Subindo a serra / Tão amada / Tão quanto / Aquela namorada / Nem tanto / Cabo da enxada / Vem brincar de sonhos / Fazendo planos para o futuro / Olhando o apeio / A parapeito / Se o sol se põe / É lua cheia / Vem brincar de sonhos // Oh, Maria / Cadê Zézim / Esse Menino êh? / Oh, Maria / Cadê Zézim / Esse Menino êh? //		ILUMINAÇ 59 Trovador	29:32
					29:34
					29:36
					29:38
					29:40
					29:42
					29:44
					29:46
					29:48
					29:50
					29:52
					29:54
					29:56
					29:58
					30:00
					30:02
					30:04
			Menino é afastado pela Artista antes de todos eles saírem.		30:06
					30:08
			Letra e música de Max Santos		30:10
		MUSA ...	> placa vai buscar porta 8/11		30:12
					30:14
19.....	19	19.....		19	30:16
19.1.....	19.1	19.1.....	indo ao encontro dela.....	19.1	30:18
		DANÇARINA ...	> passadeira 34 CZ05 REPENTISTA 3/3		30:20
		REPENTISTA ...	SOM MUS 25 final MENINO		30:22
			SOM MUS 26 PULSAÇÃO Variante 4		30:24
			ILUMINAÇ 60 Crucificado		30:26
			o sax gemido ao fundo		30:28
					30:30
			eu precisava deter a vontade de voltar atrás ou ficar parado, pois tem um ponto, eu descobria, em que você perde o comando das próprias pernas, não é bem assim, descoberta tortuosa que o frio e a chuva não me deixavam mastigar direito, eu ape-nas começava a saber que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável dele me esperando quen-te e pronto. Um carro passou mais perto e me molhou inteiro, sairia um rio das minhas roupas se conseguisse torcê-las, então decidi na minha cabeça que eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado, agora pelo caminho de árvores sem folhas e a rua interrompida que eu revia daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava mas ia indo, no meio da cidade como um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha,		30:32
					30:34
					30:36
					30:38
					30:40
					30:42
					30:44
					30:46
					30:48

nem guarda-chuva, (...)
Era a mim que ela chamava, pelo meio da cidade, puxando o fio desde a minha cabeça até a dela, por dentro da chuva, era para mim que ela abriria sua porta, (...) trocaria minha roupa molhada por outra mais seca e tomaria lentamente minhas mãos entre as suas, acariciando-as devagar para aquecê-las, espantando o roxo da pele fria,

19.2.....	19.2	19.2.....	barulho de chocalhos.....	19.2	31:10
		CLANDESTINO ...	> passadeira 35 VR23 CARETO 3/3		31:12
		CARETO ...	SOM MUS 27 CHOCALHOS		31:14
		CABOCLO ...	ILUMINAÇ 61 Caretos		31:16
			Passa o Caboclo de Lança a fazer barulho. Entra Careto e corre vindo do mesmo lado		31:18
20.....	20	20.....		20	31:22
20.1.....	20.1	20.1.....	quem te trouxe.....	20.1	31:24

CAIXEIRO ...	< passadeira 36 BJ05 MEDICA 2/3	31:26
	SOM MUS 27 CHOCALHOS afastam-se	31:28
	ILUMINAÇ 62 Náufrago	31:30

SOMBRA da MEDICA
Quem te trouxe dessa quase morte para um lugar que é a própria antecipação da morte?

MEDICA
Pareces para sempre imobilizada nessa postura que não é tua porque não te imagino assim abandonada entre lençóis mas em constante movimento.

SOMBRA da MEDICA
Fazes dessa ausência de movimentos de agora a tua enorme e falsa fragilidade?

MEDICA
Ai.

SOMBRA da MEDICA
Sentas necessidade de algum terror, mas não te apressas porque sabes que ele virá, breve e denso.

NAUFRAGO
Ah.

só uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito.	30:50
	30:52
	30:54
	30:56
	30:58
chegando muito perto agora, tão perto que uma quentura me subia para o rosto, como se tivesse bebido o conhaque todo, in Fragmentos de Caio Fernando Abreu,	31:00

SOM MUS 26 final PULSAÇÃO	31:06
SOM MUS 27 CHOCALHO aproxima-se	31:08

	31:02
	31:04
	31:06
	31:08
	31:10
	31:12
	31:14
	31:16
	31:18
	31:20

	31:22
	31:24

	31:26
	31:28
	31:30

Sentou com cuidado ao lado da cama, para não despertá-lo. Era quase dezembro. Aproximou o lampião e examinou mais detido o rosto agora limpo, mas ainda marcado pela febre.	31:32
	31:34

Como se provocasse o Náufrago e a Médica	31:36
	31:38

	31:40
	31:42

	31:44
	31:46

	31:48
	31:50

	31:52
	31:54

Ainda provocante. A Médica afasta a sombra como se fosse um espírito maligno ou um mau pensamento que a persegue.	31:56
	31:58

Estalou os dedos, inquieto. (...)	32:00
	32:02

	32:04
Suspendeu os óculos deixando-os em repouso sobre a cabeça, depois pousou-os devagar na mesa. Andou até a janela e ficou a ver os homens e as mulheres largados nas cadeiras, as brasas dos cigarros, pontos vivos na escuridão, alguns curiosos postados sob a janela da pensão, sem ousarem fazer perguntas. O céu muito escuro: naquela noite, não haveria estrelas cadentes. Passou as mãos pelos braços. Não conseguia aterrorizar-se, e há muito tempo não sentia frio. (...) Apenas reagia. Tudo ali estaria para sempre excessivamente silencioso para que se pudesse soltar um grito ou chorar sozinho no escuro, como nos primeiros tempos. (...) Encarava sem emoção a perdição alheia e a própria perdição, porque não havia distinções nem individualidades: eram todos o mesmo grande	32:06
	32:08
	32:10
	32:12
	32:14
	32:16
	32:18

MEDICA

Há dois dias que estas
vas desacordada.

NAUFRAGO

Ah.

MEDICA

Quer alguma coisa?

NAUFRAGO

Água.

MEDICA

Água?

MEDICA

Sente-se bem?

AFOGADA

Ah.

MEDICA

Quer alguma coisa?

MEDICA

Ela acordou faz pouco.
Bebeu muita água, depois
dormiu novamente. Está
fora de perigo. Não tem
nenhum ferimento. A febre
também baixou. Talvez
amanhã já esteja em
condições de se levantar.

EMPREGADO

Mas a senhora doutora
não perguntou quem era,
de onde vinha, como veio
dar na praia? Deus me
livre, pode ser alguma
criminosa, a gente nunca
sabe.

MEDICA

Não, não perguntei nada
Ela não está em condições
de falar.

EMPREGADO

Está bem, mas não me
responsabilizo por nada.
A senhora é que sabe.
(...) Sabe o que dizem na
vila? Que a senhora

e triste monstro humano, uma única cabeça, tronco, membros. Numa 32:20

noite de quase dezembro, a alma deserta. A **estátua do general no meio** 32:22

da praça e um desconhecido no quarto. Voltou-se e encontrou dois olhos 32:24

fixos nas suas mãos. Foi-se aproximando enquanto falava: 32:26

Esperou algum tempo. Os dois olhos percorriam o quarto, inventariando 32:28

a pobreza dos móveis poucos e arrebitados, as paredes gretadas, a 32:30

bacia de louça num canto. As mãos se moviam: dez dedos torcidos sobre 32:32

o lençol de tecido áspero. 32:34

Fala explicado. Pensa que é estrangeira. 32:36

Os lábios ressecados se abriram com dificuldade - a percepção dessa 32:38

dificuldade fez com que os dedos se crispassem lentamente, aos poucos 32:40

criando tramas estranhas no tecido grosso do lençol. A cabeça oscilou 32:42

em direção à mesa, os olhos piscaram algumas vezes, e finalmente 32:44

qualquer coisa como uma voz entremeada de sal e algas murmurou: 32:46

Estendeu-lhe o copo e, sem nenhum pensamento na cabeça um pouco 32:48

dolorida, ficou observando a avidez do outro. Tornou a servi-lo, e mais uma 32:50

vez, e ainda outra, até que o desconhecido levasse dois dedos à boca, 32:52

como a pedir silêncio, mas evidenciando uma saciedade que, por sua 32:54

nitidez, quase assustou o médico. Ele então **recuou para trás do lampião,** 32:56

onde sabia-se protegido pela sombra. Isento, e praticamente ausente, 32:58

sondou-o mais uma vez. Ausente o outro, também - havia uma insólita 33:00

ausência naquele rosto. Devia ter uns vinte anos, decidiu. (...) E de repente 33:02

um impulso que não chegou a compreender exigiu que falasse, (...) Mas 33:04

teve uma consciência (...) de apenas preencher um momento perigoso 33:06

que, mal abriu a boca, sentiu-se extremamente falso. Mesmo assim, 33:08

perguntou com uma espécie de carinho seco: 33:10

O outro acenou afirmativamente. **A sombra na parede acenou** 33:12

afirmativamente. O médico tomou a perguntar: 33:14

O outro não respondeu. Havia uma dissimulada ferocidade no jeito como 33:16

cerrava os maxilares, uma contida agressividade nos dedos fortes 33:18

esmagando o lençol, uma sede além daquela água que bebera: certa 33:20

vibração que exigia, intimidava e penalizava, abandonada. Entrelaçou os 33:22

dedos. Queria paz. E **deixou a cabeça apoiar-se no encosto da cadeira.** 33:24

Muito tempo depois acordou com batidas na porta. Ainda tonto, 33:26

abriu-a e deparou com a mulher gorda espiando para dentro: 33:28

Empregado entra pé ante pé. 33:30

Médica fala mandando-o embora. 33:32

Explicou, perguntando -se há quanto tempo teria acontecido aquilo que 33:34

chamava, cuidadoso, de *o despertar*. (...) objetivo, acumulava informações 33:36

no desejo não revelado de ficar a sós com o que incompreendia. 33:38

Disse **secamente.** E acrescentou: 33:40

Empregado avança para finalmente ver a 33:42

cara da afogada. 33:44

A mulher sacudiu os ombros: 33:46

A mulher deu alguns passos em direção à escada, **subitamente voltou-** 33:48

se e encarou-o com ar de dúvida. 33:50

doutora já a conhecia, quero dizer, que a senhora cuidou bem demais dela para uma desconhecida. Que a senhora não deixou ninguém ver o rosto dela.

Quando Empregado sai, a Médica deita o Náufrago confortavelmente na cama

33:52

33:54

33:56

33:58

Não respondeu. Fez um rápido sinal com a cabeça, como se a despedisse ou concordasse, e **fechou a porta**. Encostou a cabeça na madeira, e por um momento temeu que o descobrissem. Mas não tenho nada a esconder, espantou-se. Partia-se todo em pedaços incomprensíveis: o terror voltava. A espessa camada: quebrando-se, cascas finas. Acendeu um cigarro e tornou a sentar-se na beira da cama do outro.

34:00

34:02

34:04

34:06

20.2.....20.2 20.2..... **morra o desejo de amar.....20.2**

TROVADOR ...

> **passadeira 37 VR24 VOCALISTA 2/3**

34:08

SOM MUS 28 VIOLÃO Solo

34:10

ILUMINAÇ 63 Vocalista

34:12

34:14

34:16

34:18

34:20

34:22

34:24

34:26

34:28

34:30

34:32

34:34

34:36

34:38

34:40

34:42

34:44

34:46

34:48

34:50

34:52

34:54

34:56

34:58

35:00

35:02

35:04

35:06

35:08

35:10

35:12

35:14

35:16

35:18

VOCALISTA

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces./ Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto./ No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida./ E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz./ Não ter quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado.// Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados./ Para que eu possa levar uma gota de orvalho desta terra amaldiçoada. / Que ficou sobre a minha carne como nódoa do passado. / Eu deixarei, tu irás e encostarás a tua face em outra face./ Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada. / Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite./ Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa./ Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço./ E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado./ Eu ficarei só como os veleiros nos pontos silenciosos./ Mas eu te possuirei como ninguém porque poderei partir./ E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas./ Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz sere-nizada

20.3.....	20.3	20.3.....	ouvir o português do brasil.....	20.3	35:22
			SOM MUS 28 final VIOLÃO Solo		35:24
			ILUMINAÇ 64 Sinaleiro		35:26
		SINALEIRO			
		Gosto de ouvir o português do Brasil / Onde as palavras recuperam sua substância total / Concretas como frutos nítidas como pássaros / Gosto de ouvir a palavra com suas sílabas todas / (...)	Comenta depois de ouvir a Vocalista		35:28
					35:30
					35:32
					35:34
					35:36
			Sem perder sequer um quinto de vogal // Quando Helena Lanari dizia o <coqueiro> / O coqueiro ficava muito mais vegetal /// POEMA DE HELENA LANARI, Obra Poética, Sophia de Mello Breyner Andresen, volume III, 4ª edição, editorial Caminho, Julho de 1999, pg 81		35:38
					35:40
					35:42
21.....	21	21.....		21	35:44
21.1.....	21.1	21.1.....	pode deixar que eu levo.....	21.1	35:46
		CAIXEIRO ...	< passadeira 38 BJO6 MEDICA 3/3		35:48
			ILUMINAÇ 65 Náufrago		35:50
			As noites passadas na cadeira doíam nas costas. Esticou o corpo, o sol já alto da manhã estendendo um feixe de luz por sobre a mesa e o piso riscado. (...) Do canto, olhou para a cama: pela janela aberta, o feixe de luz do sol clareava ainda mais os lençóis. O corpo adormecido, pesado, os cabelos crespos espalhados sobre o travesseiro. A poeira dourada suspensa no ar. Evitou aproximar-se. Caminhou até a porta e, antes de dar duas voltas na chave, virou-se ainda mais uma vez para dentro. (...) Comeu o pão em silêncio enquanto a mulher observava-o da porta, o ar vagamente agressivo. (...) Não havia necessidade de palavras para expressar o que brilhava com suficiente intensidade nos braços cruzados em expectativa. A Mulher falou apenas quando ele começou a preparar café, pão e algumas bananas numa bandeja – simulava uma doçura de mulher gorda, pronta a assumir seu ofício de servir:		35:52
					35:54
					35:56
					35:58
					36:00
					36:02
					36:04
					36:06
					36:08
					36:10
					36:12
					36:14
					36:16
					36:18
			Disse seco, e mal havia falado arrependeu-se.		36:20
					36:22
					36:24
					36:26
					36:28
					36:30
					36:32
		MUSA ...	< espelho leva porta 9/11		36:34
			Já se referia ao outro em termos velados, chamando-o de <i>ele</i> , em voz baixa, como nomearia qualquer coisa que não lhe fosse permitido conhecer. <i>Ele</i> era aquele homem lá em cima - toda a distância de outras terras, paisagens feitas não só de mar e montanhas, mas de outros elementos que ela não conseguia sequer supor, a não ser por velhas histórias, tão esgarçadas quanto inverossímeis. (...) Hesitou por momentos em conceder – e portanto quebrar o início de um clima que se anunciava insuportável – (...) as tramas cresceriam entrelaçadas como folhagens, até que ele não pudesse mais controlá-las? A sala calma e contida. Decidiu:		36:36
					36:38
					36:40
					36:42
					36:44
					36:46
					36:48
			(...) Curvou-se para tocar a testa do afogado: era fresca e lisa, sobre a fisionomia repousada. Evitou qualquer pensamento. Tomou da pequena maleta e saiu para a rua.		36:50
					36:52

EMPREGADO

A senhora doutora não precisa se preocupar. Pode deixar que eu mesmo levo o café dela. Qualquer jeito, tenho mesmo que arrumar as camas e varrer os quartos.

MEDICA

Não é preciso.

SOMBRA do MEDICO

Pressentes que se não fizeres nenhuma concessão à mulher, se continuares a negar-lhe qualquer possibilidade de contato com o desconhecido, a cada dia ela se fará mais e mais ávida, tornando-se talvez perigosa

MEDICA

Eu mesmo levo.

21.2.....	21.2	21.2.....	é o meu coração.....	21.2	36:54
		CRIADO ...	< passadeira 39 VR25 CORAÇÃO 3/3		36:56
		SINALEIRO ...	ILUMINAÇ 66 Coração		36:58
		PEDINTE			37:00
		É o meu coração!			37:02
		SINALEIRO			37:04
		O coração?			37:06
		PEDINTE ...			37:08
		SINALEIRO			37:10
		Ah! Anda com o coração nas mãos?			37:12
		PEDINTE ...			37:14
		SINALEIRO			37:16
		(...) Marinheiro em terra estranha, / Para me lembrar de ti / Tenho as têmporas de prata, / Se queres suster-me o vôo / Acaricia-me as asas, / Que doces olhos me deitas, / Que suaves mãos, ó pátria!	Diz o Sinaleiro enquanto o outro sai		37:18
					37:20
					37:22
					37:24
					37:26
					37:28
			Ausência, de Manuel Bandeira in Estrela da Vida Inteira, pg 469		37:30
					37:32
21.3.....	21.3	21.3.....	deitar meu coração.....	21.3	37:34
		VOCALISTA	< passadeira 40 VR26 VOCALISTA 3/3		37:36
		Vou deitar meu coração	SOM MUS 29 CORAÇÃO		37:38
		/ No leito seco de um rio	ILUMINAÇ 67 Vocalista		37:40
		/ Ou enterrá-lo de vez /			37:42
		Num canto de vento frio.			37:44
		//			37:46
		Quero ver meu coração /			37:48
		De pés fincados no mar			37:50
		/ Ou voando em terra firme / Mas que tenha seu lugar. // Eu levo meu coração / Como quem vai viajar / Seguindo os passos da mão / à procura de um lugar. ///			37:52
			Texto de Amauri Tangará e Mylène Pires		37:54
					37:56
22.....	22	22.....		22	37:58
22.1.....	22.1	22.1.....	começava a escurecer.....	22.1	
		CRUCIFICADO	SOM MUS 29 final CORAÇÃO		38:00
		Começava a escurecer, era cedo ainda, mas ia escurecendo cedo, mais cedo que de costume, e nem era inverno, ela arrumaria uma cama larga com muitos cobertores, (...) tentei sorrir, com cuidado, o lábio inferior quase imóvel, escondendo o caco do dente, e pensei na lama que ela limparia terno, porque era a mim que ela chamava, porque era a mim que ela esco-	SOM MUS 30 PULSAÇÃO Variante 5		38:02
			ILUMINAÇ 68 Crucificado		38:04
					38:06
					38:08
					38:10
			e foi então que escorreguei e caí e tudo tão de repente, para proteger a garrafa apertei-a mais contra o peito e ela bateu numa pedra, e além da água da chuva e da lama dos carros a minha roupa agora também estava encharcada de conhaque, como um bêbado, fedendo, não beberíamos então,		38:12
					38:14
					38:16
					38:18
					38:20
					38:22

[illegible]

PADRE

Precisava falar com a senhora doutora.

MEDICA

Pois não.

PADRE

Trata-se... bem, trata-se da mulher encontrada na praia.

MEDICA

Sim?

PADRE

Bem, a senhora doutora sabe, o povo está curioso, quer saber quem é essa mulher, se houve algum naufrágio. Os paroquianos estão todos um pouco... como direi?... bem, a senhora doutora sabe... é perfeitamente natural essa curiosidade... Afinal, a vila é tão pequena, todos sabem ao mesmo tempo de tudo que acontece, ontem mesmo todos ficaram sabendo que a desconhecida está fora de perigo. Eu mesmo...

MEDICA

O que é que o senhor quer saber?

PADRE

Quero saber quem é essa mulher, de onde veio, o que quer aqui.

MEDICA

Ela não quer nada aqui. Ela nem sequer sabe que está aqui.

PADRE

O que quer dizer com isso?

MEDICA

Não quero dizer nada. Estou apenas cuidando de uma doente.

PADRE

Mas pode ser uma criatura de maus costumes. A senhora doutora sabe que a nossa comunidade, graças a Deus e aos meus modestos mas

doentes escassos, nunca houvera muito a fazer por ali, (...) Alguns, talvez, o julgassem orgulhoso. Era. (...) Passava com sua roupa branca, todos os dias - e não era nem mais nem menos assustador que qualquer outro dos homens, (...) Foi no meio da praça que encontrou com o padre. Cumprimentou-o, disposto a passar adiante, quando percebeu um movimento diverso do costumeiro a se fazer num gesto nascendo da batina negra. Ainda assim tentou continuar mas a voz obrigou-o a deter os passos e olhar fixamente para a calva lustrosa ao sol de quase meio dia.

A Médica continua de costas para o Padre

O Médico atalhou-o, ríspido. Detestava aquela preparação, as justificativas dissimuladas e rodeios tontos para chegar a um único ponto.

O padre pareceu notar as farpas atrás das palavras. Imediatamente emperdigou-se, passou o lenço sobre a calva encharcada de suor e respondeu no mesmo tom:

O Padre dirige-se ao público como se este fosse o povo da vila

É a primeira vez que a Médica olha o Padre

Olhando pela primeira vez para a Médica.

39:56

39:58

40:00

40:02

40:04

40:06

40:08

40:10

40:12

40:14

40:16

40:18

40:20

40:22

40:24

40:26

40:28

40:30

40:32

40:34

40:36

40:38

40:40

40:42

40:44

40:46

40:48

40:50

40:52

40:54

40:56

40:58

41:00

41:02

41:04

41:06

41:08

41:10

41:12

41:14

41:16

41:18

41:20

41:22

desvelados esforços, a nossa comunidade prima pela decência, pelos bons costumes e a moral elevada.

MEDICA

Não acredito que uma desconhecida seja capaz de abalar a sua decência, os seus bons costumes e a sua moral elevada.

PADRE

A senhora doutora não acreditar é uma coisa. Do que ela é capaz ninguém sabe... Em nome de Deus (...) e em nome do nosso mais ilustre antepassado. Essa mulher pode ser uma criminosa.

MEDICA

Não acredito que seja.

PADRE

Mas a senhora doutora tem que me prometer que falará com ela, tão logo seja possível. E que me comunicará de qualquer perigo.

MEDICA

Não prometo nada.

PADRE

Mas ela pode ser uma criminosa! Devo zelar pela segurança dos meus paroquianos! A senhora doutora está assumindo uma responsabilidade muito grande.

MEDICA

Não prometo nada.

PADRE

Nada? Mas ela pode ser uma criminosa! Uma criminosa. Criminosa.

MUSA

...

A estátua é, ver-se-á mais tarde, precisamente a do Bocage inaugurada em Setúbal.

O Padre apontou para a estátua do general

< espelho leva porta 11/11

Padre vê passar a porta e só depois continua

23.2.....23.2 23.2..... fodeu sem ter dinheiro.....23.2

SINALEIRO

(...) Mas quando ferrugenta enxada idosa / Sepulcro me cavar em ermo outeiro, / Lavre-me este epitáfio mão piedosa: "Aqui dorme Bocage, o putanheiro; Passou vida folgada, e milagrosa; Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro."

ILUMINAÇ 73 Sinaleiro

Bocage morreu perseguido, miserável e doente no Mosteiro de S. Bento, em 1805. sessenta anos depois, um peditório entre brasileiros seus admiradores reuniu 8 427 640 réis para lhe erigir uma estátua em Setúbal. Sabiá, Junho 2006, n72

Bocage, Poesias Eróticas, Burlas e Satíricas, pg 99

41:24

41:26

41:28

41:30

41:32

41:34

41:36

41:38

41:40

41:42

41:44

41:46

41:48

41:50

41:52

41:54

41:56

41:58

42:00

42:02

42:04

42:06

42:08

42:10

42:12

42:14

42:16

42:18

42:20

42:22

42:24

42:26

42:28

42:30

42:32

42:34

42:36

42:38

42:40

42:42

42:44

42:46

42:48

42:50

42:52

42:54

24.....	24	24.....	24	42:56
24.1.....	24.1	24.1.....	meu único sentido.....	24.1 42:58
		ELDOURADO ...	> passadeira 42 CZ06 CRUCIFICADO 3/3	
		CRUCIFICADO	SOM MUS 32 PULSAÇÃO Variante 6	43:00
		Ía indo pela chuva por- que esse era meu único sentido, meu único des- tino: bater naquela porta escura onde eu batia a- gora. E bati, e bati outra vez, e tornei a bater, e continuei batendo sem me importar que as pes- soas na rua parassem para olhar, eu quis cha- má-lo, mas tinha esque- cido seu nome, se é que alguma vez o soube, (...) talvez eu tivesse febre, tudo ficara muito con- fuso,	ILUMINAÇ 74 Crucificado	43:02
				43:04
				43:06
				43:08
				43:10
				43:12
				43:14
				43:16
			se é que ele o teve um dia,	43:18
				43:20
			idéias misturadas, tremores, água de chuva e lama e conhaque no meu corpo sujo gasto exausto batendo feito louco naquela porta que não abria, in Fragmentos de Caio Fernando Abreu,	43:22
				43:24
24.2.....	24.2	24.2.....	na montanha.....	24.2 43:26
		VOCALISTA ...	> passadeira 43 VR27 TROVADOR 3/3	43:28
			SOM MUS 32 final PULSAÇÃO Variante	43:30
		TROVADOR ...	SOM MUS 33 NA MONTANHA	43:32
			ILUMINAÇ 75 Trovador	43:34
			Passa tocando exactamente como costuma fazer na rua.	43:36
				43:38
			Vai sobre carrinho ou andando de lado como se deslizasse continuamente.	43:40
				43:42
			Entra e sai sem interrupção do seu movi- mento contínuo tocando viola, gaita de beijos e pandeiro.	43:44
				43:46
				43:48
24.3.....	24.3	24.3.....	um silvo breve siga.....	24.3 43:50
		SINALEIRO	SOM MUS 33 suspensão MONTANHA	43:52
		Um silvo breve: Atenção, siga. / Dois silvos bre- ves: Pare. / Um silvo bre- ve à noite: Acenda a lan- terna. / Um silvo longo: Diminua a marcha. / Um silvo longo e breve: Mo- toristas a postos. // (...)	ILUMINAÇ 76 Sinaleiro	43:54
				43:56
				43:58
				44:00
			(A este sinal todos os motoristas tomam lugar nos seus veículos para movimentá-los imediatamente.) SINAL DE APITO, C Drummond de Andrade, inAntologia Poética, pg 245	44:02
				44:04
				44:06
24.4.....	24.4	24.4.....	resmunguice de velha.....	24.4 44:08
			SOM MUS 33 final NA MONTANHA	44:10
			SOM MUS 34 CHORINHO Variante 2	44:12
			ILUMINAÇ 77 Viúvas	44:14
			Quando a música se intensifica aparecem mais uma vez as duas Viúvas.	44:16
				44:18
			Uma delas continua a implicar com a outra que agora traz ousadamente um lenço enorme de cor viva à volta do pescoço e um chapéu extravagante	44:20
				44:22
				44:24

25.....25	25.....25	44:26
25.1.....25.1	25.1.....25.1	44:28
	CAIXEIRO ...	44:30
	< passadeira 44 B14 empregado	44:32
	SOM MUS 34 final CHORINHO Variante	44:34
	ILUMINAÇ 78 Náufrago	44:36
	Inúmeras suspeitas atravessaram-lhe súbitas a mente: ele mesmo não chegava a compreender por que agia daquela maneira. Sabia apenas, cegamente, que precisava protegê-lo. Ao atravessar a rua mediu bem o passo para que não percebessem alguma alteração. Era preciso ser natural. (...) precisava aplicadamente construí-la em cada passo, em cada movimento de braço, cada respiração, cada olhar. (...) Quando entrou no quarto, o desconhecido esperava. Estava em pé, ao lado da bacia de louça, a mão esquerda levantada na altura do rosto. Disse.	44:40
		44:42
		44:44
		44:46
	E a Médica perguntou:	44:48
		44:50
		44:52
	E ele respondeu:	44:54
		44:56
		44:58
		45:00
		45:02
		45:04
		45:06
		45:08
		45:10
		45:12
		45:14
		45:16
		45:18
		45:20
		45:22
		45:24
		45:26
		45:28
		45:30
		45:32
		45:34
		45:36
		45:38
		45:40
		45:42
		45:44
		45:46
		45:48
		45:50
		45:52
		45:54
	em que não suportavas mais em-bora não soubesses da tua exaustão	45:56

NAUFRAGO

Alfa é o meu nome

MEDICA

Esse é teu nome de guerra?

NAUFRAGO

Não. Esse é meu nome de paz.

MEDICA

Mas a que chamas tu de paz se pressinto em ti (...) inúmeras coisas escuras

NAUFRAGO

Já te disse tudo não sou nada além de meu nome meu nome é minha essência mais profunda assim como a tua talvez (...) Vim (...) a um só tempo (...) da escuridão e da luz mais absolutas que possas imaginar

MEDICA

Não preciso saber de onde vens assim como para me definires ou me compreenderes não precisas de nenhum dado concreto (...)

NAUFRAGO

Vim duma coisa sem medo mas não sabes que trago em mim o princípio e o fim de todas as coisas sabes por ventura que te farei meu cúmplice e despertarei teu ódio

MEDICA

Ansiava por ti como quem anseia pela salvação ou pela perdição porque qualquer coisa poderia me salvar desta imobilidade (...)

NAUFRAGO

Te digo que o acaso não existe e que aconteci no momento exato. (...)

MEDICA					45:58
É preciso que qualquer coisa abata esta letargia porque (...) por que não sei o que digo nem o que sinto mas persistirei no que pressinto ainda que tudo isso seja um lento processo de morte (...)					
			já não admiro precariedades		46:00
					46:02
					46:04
					46:06
					46:08
					46:10
NAUFRAGO					46:12
Te digo que subitamente os homens enlouquecerão e perpetrarão o que jamais seriam capazes de perpetrar te digo dessa loucura tão próxima te digo da proximidade de tua própria destruição					46:14
					46:16
					46:18
					46:20
					46:22
MEDICA					46:24
É preciso que todos percebam em ti o que nunca viram e somente no último momento possam ver a tua face. Essa face terrível (...) essa face que todos suspeitam terrível					46:26
					46:28
					46:30
					46:32
					46:34
NAUFRAGO					46:36
Vim dessa região para semear a fome e a discórdia e não preciso te convencer de nada					46:38
					46:40
					46:42
MEDICA					46:44
Sim semearemos a fome e a discórdia (...)			Toma a minha mão e vê como ela é leve toma da minha mão e pensa nos lugares para onde te levarei nesta noite de quase dezembro		46:46
					46:48
NAUFRAGO					46:50
Quero apenas que te deixes conduzir					46:52
					46:54
MEDICA					46:56
Não me esquivarei. Agradeço por me teres dado a consciência da minha inutilidade (...)					46:58
NAUFRAGO					47:00
Toma a minha mão e vê como ela é leve. E agora prepara-te para o grande mergulho no desconhecido:					47:02
					47:04
					47:06
					47:08
MEDICA					47:10
Sim preparo-me para o grande mergulho no desconhecido:					47:12
					47:14
26.....	26.....	26.....			47:16
26.1.....	26.1.....	26.1.....	vasilha dentro de água.....	26.1	47:18
		CRIADO	...	< passadeira 45 VR28 CLANDESTINO 3/3 ILUMINAÇ 79 Clandestino	47:20
		CLANDESTINO			47:22
		Coloque uma vasilha dentro de água. A massa só alcançará o ponto e-			47:24
					47:26

xacto se os ingredientes	47:28
forem misturados em re-	47:30
cipiente mergulhado na	47:32
água salgada. Senão, a	47:34
receita desanda.	47:36
Ingredientes: Homens	47:38
pré-históricos do vale do	47:40
Tejo e do Sado; Um pu-	47:42
nhado de povos indíge-	47:44
nas, principalmente lusi-	47:46
tanos. (...) Celtas ape-	47:48
nas para polvilhar; Ro-	47:50
manos; Bárbaros: alanos	47:52
caucasianos, vândalos	47:54
germânicos e escandi-	47:56
navos, suevos e visigo-	47:58
dos. Reserve a porção	48:00
maior para o final da re-	48:02
ceita. Cristãos a gosto.	48:04
Modo de fazer: Coloque	48:06
na vasilha os préhistó-	48:08
ricos. (...) de estatura	48:10
mediana e dolicocefalos.	48:12
(...) Tampe a vasilha com	48:14
um pano húmido. (...) Lentamente despeje os	48:16
romanos. Atenção: vai	48:18
sair pancadaria. (...) Ba-	48:20
ta levemente durante	48:22
500 anos. (...) Introduza	48:24
os bárbaros. Primeiro os	48:26
alanos, vândalos e sue-	48:28
vos. Descanse a colher	48:30
de pau. Deixe a natureza	48:32
agir. (...) Adicione os visi-	48:34
godos (...) Misture cuida-	48:36
dosamente. O gosto dos	48:38
visigodos deve sobrepor-	48:40
se ao dos vândalos e dos	48:42
alanos. (...) Não pare de	48:44
bater a massa até o últi-	48:46
mo visigodo desman-	48:48
char. (...) Espere inúteis	48:50
tres séculos – visigodo é	48:52
um chuchu histórico, só	48:54
faz volume, não larga	48:56
gosto - e jogue os ára-	48:58
bes e mouros. Amasse,	49:00
delicadamente, os islâ-	
micos e os judeus safar-	
distas (...) Nessa altura,	
o português estará quase	
pronto. Agora basta levar	
ao forno bem quente –	
eles são passionais, não	
assam em banho-maria.	
(...) Desenforme e sirva-	
o ao Novo Mundo!	

Texto de Ângela Dutra de Menezes, O Português Que Nos Pariu

26.2.....	26.2	26.2.....	para melhor dizem mió.....	26.2	48:46
-----------	------	-----------	----------------------------	------	-------

ILUMINAÇ 80 Sinaleiro

SINALEIRO

Para dizerem milho
dizem mio / Para melhor
dizem mió / Pra pior pió
/ Para telha dizem teia /
Para telhado dizem
teiado / E vão fazendo
telhados ///

VÍCIOS NA FALA, Oswaldo de Andrade

27.5.....	27.5	27.5.....	coração bate lento.....	27.5	50:34
		REPENTISTA ...	< passadeira 47 VR30 musa 3/3		50:36
			SOM MUS 36 final PULSAÇÃO Variante		50:38
			SOM MUS 37 PANDEIRO Variante		50:40
			ILUMINAÇ 85 Amores		50:42
			A Musa dança. Entram os dois do lado oposto ao da passadeira. Esperam colcação.		50:44
		MUSA			50:46
		Meu coração bate lento	SOM MUS 36 suspensão PANDEIRO		50:48
		/ Como se fosse um pandeiro / Marcando meu sentimento / Retendo	Depois Musa fica mais lenta e diz:		50:50
		meu desespero / Como			50:52
		notícia do vento / Passando no meu cabelo /			50:54
		Meu coração bate lento.	SOM MUS 37 PANDEIRO Variante		50:56
					50:58
		CRIADO	SOM MUS 37 suspensão PANDEIRO		51:00
		Meu coração bate claro	Parado		51:02
		/ Como se fosse um martelo / Num rumo sem			51:04
		paralelo / Selando meu			51:06
		desamparo / Numa			51:08
		corrente sem elo / Numa	SOM MUS 37 PANDEIRO Variante		51:10
		aflição sem reparo / Meu			51:12
		coração bate claro /			51:14
					51:16
		MUSA	SOM MUS 37 suspensão PANDEIRO		51:18
		Meu coração bate quieto	Parada		51:20
		/ Como se fosse um			51:22
		regato / Vagando pelo			51:24
		deserto /			51:26
					51:28
		CRIADO			51:30
		Sangrando no meu retrato / Abrindo meu desacato / Num ferimento			51:32
		coberto /			51:34
					51:36
		MUSA			51:38
		Meu coração bate tão			51:40
		quieto //	Instrumental exuberante enquanto a Musa		51:42
			dança muito exuberante para o Criado		51:44
					51:46
					51:48
					51:50
					51:52
		MUSA			51:54
		Meu coração bate negro			51:56
		/ Como cantiga sem			51:58
		mote /			52:00
					52:02
		CRIADO			
		Como a serpente num			
		bote / Rompendo no meu			
		sossêgo / Lambendo			
		feito chicote /			
		MUSA			
		Nocturno feito morcego /			
		Meu coração bate negro.			
		CRIADO			
		Lambendo feito chicote			
		MUSA			
		Nocturno feito morcego /			
		Meu coração bate negro			
			CORAÇÃO NOCTURNO, de Cacaso (Internet)		

.....27.6	27.6	27.6.....	amor é uma flor roxa.....27.6	52:04
			SOM MUS 37 final PANDEIRO	52:06
			ILUMINAÇ 86 Ciclista	52:08
		COCADA		
		O amor é uma flor roxa	> passadeira MUSA côco 8/8	52:10
		que nasce no coração do		52:12
		trouxa. Olha a côcada!		52:14
28.....	28	28.....	28	52:16
28.1.....	28.1	28.1.....	correria dos dez.....28.1	52:18
			ILUMINAÇ 87 Náufrago	52:20
				52:22
		MUITOS ...	Chega multidão a casa do Médico. O Me-	52:24
			nino vem também ele com as mãos no ar.	52:26
28.2.....	28.2	28.2.....	criança olha céu azul.....28.2	52:28
		MENINO ...	ILUMINAÇ 88 Sinaleiro	52:30
		SINALEIRO	O Menino fica com as mãos no ar imitando	52:32
		A criança olha / Para o	o que fazem os adultos	52:34
		céu azul. / Levanta a		52:36
		mãozi-nha, / Quer tocar		52:38
		o céu. // Não sente a		52:40
		criança / Que o céu é		52:42
		ilusão: / Crê que o não		52:44
		alcança, / Quando o tem		
		na mão. ///	CÉU, de Manuel Bandeira in Estrela da Vida Inteira, pg 173	
28.3.....	28.3	28.3.....	consistência ácida.....28.3	52:46
		CAIXEIRO ...	> passadeira 48 BJ09 EMPREGADO 3/3	52:48
			ILUMINAÇ 89 Náufrago	52:50
				52:52
			Por volta das duas da tarde uma aglomeração se fez no meio da praça. Era	52:54
			o sétimo dia. Rumores diluídos de vozes humanas misturadas ao barulho	52:56
			do vento norte que varria a vila há vários dias, levando para longe o	52:58
			cheiro dos animais apodrecidos, latas velhas chocavam-se contra	
			paredes , árvores libertavam folhas que ficavam soltas no ar , frutos	53:00
			caíam pesados no chão, janelas batiam com força espatifando vidros .	53:02
			(...) Com esforço, afastou da testa os cabelos empastados de suor e	53:04
			aproximou-se da janela. Então distinguiu os homens amontoados sob	53:06
			a estátua do general , em torno do padre, cuja batina esvoaçava	53:08
			estranhamente leve com o vento . Tão logo sua presença foi notada,	53:10
			um brusco silêncio se armou: voltaram-se todos para observá-lo , os	53:12
			pescadores com os chapéus nas mãos , as mulheres com os filhos	53:14
			dependurados na cintura, mesmo os cães cessaram os movimentos e,	53:16
			atentos ao que se preparava, olhavam-no imóveis. Sentiu medo. (...) Não	53:18
			o recusou: (...) enfrentando o que ele próprio construía, as costas	53:20
			molhadas de suor, os olhos ofuscados pela luz intensa, os pés descalços	53:22
			sobre a madeira - cara a cara com o seu invento. Mas não é verdade que	53:24
			nunca tivesses suspeitado desta tarde e desta fome: (...) não é verdade	53:26
			que alguma vez tivesses sequer pensado numa possibilidade de salvação:	53:28
				53:30
				53:32
			Paisagem do Capibaribe, João Cabral de Melo Neto, in Poemas	
			Escolhidos, pg 41	

SOMBRA da MEDICA
Sabias desde o começo
da consistência ácida do
que tecias, e no entanto
persistias nela, como
quem penetra num beco
sem saída (...) agora é
necessário que enfren-
tes: (...) e já não podes
fazer mais nada, (...)

NAUFRAGO
(...) Na paisagem do rio
/ difícil é saber / onde co-
meça o rio; / onde a lama
/ começa do rio; / onde
a terra / começa da la-
ma; / onde o homem, /
onde a pele / começa da
lama; / onde começa o
homem / (...) Difícil é sa-
ber / (...) onde começa
o homem. (...)

MEDICA

Volta para dentro. Espera. Eles não podem te ver

PADRE

Queremos que a senhora doutora desça.

MEDICA

Não tenho nada a dizer.

PADRE

Não queremos que a senhora doutora diga alguma coisa. Queremos ver a desconhecida. A senhora não nos pode explicar. Queremos que ela nos diga por que depois de sua chegada os pescadores não trouxeram mais peixes, por que o leite coalhou todas as manhãs, por que morreram as crianças nos ventres das mulheres prenhes, por que todas as donzelas perderam a pureza, por que sopra este vento desde a sua chegada, por que não caíram mais estrelas, por que todas as plantações secaram e os animais morrem de sede pelas ruas, por que esta sede. Essa mulher traz a destruição e o demônio dentro de si. A senhora doutora protege essa mulher. A senhora é cúmplice da destruição. (...) Por que não nos deixa ver a face dela? Por que ela não sai às ruas se já está recuperada? Por que a senhora doutora deixou de visitar seus doentes? Por que a senhora está encaminhando estes homens pacíficos para a violência? Queremos saber dos estranhos poderes dessa desconhecida.

MEDICA

Não sei do que o senhor fala. Todas as coisas são as mesmas há muito tempo.

Suspirou exausto. Conservou as duas mãos crispadas no parapeito da janela, enquanto o padre se aproximava: sentiu o contato da outra mão em seu ombro, como a ampará-lo. E disse:

Fora do círculo formado pelos pescadores, destacava-se o padre, avançando. Ouviu:

E já não era um pedido, já não eram mais aquelas tímidas aproximações cheias de justificativas, não era sequer um convite, nem mesmo uma ordem - mas um fato irreversível.

REPENTISTA

Os pescadores não trouxeram mais peixes,

CÔCADA

Por que o leite coalhou todas as manhãs,

CAIXEIRO

Por que morreram as crianças nos ventres das mulheres prenhes,

DANÇARINA

Por que todas as donzelas perderam a pureza,

53:34

53:36

53:38

53:40

53:42

53:44

53:46

53:48

53:50

53:52

53:54

53:56

53:58

54:00

54:02

54:04

54:06

54:08

54:10

54:12

54:14

54:16

54:18

54:20

54:22

54:24

54:26

54:28

54:30

54:32

54:34

54:36

54:38

54:40

54:42

54:44

54:46

54:48

54:50

54:52

54:54

54:56

54:58

55:00

PADRE

Um hálito de morte percorre a vila. E a senhora é a culpada disso. Por que não a deixou morrer?

COZINHEIRA

Por que sopra este vento desde a sua chegada,

MENINO

Por que não caíram mais estrelas,

SINALEIRO

Por que todas as plantações secaram e os animais morrem de sede pelas ruas,

REPENTISTA

Por que esta sede.

PADRE

Não queremos usar a força. E melhor que a senhora desça.

29.....29
29.1.....29.1

29.....29
29.1.....29.1

aqui precisa tradução.....29.1

MENINO

...

> **passadeira 49 VR31 FUNAMBULO 2/2**

SOM MUS 38 FREVO Variante

ILUMINAÇ 90 Funâmulo

Os portugueses têm uma facilidade especial para aprender línguas porque utilizam na sua linguagem 15 ditongos. São apenas ultrapassados pelos russos que utilizam 17 ditongos. A frequência das ondas nestas línguas tem uma muito maior amplitude. Exemplo disso é por exemplo a língua chinesa que ao ouvir arroz pronuncia aloz. Se lhe dissemos aloz ele não reconhece o vocábulo como designando arroz. Se dissemos arroz ele reconhece mas volta a pronunciar aloz quando quer falar. (Lima Ramos)

Um homem de origem brasileira está num churrasco, embriagado. (...) eu não sei explicar nada... (...) e ninguém sabe explicar nada pra mim. Ri

Ri. Isso tá mal! E não diz mai nada. Fala sério Só Zé, tá mal? – É que palavra de Rei não volta a trás né? Mas já acabou o reinado meu filho.

E se está mal porque é que não explica como se faz pô? *Irônico* Fomos nós que expulsamos vocês de lá / Puxa, português é burro... mesmo.... Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado/ Os portugueses são um povo estúpido. Santo Deus, uma estupidez só! Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado (ri) Tá tudo errado! (...)

Ri. " Você deve aprender a baixar a cabeça/ E dizer sempre muito obrigado José Silva ... (...) " Tá errado. (...) Você merece, você merece/ Tudo vai bem, tudo legal (...) " / Não existe mulher, na mulher portuguesa! (...)

Constrói estrada uma do lado da outra, fecha hospital, faz centro comercial que fica no meio do mato, só se for prós ratos. Ri. Uma rata fazendo compras no shopping. Ri./ (...)

Gonzaguinha tá errado. Só Zé é o maior filho da puta... vamo combinar!

Lá no Brasil eu era mestre de obra, cá eu trabalho 3 posições a baixo porque sou brasileiro... e como não tenho papeis os patrão se aproveita

– puta que o pariu pró Só Zé - porque eles sabem que agente não pode ir na polícia nem no SEF. SEF é uma lennnntidãooooo, nossa!!!! / Todos os portugueses têm cara de burocrático...ri. Aqui não tem ninguém pra

ninguém, é cada um que se vire / (...) (...) Como é que eles não reparam nas letra (...) É uma ilusão. (...)

FUNAMBULO

Em Portugal (...) A gente precisa de tradução pra essa língua estrangeira que se fala em português (...) Eu tou lá fazendo o reboco das paredes e ele fala: (...) Ta Mali! Mas que Mali? Mal não tem i no final. (...) Muito engraçado: uma língua estrangeira que se fala em português. Eles falam babilônia. Tá errado, é babilônia não é babilônia. (...) Podia ter nomes mais bonitos. A gente só ouve João, Zé, Pedro, Maria. Cadê um Cléber, um Fábio Júnior, uma Jade? Meus filhos têm nomes americanos, diferente, coisa mai linda: Tôm (Tom), Maikéu (Michael), Istivém (Stephen) (...) Pra mim palavrão é autoclisma. Se eu falar no Brasil autoclima, vão me bater. Português quando atende o telefone fala TOU? É claro que está, se não estivesse não atendia. (...) E café? Café é bica. Cadê a bica gente? Não tou vendo nenhuma bica. Galão! galão, 1 galão são 3.600 gramas de tinta. (...) O-

55:02

55:04

55:06

55:08

55:10

55:12

55:14

55:16

55:18

55:20

55:22

55:24

55:26

55:28

55:30

55:32

55:34

55:36

55:38

55:40

55:42

55:44

55:46

55:48

55:50

55:52

55:54

55:56

55:58

56:00

56:02

56:02

56:04

56:06

56:08

56:10

56:12

56:14

56:16

56:18

56:20

56:22

56:24

56:26

56:28

56:30

lha só que burrice: quando a gente pede uma torrada, vêm duas torradas, quando a gente pede duas torradas vêm quatro torradas; então a gente tem que pedir meia torrada pra vir uma. É um absurdo!? Cacete não é um pão. (...) Eles não falam Belém, falam Blém, Blém. (...) E todo o mundo fala assim, até os engenheiro e os doutor viu? (...) eles falam a engolir o som. (...) Um som que engole e que tem pressa. É tudo falso. A língua não é a mesma e as pessoas não são as que eu conheço. E não fique me olhando com essa cara esquisita! Puta de vida!

me ajuda Deus, quero ir embora...quero voltar pra minha família. (Emociona-se) Mas primeiro tenho que trabalhar seis meses pra pagar o prejuízo (A chorar). (...)

Oh Portugal, o tempo dos Reis já acabou. E não fica me olhando com essa cara esquisita porque eu sei que quando vocês eram donos do pedaço vocês falavam assim, igualzinho a mim, com sotaque – como vocês falam. Puta da vida. Sai aos tropeções. Texto de Joana Capucho

29.2.....29.2

29.2.....

ai vida de artista.....29.2

SINALEIRO

Ai, A vida de artista! / ...
Na vida sou passageiro /
Eu também motorista /
Fui trocador motorneiro /
Antes de ascensorista /
Tenho dom p'ra costureiro / Para datiloscopista /
Com queda p'ra macumbeiro / Talento p'ra adventista / Agora sou mensageiro / Além de pára-quedista / Às vezes mezzo engenheiro / Mezzo psicanalista / Trejeito de batuqueiro / A vela de repentista / ...

FUNAMBULO

Já fui peão boiadeiro /
Fui até tropicalista / Outrora fui bom goleiro / Hoje sou equilibrista / ...

SINALEIRO

De dia sou cozinheiro /
À noite sou massagista /
Sou galo no meu terreiro / Nos outros abaixo a crista / Me calo feito mineiro / No mais vida de artista ///

SOM MUS 38 final **FREVO Variante**
ILUMINAÇ 91 **Sinaleiro**

VIDA DE ARTISTA, Itamar Assunção

29.3.....29.3

29.3.....

entre frade e burro.....29.3

CAIXEIRO

Entre um frade / E entre um burro / Há tanta conformidade / Ou o frade é pai do burro / Ou o burro é pai do frade

ILUMINAÇ 92 **Caixeiro**

Caixeiro farto de andar a trabalhar nas passeadeiras para os outros passarem atira o mecanismo para o chão e revolta-se:

Bocage, Poesias Eróticas Burlescas e Satíricas, pg 163

56:32

56:34

56:36

56:38

56:40

56:42

56:44

56:46

56:48

56:50

56:52

56:54

56:56

56:58

57:00

57:02

57:04

57:06

57:08

57:10

57:12

57:14

57:16

57:18

57:20

57:22

57:24

57:26

57:28

57:30

57:32

57:34

57:36

57:38

57:40

57:42

57:44

57:46

57:48

57:50

57:52

57:54

57:56

57:58

58:00

58:02

29.4.....	29.4	29.4.....	burrice instrumental.....	29.4	58:04
			SOM MUS 39 BURRICE		58:06
			ILUMINAÇ 93 Náufrago		58:08
			Músicos riem com todos os instrumentos disponíveis numa cacofonia momentânea		58:10
					58:12
30.....	30	30.....		30	58:14
30.1.....	30.1	30.1.....	não tenhas medo.....	30.1	58:16
		CRIADO	> passeadeira 50 AZ04 NAUFRAGO 3/3		58:18
			SOM MUS 39 final BURRICE		58:20
			ILUMINAÇ 94 Náufrago		58:22
MEDICA			A partir de agora não passam passeadeiras		58:24
Não tenhas medo. Eu te protegerei.			Caixeiro mantém-se de braços cruzados como quem faz greve de zelo.		58:26
SOMBRA DA MEDICA					58:28
Provisoriamente não cantaremos o amor,/ que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos. / Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, / não cantaremos o ódio porque esse não existe, / existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, / o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,/ o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, / cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, / cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte / depois morreremos de medo / e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas. //					58:30
					58:32
					58:34
					58:36
					58:38
					58:40
					58:42
					58:44
					58:46
					58:48
					58:50
					58:52
					58:54
					58:56
					58:58
			CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO, de Carlos Drummond de Andrade, inAntologia Poética, pg 27		59:00
MEDICA			Voltou-se para dentro, escrutou-o detidamente, mas sem conseguir perceber nenhum sinal.		59:02
Não tenhas medo. Eu te protegerei.					59:04
NAUFRAGO					59:06
Não tenho medo. E não preciso de tua proteção.					59:08
					59:10
MEDICA					59:12
O que há em ti que não compreendo?					59:14
					59:16
NAUFRAGO					59:18
O que há em mim e não compreendes é o mesmo que há em ti, e também pouco compreendes.					59:20
					59:22
MEDICA			Sorriu. Os dentes muito claros. Os olhos azuis. Punhalada de luz.		59:24
Eles são capazes de tudo.					59:26
					59:28
NAUFRAGO					59:30
Eu sei. Também eu sou capaz de tudo.					59:32
					59:34

MEDICA

Preciso descer. Não quero que morras.

NAUFRAGO

Também eu não quero que morras. Mas morreremos.

MEDICA

Foge pelos fundos enquanto falo com eles (...). Sim, foge pelos fundos e me espera na praia, no mesmo lugar onde te encontrei, mais tarde irei ter contigo, então...

NAUFRAGO

Então fugiremos?

MEDICA

Sim, sim. Fugiremos.

NAUFRAGO

Mas não vês que é impossível?

MEDICA

Não, não é impossível.
Fugiremos para qualquer
lugar, não importa onde,
não importa qual.

NAUFRAGO

Havias falado que daqui ninguém foge.

MEDICA

Não tem importância,
não sei mais. Agora vai.
Preciso descer.

31.....	31	31.....	31	00:30
31.1.....	31.1	31.1.....	quem bate à porta	31.1 00:32

SOM MUS 40 **PULSAÇÃO** à porta
ILUMINAC 95 **Avôzinho**

Crucificado continua de vez em quando, já sem esperança, a bater à porta da paixão.

Inesperadamente da plateia, uma voz responde no meio do público.

Avôzinho sai da plateia e sobe ao palco

Em vez de responder o Crucificado bate à porta sem perceber que voz é aquela.

Obediente deixa de bater

Avô abre a porta. Questiona com o olhar.

Não acreditando no que vê.

Incrédulo

CRUCIFICADO ...

AVÔZINHO PLATEIA

CRUCIFICADO ...

AVÔZINHO PLATEIA
Já vou!

CRUCIFICADO ...

AVÔZINHO

CRUCIFICADO
Avô? Aqui?

AVÔZINHO ...

CRUCIFICADO

Avô. Enquanto anoitece,
vou / Lendo, sossegado
e só, / As cartas que meu
avô / Escrevia a minha
avó.

AVÔZINHO ...**CRUCIFICADO**

Avô. Gosto de Samba e
de fa-do, / Portugal meu
avôzi-nho, (...) Tu de um
lado, e do outro lado /
Nós... No meio o mar
profun-do... / Mas, por
mais fundo que seja, /
Somos os dois um só
mundo. // (...)

AVÔZINHO ...

Referindo-se explicitamente a ele.

01:06

01:08

01:10

Cartas de Meu Avô, de Manuel Bandeira in Estrela da Vida Inteira pg17

01:12

Velhote deixa-se abraçar efusivamente pelo
crucificado mas, desconfiado, não reage

01:14

01:16

01:18

01:20

meu avôzinho / Ai Portugal que ensinaste / Ao Brasil o teu carinho! //

01:22

01:24

01:26

01:28

Ai Portugal de Camões, / Que nos deste, ai avôzinho, / Este gosto
misturado, / Que é saudade e que é carinho! //

01:30

Portugal, Meu avôzinho, de M Bandeira in Estrela da Vida Inteira, pg363

01:32

01:34

Olha-o dos pés à cabeça e sem dizer pala-
vra bate com a porta na cara do Crucificado

01:36

31.2.....31.2 31.2..... **guitarra portuguesa**.....31.2

01:38

01:40

SOM MUS 40 final PULSAÇÃO à porta

01:42

SOM MUS 41 **GUIARRA SOLO**ILUMINAÇ 96 **Músico**

01:44

01:46

MUSICO ...

Guitarrista virtuoso toca em carreta de gare

01:48

31.3.....31.3 31.3..... **resmunguice de velha**.....31.3

01:50

ILUMINAÇ 97 **Viúvas**

01:52

01:54

VIÚVA 1 ...A Viuva Triste continua cada vez mais
resingona e insuportável.

01:56

VIUVA 2 ...

A Viúva está carnavalizada ao máximo

01:58

31.4.....31.4 31.4..... **quando cheguei a alfama**.....31.4

02:00

CLANDESTINO ...

SOM MUS 41 suspensões GUITARRA

02:02

ILUMINAÇ 98 **Artista**

02:04

MENINO ...Agora os três personagens parecem
constituir uma unidade familiar

02:06

02:08

02:10

02:12

02:14

02:16

02:18

02:20

02:22

02:24

02:26

02:28

02:30

02:32

02:34

02:36

ARTISTA

Quando cheguei a Lis-
boa fui morar em Alfama.
Logo no primeiro dia, -
quando estava num café
ao pé de minha casa -
fui avisada para não co-
locar música. A senhoria
que morava no andar de
baixo detestava o baru-
lho da música. Todos os
brasileiros que aí tinham
morado foram mandados
embora por esse motivo.
Aí, eu pensei: como vou
viver sem música? Sem
música eu morro! ...
Fiquei uns dias sossega-
da sem fazer barulho,
para acalmar a fera ... Aí
um dia coloquei bem bai-
xinho uma música de

Carlos do Carmo. Mulher nenhuma resiste ao Carlos do Carmo! A senhoria, caladinha não dizia nada. Aí, todos os dias à mesma hora, eu colocava Carlos do Carmo e aumentava aos poucos o volume. E ela sem dizer nada.

Aí, comecei a ouvir Carlos do Carmo o dia inteiro, o volume lá no alto e ela caladinha, caladinha!

Aí eu pensei: Vou colocar a Amália! Mas tinha um pequeno problema: A Amália era danadinha e muita gente da geração dela tinha ciúmes da Amália. Mesmo assim arrisquei. A velha senhoria continuou caladinha.

Aí foi assim, era Carlos do Carmo, Amália, Carlos do Carmo, Amália, o dia inteiro, o mês inteiro, o volume lá em cima!

Então decidi que era a hora de colocar uma música brasileira. E aí meu bem, comecei logo sabe por quem? Elis Regina!

O sonho mais lindo / sonhei / De quimeras mil / Um castelo eu fiz. E a senhoria caladinha como se tivesse morrido.

Aí meu amor, era assim: Elis Regina, Elis Regina, Elis Regina, o dia inteiro. Quando saí de lá seis meses depois estava assim: Bum, Bum / Praticubum / Pugurundum / Nosso samba / minha gente / é isso aí. E a senhoria lá em baixo rodando a baiana, caindo no samba.

A Viúva triste continua a não achar piada a coisa nenhuma. Sai a resmungar

Depoimento de Valéria Carvalho gravado por Amauri Tagará

32.....32 32.....32
32.1.....32.1 32.1.....32.1

correria dos quinze.....32.1

ILUMINAÇ 99 Náufrago

MUITOS ...

Passam todos a correr sem parar. Dão a volta ao teatro para virem a entrar sempre do mesmo lado e no mesmo sentido

32.2.....32.2 32.2.....32.2

podem subir.....32.2

SOM MUS 41 final GUITARRA
ILUMINAÇ 100 Náufrago

MEDICA

Podem subir. Ela foi embora. Não há ninguém lá em cima.

Desceram juntos a escada, no final separaram-se. O médico abriu a porta e encarou o padre.

Os pescadores entreolharam-se surpresos, subitamente desarmados.

Pareceram não saber para onde ir ou o que fazer, até que o **padre fez um**

EMPREGADO

Não é verdade. Ela enganou vocês. A mulher está na praia.

32.3.....	33.3	32.3.....	correria dos vinte	32.3	04:08
			ILUMINAÇ 101 Náufrago		04:10
					04:12
					04:14
					04:16
					04:18
					04:20
					04:22
					04:24
					04:26
					04:28
					04:30
32.4.....	32.4	32.4.....	quanto vale o homem	32.4	04:32
			ILUMINAÇ 102 Sinaleiro		04:34
					04:36
					04:38
					04:40
					04:42
					04:44
32.5.....	32.5	32.5.....	correria dos vinte e cinco	32.5	04:46
			ILUMINAÇ 103 Náufrago		04:48
					04:50
					04:52
					04:54
					04:56
32.6.....	32.6	32.6.....	se correr o bicho pega	32.6	04:58
			ILUMINAÇ 104 Ciclista		05:00
					05:02
					05:04
33.....	33	33.....		33	05:06
33.1.....	33.1	33.1.....	eles nos descobriram	33.1	05:08
			ILUMINAÇ 105 Náufrago		05:10
					05:12
					05:14
					05:16
					05:18
					05:20
					05:22
					05:24
					05:26
					05:28
					05:30
					05:32
					05:34
					05:36
					05:38

MEDICA

Eles nos descobriram

NAUFRAGO

É muito tarde.

MEDICA

Não. Ainda é tempo. Podemos fugir.

NAUFRAGO

É muito tarde.

sinal com a cabeça, encaminhando-se para a porta aberta. O médico recuou, esperando que todos entrassem. De baixo, viu-os subirem rapidamente as escadas, os **pés empoeirados** marcando os degraus. Depois ouviu o barulho da porta aberta com violência, exclamações de espanto, rumor de móveis despedaçados, gritos. **De repente um silêncio e a voz da mulher** sobrepujando ruídos, nítida:

Permaneceu estático por um momento, o vento batendo nos cabelos, os olhos voltados para cima. Depois saiu correndo em direção ao mar.

Passam a correr mais depressa. Dão a volta ao teatro para virem a entrar sempre do mesmo lado e no mesmo sentido

ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM, de Carlos Drummond de Andrade, inAntologia Poética, pg 276

Cada vez mais gente a correr cada vez mais depressa. Dão a volta ao teatro para virem a entrar sempre do mesmo lado.

Deslza também ele mais depressa.

Do alto das dunas, viu-o no mesmo lugar onde o encontrara pela primeira vez. Os cabelos esvoaçavam ao vento: parecia um menino assim, de longe, um menino qualquer construindo castelos na areia. Correu para ele, os braços abertos, seu corpo oscilava precário, para depois enristar-se feito uma seta, as agulhas finas penetrando as têmporas - seu corpo inteiro: uma agulha fina em direção à pequena mancha. Os pés afundavam e queimavam na areia. Gritou.:

O desconhecido **abanou a cabeça**. E novamente o médico pensou em que estranhas marcas, sem serem propriamente marcas, pois não deixavam traços, havia naquele rosto queimado e ainda em preparo, na introdução de alguma coisa que não viria a ser.

Tentou tomar da mão dele, mas o outro se esquivou num movimento perfeitamente definido, embora suave. Ficaram a encarar-se durante um tempo que o médico julgou longo demais, incompreensível demais - como tudo. Não conseguiu compreender exatamente o que se passava: sabia apenas que precisavam fugir. Embora desde o começo tudo estivesse previsto, não conseguira perceber essa obstinada negação que se faria. Insistiu ainda. E outra vez.

MEDICA

Ainda é tempo. (...) Não quero ir sozinha. Vem comigo.

NAUFRAGO

Mas não irás sozinha, embora eu não vá contigo

MEDICA

...

NAUFRAGO

A vida é um milagre. / Cada flor, / Com sua forma, sua côr, seu aroma, / Cada flor é um milagre. / Cada pássaro, / Com sua plumagem, seu vôo, seu canto, / Cada pássaro é um milagre. / O espaço, infinito, / O espaço é um milagre. / O tempo, infinito, / O tempo é um milagre. / A memória é um milagre. / A consciência é um milagre. / Tudo é milagre. / Tudo menos a morte. / - Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres. //

33.2.....	33.2	33.2.....	correria dos possessos.....	33.2	05:40
			ILUMINAÇ 106 Náufrago		05:42
		TODOS	...		05:44
			Correm em grupos sem fazerem barulho com os pés como se o fizessem para mais ninguém sabere e dão a volta pelo fundo.		05:46
33.3.....	33.3	33.3.....	rola mundo e acaba.....	33.3	05:48
		SINALEIRO	ILUMINAÇ 106 Sinaleiro		05:50
		(...) Pois deixa o mundo existir! / Irredutível ao canto, / superior à poesia, / rola, mundo, rola, mundo, / rola o drama, rola o corpo, / rola o mi-lhão de palavras / na extrema velocidade, / rola-me, rola meu peito, / rola os deuses, os paí-ses, / desintegra-te, ex-plode, acaba! ///	Sinaleiro vai desaparecendo no chão do palco parecendo que ele não conta disso.		05:52
			ROLA MUNDO, Carlos Drumond de Andrade, Antologia Poética, pg 264		05:54
33.4.....	33.4	33.4.....	barulho de chocalhos.....	33.4	05:56
		CARETO	...		05:58
		CABOCLO	...		06:00
34.....	34	34.....		34	06:02
34.1.....	34.1	34.1.....	gritaria da multidão.....	34.1	06:04
			ILUMINAÇ 108 Náufrago		06:06
EMPREGADO			Passam em correria louca e imparável pela porta do Crucificado. Dão a volta e passam ininterruptamente no mesmo sentido.		06:08
A senhora é cúmplice da destruição. (...) Por que não nos deixa ver a face dela?		TODOS	...		06:10

PADRE

Um hálito de morte percorre a vila. E a senhora é a culpada disso. Por que não a deixou morrer?

EMPREGADO

A senhora é cúmplice da destruição. (...) Por que não nos deixa ver a face dela?

PADRE

Um hálito de morte percorre a vila. E a senhora é a culpada disso. Por que não a deixou morrer?

EMPREGADO

A senhora é cúmplice da destruição. (...) Por que não nos deixa ver a face dela?

PADRE

Um hálito de morte percorre a vila. E a senhora é a culpada disso. Por que não a deixou morrer?

CRUCIFICADO

Por que sopra este vento desde a sua chegada,

REPENTISTA

Por que os animais morrem de sede pelas ruas,

CRUCIFICADO

Por que sopra este vento desde a sua chegada,

REPENTISTA

Por que os animais morrem de sede pelas ruas,

CRUCIFICADO

Por que sopra este vento desde a sua chegada,

REPENTISTA

Por que os animais morrem de sede pelas ruas,

CAIXEIRO ELDOURADO

Os pescadores não trouxeram mais peixes,

CÔCADA/DANÇARINA

O leite coalhou todas as manhãs,

CAIXEIRO ELDOURADO

Morreram as crianças nos ventres das mulheres prenhes,

CRIADO/MÚSICOS

Todas as donzelas perderam a pureza,

COZINHEIRA/MUSA

Por que sopra este vento desde a sua chegada,

MENINO/MÚSICO 2

Não caíram mais estrelas,

SINALEIRO/MUSICO 4

Todas as plantações secaram...

CLANDESTINO/VIUVA

Os animais morrem de sede pelas ruas,

ARTISTA/MUSICO 5

Os pescadores não trouxeram mais peixes,

VOCALISTA CICLISTA

A senhora doutora protege essa mulher.

MEDICA**TODOS****TODOS**

/ Todos vociferam como bichos no cio.

Médica foge e refugia-se atrás do banco do Avôzinho para não ver a cena

Até que ouviu vozes sobre as dunas. Não precisou voltar-se para saber que eram os pescadores: o **padre**, a **mulher** e o **menino** à frente, conduzindo a massa que descia rápida, armada de **paus** e **pedras**. Gritavam.

As palavras deixam de se entender para se transformarem em roncoss e urros

Sem saber exatamente o que fazia, começou a correr pela praia, sem saber também para onde. O sol cegava-o. Pequenos vermes se movimentavam na areia úmida, esmagada sob seus pés. Correu durante muito tempo, depois deixou-se cair exausto sobre os próprios joelhos. Então voltou-se e viu-o, no meio da multidão enfilecada, os braços baixavam e abatiam-se sobre sua cabeça repetidas vezes. Podia ver o **sangue escorrendo**, misturando seu vermelho com a **brancura da areia**. Mas **não havia gritos**. Tudo estava muito quieto.

De repente páram todos perplexos com o acto que acabam de praticar

silêncio de avô observador

SOM MUS 42 final **CARETOS** silêncio
ILUMINAÇ 109 Cadeira

Médica vira-se e olha para o lugar do crime

consciência da culpa

ILUMINAÇ 110 Náufrago

Todos recuam passando por cima do corpo do náufrago. Todos se sentem culpados. Aparece a cara espezinhada da morte.

enrolando o mar

Ouvem-se os mecanismos das passeadeiras
SOM MUS 43 **CASCADEL** surdina
ILUMINAÇ 111 Mar azul

Discreta e lentamente como quem quer apagar os indícios do assassinato vão todos a pouco e pouco enrolando as passeadeiras.

34.2.....34.2

35.....35

35.1.....35.1

35.2.....35.2

34.2.....34.2

35.....35

35.1.....35.1

35.2.....35.2

07:10

07:12

07:14

07:16

07:18

07:20

07:22

07:24

07:26

07:28

07:30

07:32

07:34

07:36

07:38

07:40

07:42

07:44

07:46

07:48

07:50

07:52

07:54

07:56

07:58

08:00

08:02

08:04

08:06

08:08

08:10

08:12

11:20

11:22

11:24

11:26

11:28

11:30

11:32

11:34

11:36

11:38

11:40

11:42

11:44

11:46

11:48

			Todos os intervenientes saem comprometidos com o que fizeram num impulso incontável. Magia? Pulsão primitiva? Andam como se tivessem pânico de poder vir a fazer ruído. O crucificado leva a porta.	11:50
			Personagens se escondem por trás dos rolos das passadeiras que parecem agora as ondas do mar.	11:52
				11:54
				11:56
				11:58
35.3.....	35.3	35.3.....	com morto nos braços.....	12:00
				12:02
			SOM MUS 43 final CASCAVEL surdina	12:04
			ILUMINAÇ 112 Morto nos braços	12:06
				12:08
			Esperou que todos se afastassem e voltou.	12:10
			Escurecia aos poucos. Quando alcançou o corpo, uma chuva fina começou a cair. O vento tinha cessado. A chuva pouco a pouco adensada: tomou entre as mãos a cabeça destrocada e ficou olhando durante muito tempo para dois olhos azuis escancarados. O sangue ainda escorria . Quente.	12:12
				12:14
				12:16
			Quando a noite baixou, arrumou cuidadoso o cadáver, lavou as manchas de sangue do rosto, depois foi entrando lentamente no mar. Antes de mergulhar olhou para cima e, embora chovesse, inúmeras estrelas cadentes riscavam o céu de ponta a ponta.	12:18
				12:20
				12:22
35.4.....	35.4	35.4.....	é doce morrer no mar.....	12:24
				12:26
			SOM MUS 44 MORRER NO MAR	12:28
			ILUMINAÇ 113 Vocalista	12:30
			A Vocalista canta enquanto o baloiço que simboliza o movimento das ondas do mar arrasta a Médica e a afogada para longe	12:32
				12:34
				12:36
				12:38
				12:40
			É DOCE MORRER NO MAR, Letra de Jorge Amado, música de Dorival Caymmi	12:42
36.....	36	36.....	carnavalização da dor.....	12:44
36.1.....	36.1	36.1.....	renascer no samba.....	12:46
				12:48
			SOM MUS 45 RENASCER NO SAMBA	12:50
			ILUMINAÇ 114 Renascimento	12:52
			O tema musical transforma-se noutro ritmo sem nós darmos conta	12:54
36.2.....	36.2	36.2.....	dança frenética.....	12:56
				12:58
			SOM MUS 46 CONTINUAR LAMBADA	13:00
			ILUMINAÇ 115 Bailinho	13:02
			O tema musical transforma-se noutro ritmo que apoia a dança frenética dos dançarinos	13:04
36.3.....	36.3	36.3.....	resmunguice de velha.....	13:06
				13:08
			ILUMINAÇ 116 Encaixados	13:10
				13:12
			O carnaval é defenido como "liberdade" e possibilidade de viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres. Deivar de viver a vida como fardo ou castigo. É a oportunidade de fazer tudo ao contrário... viver uma experiência como excesso de prazer, de luxo, de riso, ao alcance de todos. A regra é praticar todos os excessos... fantasias (73) O que faz o brasil, Brasil? Roberto Damata, Editora JPA Ltda, Rio de Janeiro, Maio de 2001, (cedido por José Viegas)	13:14
				13:16
				13:18

		DANÇARINOS ...	Viúvas passam. A de negro fica paráda a vibrar com aquele ritmo telúrico.	13:20
		VIUVAS ...		13:22
		AVOZINHO ...	Avô salta de repente para a Viúva Triste e dança com ela imitando dançarinos.	13:24
36.4.....	36.4		migrante equilibrista	13:26
		FUNAMBULO ...	SOM MUS 47 GALAR EM EQUÍLBRIO ILUMINAÇ 117 Funâmbulo	13:30
		DANÇARINOS ...		13:32
		VIUVAS ...	O <i>veado</i> brasileiro chega a Portugal com plumas e <i>soltando frangas</i> , depois, aos poucos vai-se <i>boffificando</i> , ficando com a aparência de macho.	13:34
		AVOZINHO ...	Palavras de Cawé, maquilhador brasileiro amigo de Valéria, recolhidas por Amauri Tangará	13:36
		VOCALISTA O tico tico tá, tá outra vez aqui, o tico tico tá comendo o meu fubá. Se o tico tico tem, tem que se alimentar, Que vá comer umas minhocas no pomar. O tico tico tá, tá outra vez aqui, o tico tico tá comendo o meu fubá. Eu sei que ele vem viver no meu quintal, e vem com ares de canário e de pardal.	Frenesim repercute-se na sala.	13:38
				13:40
				13:42
				13:44
				13:46
				13:48
				13:50
				13:52
				13:54
			Faz tremer o chão e as cadeiras dos espectadores com os sub-graves.	13:56
36.5.....	36.5		ginastas no mar	13:58
		TODOS ...	Aparecem todos os que estavam escondidos nos rolos azuis do mar e começam a aquecer como quem faz ginástica	14:00
		VOCALISTA Mas por favor tira esse bicho do celeiro, porque ele acaba comendo o fubá inteiro. Tira esse tico de lá, de cima do meu fubá. Tem tanta fruta que ele pode pinicar. Eu já fiz tudo para ver se conseguia. Botei alpiste para ver se ele comia. Botei um gato um espan-talho e um alcapão, mas ele acha que o fubá é que é boa alimentação.	SOM MUS 48 TREMER NO GINÁSIO ILUMINAÇ 118 Ginásio	14:02
				14:04
				14:06
				14:08
				14:10
				14:12
				14:14
				14:16
				14:18
				14:20
				14:22
			Todos em sincronia num trabalho gratuito	14:24
36.6.....	36.6		bailadores na palha	14:26
		TODOS ...	Todos os que estão nos rolos começam agora a dispor os cilindros como os fardos de palha num campo ceifado.	14:28
			SOM MUS 49 PASSEAR NA CAMPINA ILUMINAÇ 119 Rolos de palha	14:30
				14:32
				14:34
				14:36
36.7.....	36.7		voam frangas e penas	14:38
		TROVADOR Cócorócó! Cócorócó! Cócorócó! Cócorócó!	ILUMINAÇ 120 Galináceos SOM MUS 50 COCÓROCÓCÓ	14:40
		FUNAMBULO ...	Funambulo solta a franga	14:42
		TODOS ...	No Dicionário: Soltar-a-franga: Liberar, libertar-se de convenções, perder o pudor...	14:44
				14:46
				14:48
				14:50

			As malas que equilibram o funâmbulo na corda bamba abrem-se. Soltam-se umas tantas galinhas que correm soltas pelo palco	14:52 14:54
36.8.....	36.8	36.8.....	correrias dos bichos	36.8 14:56 14:58
			ILUMINAÇ 121 Galináceos SOM MUS 51 FUNKY GALINÁCEO	15:00 15:02 15:04
		TODOS ...	Ao som da música funky todos se precipitam para apanhar as galinhas. Milhares de penas esvoaçam. Mãos esvoaçam.	15:06 15:08 15:10
			Todos dançam ou exercitam as situações mais inesperadas num caos avassalador.	15:12
			Tudo se vai acalmando.	15:12
36.9.....	36.9	36.9.....	avô fica sózinho	36.9 15:14 15:16
			ILUMINAÇ 122 Solidão SOM MUS 51 final FUNFY GALINÁCEO	15:18 15:20 15:22
		AVOZINHO ...	Avôzinho volta a sentar-se como se nada tivesse acontecido. Nem limpa as penas que ficaram agarradas ao fato.	15:24 15:26 15:28
			Os últimos personagens vão saindo de cena cruzando o palco Avô fica só no silêncio	15:30
37.....	37	37.....	final que não acaba	37 15:32
37.1.....	37.1	37.1.....	agradecimentos actores	37.1 15:34
		ACTORES ...	ILUMINAÇ 123 Actores	15:36 15:38
37.2.....	37.2	37.2.....	agradecimentos músicos	37.2 15:40
		MUSICOS ...	ILUMINAÇ 124 Músicos	15:42 15:44
37.3.....	37.3	37.3.....	silêncio dos avós	37.3 15:46
			ILUMINAÇ 125 Black Out	15:48 15:50
		AVOZINHO 1 ...	Depois dos primeiros agradecimentos, o Avôzinho da Pateia trás uma cadeira e senta-se ao lado do outro olhando para o público sem esboçarem um único movimento de agradecimento.	15:52 15:54
		AVOZINHO 2 ...		15:56 15:58
37.4.....	37.4	37.4.....	agradecimentos dos outros	37.4 16:00
		TODOS ...	ILUMINAÇ 126 Todos	16:02 16:04
37.5.....	37.5	37.5.....	silêncio e imobilidade	37.5 16:06
		AVOZINHOS ...	ILUMINAÇ 127 Black Out	16:08 16:10
37.6.....	37.6	37.6.....	batucada nos bastidores	37.6 16:12
			ILUMINAÇ 128 Penumbra SOM MUS 52 REPENIQUE SOM MUS 53 BATUCADA BASTIDOR	16:14 16:16 16:18
			Repinique puxando a batucada	16:18
			Nos bastidores todos se divertem como se estivessem a dar largas à tensão que o espectáculo criou	16:20
			ILUMINAÇ 129 Sombras	16:20

Anexo II (d) | Cotovia

Guião em formato de *dramatografia*
(versão 31/12/2006)

COTOVIA

AUTO DA FEITICEIRA COTOVIA

Texto: Natalia Correia

Dramaturgia e encenação	João Brites
Musica:	Jorge Salgueiro
Coordenação Geral	Dolores de Matos
Assistente Estagiária:	Inês Fouto
Oralidade:	Teresa Lima?
Espaço Cénico:	João Brites?
Figurinos e Adereços:	Clara Bento?
Actores:	As Avózinhas Dolores de matos Inês Fouto
Montagem:	
Execução de Figurinos:	

Texto de trabalho

João Brites, Palmela, 31 de Dezembro de 2006

Criação do **Teatro O bando**

Co-produção: **Associação FIAR / Valeteatro**

1.....	Abertura	entram cativos.....1	1.....	00:00 00:02 00:04 00:06 00:08 00:10 00:12 00:14 00:16 00:18 00:20 00:22 00:24 00:26 00:28 00:30 00:32 00:34 00:36 00:38 00:40 00:42 00:44 00:46 00:48 00:50 00:52 00:54 00:56 00:58 01:00 01:02 01:04 01:06 01:08 01:10 01:12 01:14 01:16 01:18 01:20 01:22 01:24 01:26 01:28 01:30 01:32 01:34 01:36 01:38 01:40 01:42 01:44 01:46 01:48 01:50 01:52 01:54 01:56 01:58 02:00 02:02 02:04 02:06 02:08 02:10 02:12 02:14 02:16 02:18 02:20 02:22 02:24 02:26 02:28 02:30 02:32 02:34 02:36 02:38 02:40 02:42 02:44 02:46 02:48 02:50 02:52 02:54 02:56
		Dois Apresentadores diri- gem um musical que cheira a um muito digno espectácu- lo de um estranho cabaret.	ILUMIN 01 MÚSICOS MUSICA 01 ABERTURA 02:52	
		Doze mulheres cotovias des- dobram-se nas personagens deste Auto da Feiticeira Cotovia. Todas elas são se- dutoras cotovias. Vestem cores pastel numa aguarela de tecidos nobres, com meias pretas e sapatos vermelhos com tacão. Na cabeça um mesmo chapéu, na boca a mesma boquilha. Uma boneca com dois palmos de altura é a réplica perfeita de uma cotovia. É de papel com armação em rede metálica e será queimada em cada representação.		
		Entram os cativos lado a lado co- mo se estivessem comprometidos		
		Dois empregados cativos circulam preocupados com alguém que em breve vai chegar		
		Arrumam limpam a cena como se fosse essa uma obrigação habitual		
		Doze cadeiras são outros tantos altares que não escondem os bastidores do teatro.	ILUMIN 02 APRESENTAÇÃO	
		Acendem as luzes regulando os respectivos interruptores.		
		Com tudo preparado vão se sentar rezando para que tudo corra bem		
2.....	Apresentação	entram cotovias.....2	2.....	
		CRISTINA COTOVIA Então?		
		Cotovia Cristina só anda quando e amparada pelo padre		

Cotovia 2 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 3 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 4 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 5 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 6 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 7 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 8 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 9 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia 10 xxxxxxxx xxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
 xxxxxxxxxxxx xxxxxxxx xxxxxxxx

Cotovia Piedade resmunga contra
 o padre e a freira empregados seus
 cativos empregados

PIE DADE COTOVIA

Tud suj ó? E aqu e al! Nã Trabalh... And cá. Cá

02:58
 03:00
 03:02
 03:04
 03:06
 03:08
 03:10
 03:12
 03:14
 03:16
 03:18
 03:20
 03:22
 03:24
 03:26
 03:28
 03:30
 03:32
 03:34
 03:36
 03:38
 03:40
 03:42
 03:44
 03:46
 03:48
 03:50
 03:52
 03:54
 03:56
 03:58
 04:00
 04:02
 04:04
 04:06
 04:08
 04:10
 04:12
 04:14
 04:16
 04:18
 04:20
 04:22
 04:24
 04:26
 04:28
 04:30
 04:32
 04:34
 04:36
 04:38
 04:40
 04:42
 04:44
 04:46
 04:48
 04:50
 04:52
 04:54
 04:56
 04:58
 05:00
 05:02
 05:04
 05:06
 05:08
 05:10
 05:12
 05:14
 05:16
 05:18
 05:20
 05:22
 05:24
 05:26
 05:28
 05:30
 05:32
 05:34
 05:36
 05:38
 05:40
 05:42
 05:44
 05:46
 05:48
 05:50
 05:52
 05:54

LOLA PADRE CATIVO

Dizei-me, boas mulheres, que sensatamente
empregais o vosso tempo combatendo os parasitas
deste país piolhoso: Que gente é aquela?

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Uns pobres diabos que só se animam nas
manhãs de nevoeiro.

3.....Lusitânia

INÊS FREIRA CATIVA

Tudo chegava pelo lado da sombra, do terror, da
pegajosa igno-mínia. Os esbirros amordaçavam a luz.
Com as mãos mergulhadas nas estrelas que escondia
nos bolsos o poeta assobiava uma pátria mátria de
brancura e paz.

Recentes escavações feitas no Sudoeste da
Europa confirmaram a existência de uma cidade
soterrada pelo prodígio diário de um lento e assombroso
cataclismo.

Dessa cidade - a Lusitânia - contam contos
espantados que uma mulher a quem chamavam
Feiticeira Cotovia foi condenada às chamas por
práticas de uma magia maior e estranha a que ela dava
o nome de poesia. Pronunciada que foi a sentença a
misteriosa e sereníssima criatura anunciou com a força
coruscante de um fulmínio augúrio:

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

O meu corpo em chamas / O meu corpo em
chamas

O meu corpo em chamas será o rastilho de uma
fogueira que consumirá a Lusitânia ano após ano,
geração após geração numa combustão invisível e
prolongada pela Palavra que fulge no Ponto onde todos
os nomes se reúnem na luz.

O meu corpo em chamas /

INÊS FREIRA CATIVA

E a profecia ía fazer-se lume duradouro porque
aquele fogo ía arder sem matéria pois que era pura
chama do Espírito.

E os Deuses iriam afagar as suas pombas
porque estavam contentes com o que a Mulher ía fazer.

Violante pega no braço do padre e
dá-lhe instruções segedando-lhe
ao discretamente ao ouvido.

Violante acaba por empurrar o
padre e este acaba por falar.

Olha para as cotovias.

Cotovias olham para o público e
respondem altivas.

in O Encoberto, Natália Correia

MUSICA 02 A

Tapete 00:00

.....3 3.....

MUSICA 02

CORPO 02:44

Tapete integrado

in Poesia Completa, Auto da Feiticeira
Cotovia, Natália Correia

05:56
05:58

06:00
06:02
06:04
06:06
06:08
06:10
06:12
06:14
06:16
06:18
06:20
06:22

06:24
06:26
06:28
06:30
06:32
06:34
06:36
06:38
06:40
06:42
06:44
06:46
06:48
06:50
06:52
06:54
06:56
06:58

07:00
07:02
07:04
07:06
07:08
07:10
07:12
07:14
07:16
07:18
07:20
07:22
07:24
07:26
07:28
07:30
07:32
07:34
07:36
07:38

07:40
07:42
07:44
07:46
07:48
07:50
07:52
07:54
07:56
07:58

08:00
08:02
08:04
08:06
08:08
08:10
08:12
08:14
08:16
08:18
08:20
08:22
08:24
08:26
08:28
08:30

08:32
08:34
08:36
08:38
08:40
08:42
08:44
08:46
08:48
08:50

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS	M02 continuação	08:52
O meu corpo em chammas /		08:54
		08:56
		08:58
CONDESSA COTOVIA	Tapete integrado	09:00
Dão-nos um mapa imaginário / Que tem a forma duma cidade / Mais um relógio e um calendário / Onde não vem a nossa idade.		09:02
		09:04
		09:06
		09:08
		09:10
		09:12
		09:14
AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS	M02 continuação	09:16
O meu corpo em chammas /		09:18
		09:20
		09:22
		09:24
ALEXANDRINA COTOVIA	Tapete integrado	09:26
Dão-nos a honra de manequim / Para dar corda à nossa ausência. / Dão-nos o prémio de ser assim / Sem pecado e sem inocência. //		09:28
		09:30
		09:32
		09:34
		09:36
		09:38
		09:40
AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS	M02 continuação	09:42
O meu corpo em chammas /		09:44
		09:46
		09:48
		09:50
PIEIDADE COTOVIA	Tapete integrado	09:52
Dão-nos um barco e um chapéu / Para tirarmos o retrato. / dão-nos bilhetes para o céu / Levado à cena num teatro. //		09:54
		09:56
		09:58
		10:00
		10:02
		10:04
AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS	M02 continuação	10:06
O meu corpo em chammas será o rastilho de uma fogueira que consumirá a Lusitânia ano após ano, geração após geração numa combustão invisível e prolongada pela Palavra que fulge no Ponto onde todos os nomes se reúnem na luz.	in Antologia Poética, Queixa das Almas Jovens Censuradas, pg 67; Natália Correia, organização de Fernando Pinto do Amaral, D. Quixote, Julho de 2002	10:08
		10:10
		10:12
		10:14
		10:16
		10:18
		10:20
		10:22
		10:24
		10:26
		10:28
		10:30
		10:32
		10:34
		10:36
		10:38
		10:40
		10:42
		10:44
		10:46
		10:48
		10:50
		10:52
		10:54
		10:56
		10:58
		11:00
		11:02
		11:04
		11:06
		11:08
		11:10
		11:12
		11:14
		11:16
		11:18
		11:20
		11:22
		11:24
		11:26
		11:28
		11:30
		11:32
		11:34
		11:36
		11:38
		11:40
		11:42
		11:44
		11:46
		11:48
		11:50
		11:52
		11:54
		11:56
		11:58
		12:00
		12:02
		12:04
		12:06
		12:08
		12:10
		12:12
		12:14
		12:16
		12:18
		12:20
		12:22
		12:24
		12:26
		12:28
		12:30
		12:32
		12:34
		12:36
		12:40
		12:42
		12:44
		12:46
		12:48
		12:50
		12:52
		12:54
		12:56
		12:58
		13:00
		13:02
		13:04
		13:06
		13:08
		13:10
		13:12
		13:14
		13:16
		13:18
		13:20
		13:22
		13:24
		13:26
		13:28
		13:30
		13:32
		13:34
		13:36
		13:38
		13:40
		13:42
		13:44
		13:46
		13:48
		13:50
		13:52
		13:54
		13:56
		13:58
		14:00
		14:02
		14:04
		14:06
		14:08
		14:10
		14:12
		14:14
		14:16
		14:18
		14:20
		14:22
		14:24
		14:26
		14:28
		14:30
		14:32
		14:34
		14:36
		14:38
		14:40
		14:42
		14:44
		14:46
		14:48
		14:50
		14:52
		14:54
		14:56
		14:58
		15:00
		15:02
		15:04
		15:06
		15:08
		15:10
		15:12
		15:14
		15:16
		15:18
		15:20
		15:22
		15:24
		15:26
		15:28
		15:30
		15:32
		15:34
		15:36
		15:38
		15:40
		15:42
		15:44
		15:46
		15:48
		15:50
		15:52
		15:54
		15:56
		15:58
		16:00
		16:02
		16:04
		16:06
		16:08
		16:10
		16:12
		16:14
		16:16
		16:18
		16:20
		16:22
		16:24
		16:26
		16:28
		16:30
		16:32
		16:34
		16:36
		16:38
		16:40
		16:42
		16:44
		16:46
		16:48
		16:50
		16:52
		16:54
		16:56
		16:58
		17:00
		17:02
		17:04
		17:06
		17:08
		17:10
		17:12
		17:14
		17:16
		17:18
		17:20
		17:22
		17:24

PIEADADE COTOVIA

Ããa!

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Ficaram todos cor de limão. //

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Para os narizes porem em dia / Leram os anais
da Inquisição. / Com tanto ódio à poesia / Ficaram todos
cor de limão. //

VIOLANTE PREGOEIRO

Que diz que é preciso olhar um lírio/ Como quem
não o está a ver / E que esse olhar é que é o círio / Do
que está no lírio a acontecer. //

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Ficaram todos muito decentes / Ficaram lentes
à moda antiga / Ficaram cara dor de dentes / Numa
atitude dor de barriga. //

VIOLANTE PREGOEIRO

Que diz que dá pinhas pela maneira / Como um
pinheiro sem saber as dá / E que isto é que é ser
feiticeira / E como o pinheiro nem boa nem má. //

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Ficaram mortos sem cemitério / Sem se
lembrarem de ter morrido / Lassos fantasmas do podre
império / De já não sermos por termos sido. //

VIOLANTE PREGOEIRO

Que diz que a fúria que se chama vida / É lutar,
ferida da vida ser pouca / Com muitos milénios de alma
decidida / Pela liberdade que é luz na boca. //

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Quando chegou a Cotovia / Vulto de vento alto e
cantante / A Assembleia ficou mais fria / O presidente
mais rapinante. //

O presidente mais rapinante. //

O presidente mais rapinante. //

MUSICA 03

PREGÃO 00:00

11:48
11:50
11:52
11:54
11:56
11:58

12:00
12:02
12:04
12:06
12:08
12:10
12:12
12:14
12:16
12:18
12:20
12:22
12:24
12:26
12:28
12:30
12:32
12:34
12:36
12:38
12:40
12:42
12:44
12:46
12:48
12:50
12:52
12:54
12:56
12:58

13:00
13:02
13:04
13:06
13:08
13:10
13:12
13:14
13:16
13:18
13:20
13:22
13:24
13:26
13:28
13:30
13:32
13:34
13:36
13:38
13:40
13:42
13:44
13:46
13:48
13:50
13:52
13:54
13:56
13:58

14:00
14:02
14:04
14:06
14:08
14:10
14:12
14:14
14:16
14:18
14:20
14:22
14:24
14:26
14:28
14:30
14:32
14:34
14:36
14:38
14:40
14:42

CRISTINA INQUISIDOR

Este Gorgeio é bruxaria / ...

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Uivou um lobo do Santo Ofício / ...

CRISTINA INQUISIDOR

Metam a ave na enxovia. / Cantar é crime. Voar
é vício. //

in Poesia Completa, Auto da Feiticeira
Cotovia, Natália Correia

5.....Acusação Inquisidor.....5 5.....

INÊS FREIRA CATIVA

Se as provas do crime forem insuficientes, as
labaredas serão substituídas por uma cruz vermelha de
Santo André e a sua vida será poupada.

Trazem a Feiticeira Cotovia:
Fazem vestir a ré, sobre o
sambanito, labaredas de ser-
ge vermelho cosido por cima.

O Inquisidor ocupa um púlpito
alto, em frente de um altar
paramentado. No lado
esquerdo do altar estão
sentados os sete juízes.

ELVIRA COTOVIA

O meu navio é habitar no vento / Como um castelo
que não se vê por fora. / É um interior de pássaro ao
relento, / Um morar sem saber onde se mora. //

in Antologia Poética, Passaporte, pg 71;
Natália Correia, idem

MUSICA 04
XXXXX05:48

CRISTINA INQUISIDOR

Confessa que és uma harpia / Que tens comércio
com Vénus / E que és o leito de orgia / de poetas
obscenos. //

Confessa que és poente / Dum país que não
existe / E que andas muito contente / Quando deves
andar triste. //

Confessa que és Sibila / Com bico de rouxinol. /
Seguem-te dez cães de fila / Que são dez raios de sol!

in Poesia Completa, Auto da Feiticeira
Cotovia, Natália Correia

ELVIRA COTOVIA

Eu estava para ser a Gioconda / Pela tendência
oblíqua dum sorriso. / Agora hesito entre gaivota e onda
/ Com receio de haver paraíso.

in Antologia Poética, Passaporte, pg 71;
Natália Correia, idem

6.....Solteirona Testemunha.....6 6.....

INÊS FREIRA CATIVA

Começam a depor as testemunhas: a primeira é
uma Solteirona arreitada de luxúria e escumando pavor.

14:44
14:46
14:48
14:50
14:52
14:54
14:56
14:58

15:00
15:02
15:04
15:06
15:08
15:10
15:12
15:14
15:16
15:18
15:20
15:22
15:24
15:26
15:28
15:30
15:32
15:34
15:36
15:38
15:40
15:42
15:44
15:46
15:48
15:50
15:52
15:54
15:56
15:58

16:00
16:02
16:04
16:06
16:08
16:10
16:12
16:14
16:16
16:18
16:20
16:22
16:24
16:26
16:28
16:30
16:32
16:34
16:36
16:38
16:40
16:42
16:44
16:46
16:48
16:50
16:52
16:54
16:56
16:58

17:00
17:02
17:04
17:06
17:08
17:10
17:12
17:14
17:16
17:18
17:20
17:22
17:24
17:26
17:28
17:30
17:32
17:34
17:36
17:38

JOSEFINA SOLTEIRONA

Fez uma magia / Sobre a minha telha / Um pénis
que ria / Entrou-me pela orelha. //

Em insónias roxas / Vigílias de lama / Arderam-
me as coxas / Nas brasas da cama. //

LOLA PADRE CATIVO

Dei-te uma canção como um fruto aberto / De
mulher em arco na proa de um barco / De relincho e
feno de flor e de insecto / Que pausa na flor e fica
casado. //

JOSEFINA SOLTEIRONA

Deu-me um lírio preto / Como um diamante / Era
um amuleto / Para eu ter um amante. // Deu-me duas
asas / E disse-me assim: *Já que não te casas / Vai ao
teu festim!* //

LOLA PADRE CATIVO

Passou um amante no voo directo / Dum corpo
para a sua constelação: / Com pena de ti roubei-lhe o
trajecto / E pus-te uma pomba de amor na mão. //

JOSEFINA SOLTEIRONA

Pôs-me num bordel / Com cem meretrizes. / Meu
corpo de mel / Fazia-as felizes. // Passei por Sodoma /
Na cama dum Bórgia. / Nas ruas de Roma / Deitei-me
com a corja. //

LOLA PADRE CATIVO

E pelos abismos do teu ventre orgíaco / Errou o
remorso da raça cobarde /...

JOSEFINA SOLTEIRONA

Num cais de Marselha / Quis um marinheiro / Fingi
que era velha / Para lhe dar dinheiro. //

Dando sinais de grande agi-
tação, a Feiticeira Cotovia
interrompe o depoimento,
protestando.

Condessa Cotovia bate com a
boquilha nas costas do padre
obrigando-o a cantar

Condessa Cotovia continua a bater
com a boquilha nas costas do padre
obrigando-o a cantar

17:40
17:42
17:44
17:46
17:48
17:50
17:52
17:54
17:56
17:58

18:00
18:02
18:04
18:06
18:08
18:10
18:12
18:14
18:16
18:18
18:20
18:22
18:24
18:26
18:28
18:30
18:32
18:34
18:36
18:38
18:40
18:42
18:44
18:46
18:48
18:50
18:52
18:54
18:56
18:58

19:00
19:02
19:04
19:06
19:08
19:10
19:12
19:14
19:16
19:18
19:20
19:22
19:24
19:26
19:28
19:30
19:32
19:34
19:36
19:38
19:40
19:42
19:44
19:46
19:48
19:50
19:52
19:54
19:56
19:58

20:00
20:02
20:04
20:06
20:08
20:10
20:12
20:14
20:16
20:18
20:20
20:22
20:24
20:26
20:28
20:30
20:32
20:34

ALEXANDRINA COTOVIA

Vai chegar o meu amigo / Traz uma pinha na íris
/ Se a pinha é vir ter comigo / Tanto faz Baco ou Osíris. /

LÚCIA PADRE

Com a sombra de um enforcado/ E afagos de
beladona / Deixou um santo corado / Com tanta pouca
vergonha. //

ALEXANDRINA COTOVIA

Se a cabra em cio executa / Seu repertório de
sol / Se a vida é agora ou nunca / Tanto faz Krisna ou
Apolo. //

LÚCIA PADRE

Com um esqueleto calçado / E um bicho de vinte
patas / Fez com qu o Crucificado / Piscasse o olho às
beatas. //

ALEXANDRINA COTOVIA

Larga o corpo uma gazela / Que parte em busca
de um deus. / Se a alma é partir com ela / Tanto faz
Jesus ou Zeus. //

CRISTINA INQUISIDOR

São vinhos vulvas venenos / São pernas com
meias pretas / São os postais obscenos / Que fechamos
nas gavetas.

INÊS FREIRA CATIVA

Entra o Patriota. É um marechal, com o seu
hábito e capelo e gorra de veludo e luvas e espada
dourada, fazendo meneios de mui doce cortesia.

10.....Patriota

Cotovias levantam-se de rompante
a fecharem no ar gavetas
imaginárias e preparam-se para
entrarem em marcha militar

Entra Patriota acusador seguido
em marcha pelas cotovias que
imitam soldados meio patetas

Patriota acusador vira-se e as
cotovias disfarçam marchando em
passo miudo para os seus lugares

Testemunha.....10

MUSICA 05B

Tapete

MUSICA 06

MILITAR 00:00

DEOLINDA PATRIOTA

Da água negra da sua boca / Saíram vespas
víboras sapos / Saíram pedras de luas loucas / Que íam
fazendo a pátria em cacos. //

23:32
23:34
23:36
23:38
23:40
23:42
23:44
23:46
23:48
23:50
23:52
23:54
23:56
23:58

24:00
24:02
24:04
24:06
24:08
24:10
24:12
24:14
24:16
24:18
24:20
24:22
24:24

24:26
24:28
24:30
24:32
24:34
24:36
24:38
24:40
24:42
24:44

24:46
24:48
24:50
24:52
24:54
24:56
24:58

25:00
25:02
25:04
25:06
25:08
25:10
25:12
25:14
25:16
25:18
25:20
25:22
25:24
25:26
25:28
25:30
25:32
25:34
25:36
25:38
25:40
25:42
25:44
25:46
25:48
25:50
25:52
25:54
25:56
25:58

26:00
26:02
26:04
26:06
26:08
26:10
26:12
26:14
26:16
26:18
26:20
26:22
26:24
26:26

DEOLINDA PATRIOTA			26:28
Saíram versos que eram moscardos / E a			26:30
Lusitânia era um brasido / Uma geografia de petardos /			26:32
A rebentar-me no ouvido. //			26:34
Era, bêbado até cair / Camões num bar mal-			26:36
afamado / Cantando os Lusíadas do porvir / De um			26:38
Portugal sem altar nem Estado. //			26:40
CRISTINA INQUISIDOR			26:42
São vinhos vulvas venenos / São pernas com			26:44
meias pretas / São os postais obscenos / Que fechamos			26:46
nas gavetas.			26:48
JOSEFINA COTOVIA			26:50
Algures nessa vertigem vim virgem de outras eras			26:52
/ Ser violada ao luar num festim de panteras. (...)			26:54
11.....Defesa	Da ré.....11	11.....	26:56
CRISTINA INQUISIDOR			26:58
O coito (...) / tem um fim cristalino, / preciso e			27:00
imaculado / fazer menina ou menino;			27:02
DEOLINDA COTOVIA			27:04
Já que o coito - diz Morgado - / tem um fim			27:06
cristalino, / preciso e imaculado / fazer menina ou menino;			27:08
/ e cada vez que o varão / sexual petisco manduca, /			27:10
temos na procriação / prova de que houve truca-truca. /			27:12
Sendo pai só de um rebento, / lógica é a conclusão / de			27:14
que o viril instrumento / só usou - parca razão! - / uma			27:16
vez. E se a função / faz o órgão - diz o ditado - /			27:18
consumada essa excepção, / ficou capado o Morgado			27:20
CRISTINA INQUISIDOR			27:22
São as vigílias venéreas / Com que o demo nos			27:24
ateia / Um cio imundo de feras / É Judas na Santa Ceia.			27:26
12.....Sentença	12	12.....	27:28
LOLA PADRE CATIVO			27:30
Ser navegador...			27:32
ELVIRA COTOVIA			27:34
Ser navegador... Ser navegador / Não é termos			27:36
sido é sermos ainda / É irmos a Vénus ou seja onde for			27:38
/ Espetar os cornos onde o espaço finda. //			27:40
É a liberdade como luz para onde / Fugida do			27:42
frio voa a andorinha. / E o povo é a sede e a pátria é a			27:44
fonte / Trabalho de sangue que não mais termina. //			27:46
LOLA PADRE CATIVO			27:48
Está o processo encerrado / Com o selo da			27:50
evidência. / É treva é lodo é pecado / Noite de amor. É			27:52
doença. //			27:54
			27:56
			27:58
			28:00
			28:02
			28:04
			28:06
			28:08
			28:10
			28:12
			28:14
			28:16
			28:18
			28:20
			28:22
			28:24
			28:26
			28:28
			28:30
			28:32
			28:34
			28:36
			28:38
			28:40
			28:42
			28:44
			28:46
			28:48
			28:50
			28:52
			28:54
			28:56
			28:58
			29:00
			29:02
			29:04
			29:06
			29:08
			29:10
			29:12
			29:14
			29:16
			29:18
			29:20
			29:22

ELVIRA COTOVIA
 Como se um raio mordesse / meu corpo pêro
 rosado / e o namorado viesse / ou em vez do namorado
 // um novilho atravessasse / meus flancos de seda branca
 / e o trajecto me deixasse / uma açucena na anca //

JOSEFINA COTOVIA
 Como se eu apenas fosse / o efeito de um feitiço
 / um astro me desse um couce / e eu não sofresse com
 isso //

CRISTINA COTOVIA
 Como se eu já existisse / antes do sol e da lua / e
 se a morte me despisse / eu não me sentisse nua //

AMÉLIA COTOVIA
 Como se deus cá em baixo / fosse um cigano
 moreno / como se deus fosse macho / e as minhas coxas
 de feno //

ALICE COTOVIA
 Como se alguém dos espaços / me desse o
 nome de flor / ou me deixasse nos braços / este cordeiro
 de amor. //

LÚCIA COTOVIA
 Entre mim e a cidade se ateia a perspectiva /
 De uma angústia florida em narinas frementes. / Apalpo-
 me estou viva e o tacto subjectiva- / -me a galope num
 sonho com espuma nos dentes //

LOLA PADRE CATIVO
 E invoco-vos, irmãos, Capitães-Mores do Instinto!
 / Que me acenais do mar com um lenço cor de aurora /

INÊS FREIRA CATIVO
 E com a tinta azulada desse aceno me pinto: / O cais é
 a urgência. O embarque é agora. //

LOLA PADRE CATIVO
 É relapsa e feiticeira / É réproba e é herege / É
 um caso de fogueira / Se há um Deus que nos protege./
 E enquanto a chama lhe acalma / O demo que
 traz nos ossos / Rezemos pela sua alma / Quatrocentos
 padre-nossos. //

É relapsa e feiticeira / É réproba e é herege / É
 um caso de fogueira / Se há um Deus que nos protege./
 E enquanto a chama lhe acalma / O demo que
 traz nos ossos / Rezemos pela sua alma / Quatrocentos
 padre-nossos. //

Reagem as cotovias constituindo
 dois grupos aliados numa espécie
 de desgarrada

in Antologia Poética, O Encontro, pg 112;
 Natália Correia, idem

Rodinhas e gritinhos

Entusiasmados com as convi-
 ções das cotovias associam-se
 a elas sem pensar

in Antologia Poética, Cântico do País Emer-
 so, VII e VIII pg 104, 106 e 108; N Correia,

Grande agitação das cotovias que
 ficam polvilhadas no espaço

Suspendem a agitação perce-
 bendo que uma sua irmã vai ser
 queimada na fogueira

MUSICA 07
DESPIQUE 00:17

MUSICA 07C
Tapete

MUSICA 07
VIVA 00:00

MUSICA 08A
Tapete

29:24
 29:26
 29:28
 29:30
 29:32
 29:34
 29:36
 29:38
 29:40
 29:42
 29:44
 29:46
 29:48
 29:50
 29:52
 29:54
 29:56
 29:58

 30:00
 30:02
 30:04
 30:06
 30:08
 30:10
 30:12
 30:14
 30:16
 30:18
 30:20
 30:22
 30:24
 30:26
 30:28
 30:30
 30:32
 30:34
 30:36
 30:38
 30:40
 30:42
 30:44
 30:46
 30:48
 30:50
 30:52
 30:54
 30:56
 30:58

 31:00
 31:02
 31:04
 31:06
 31:08
 31:10
 31:12
 31:14
 31:16
 31:18
 31:20
 31:22
 31:24
 31:26
 31:28
 31:30
 31:32
 31:34
 31:36
 31:38
 31:40
 31:42
 31:44
 31:46
 31:48
 31:50
 31:52
 31:54
 31:56
 31:58

 32:00
 32:02
 32:04
 32:06
 32:08
 32:10
 32:12
 32:14
 32:16
 32:18

13.....Cumprimento	Da pena.....13	13.....	
			32:20
			32:22
			32:24
			32:26
			32:28
			32:30
			32:32
			32:34
			32:36
			32:38
			32:40
			32:42
			32:44
			32:46
			32:48
			32:50
			32:52
			32:54
			32:56
			32:58
			33:00
			33:02
			33:04
			33:06
			33:08
			33:10
			33:12
			33:14
			33:16
			33:18
			33:20
			33:22
			33:24
			33:26
			33:28
			33:30
			33:32
			33:34
			33:36
			33:38
			33:40
			33:42
			33:44
			33:46
			33:48
			33:50
			33:52
			33:54
			33:56
			33:58
			34:00
			34:02
			34:04
			34:06
			34:08
			34:10
			34:12
			34:14
			34:16
			34:18
			34:20
			34:22
			34:24
			34:26
			34:28
			34:30
			34:32
			34:34
			34:36
			34:38
			34:40
			34:42
			34:44
			34:46
			34:48
			34:50
			34:52
			34:54
			34:56
			34:58
			35:00
			35:02
			35:04
			35:06
			35:08
			35:10
			35:12
			35:14
			35:16
			35:18
			35:20
			35:22
			35:24
			35:26
			35:28
			35:30
			35:32
			35:34
			35:36
			35:38
			35:40
			35:42
			35:44
			35:46
			35:48
			35:50
			35:52
			35:54
			35:56
			35:58
			36:00
			36:02
			36:04
			36:06
			36:08
			36:10
			36:12
			36:14
			36:16
			36:18
			36:20
			36:22
			36:24
			36:26
			36:28
			36:30
			36:32
			36:34
			36:36
			36:38
			36:40
			36:42
			36:44
			36:46
			36:48
			36:50
			36:52
			36:54
			36:56
			36:58
			37:00
			37:02
			37:04
			37:06
			37:08
			37:10
			37:12
			37:14
			37:16
			37:18
			37:20
			37:22
			37:24
			37:26
			37:28
			37:30

INÊS FREIRA CATIVA

As labaredas correm dementes pela cidade
semeando dolorosos campos de cinza. E tombando-
lhe a cabeça entrega a semente do seu espírito aos
ventos.

E os Deuses afagaram as suas pombas porque
estavam contentes com o que a Mulher tinha feito.

14.....Epílogo

ALEXANDRINA COTOVIA

Os anos murcham e só no corpo sentes / Quente
e fagueira a passagem da vida.

LOLA PADRE CATIVO

Passais como queimaduras / E tudo em fogo
deixais. //

PIEIDADE COTOVIA

Venho, mas porque venho não sei. Qual o
endereço? / Principiei no fim para acabar no começo?

CONDESSA COTOVIA

Pedi mais vida e pago o preço. Fico / Mordendo
a cinza das horas radiantes. / Sonhos? Fulgor? Ao nada,
ao pó dedico / Os pedaços dos gestos triunfantes, //

AVOZINHAS CORO DE COTOVIAS

Mordendo a cinza das horas radiantes...
Pedi mais vida e pago o preço.
Pedi mais vida e pago o preço.

VIOLANTE COTOVIA

Ao nada, ao pó dedico / Os pedaços dos gestos
triunfantes,

PIEIDADE COTOVIA

Pedi mais vida e pago o preço.

Cotovias ficam suspensas no gesto
de pintar os lábios mirando-se nos
espelhos com olhar vazio

Cotovias baixam as mãos e ga-
nham um novo ânimo sedutor. Um
sorriso se anuncia nas suas faces

onde canta a vontade do Rei
Da Luz para que os zéfiros
novamente lancem na terra a
Palavra que faz germinar a
Cidade d Homens Radiosos

Cotovias recuam sempre viradas
para os espelhos

Josefina Cotovia espreita

in Antologia Poética, Ode à Noite, pg 228;
Natália Correia, idem

Cotovias viram-se de costas e
caminham devagar para longe

Cotovias viram-se para ouvir Padre

in Antologia Poética, O Armistício, pg 194;
Natália Correia, idem

Encostada ao banco à esquerda
do cadafalso

Encostada ao banco à direita do
cadafalso

in Antologia Poética, Na Câmara de
Reflexão, pg 255; Natália Correia,

Cotovias dançam ao longe pot tràs
dos bancos um bailinho miudinho

MUSICA 09
XXXXX 00:00

35:16
35:18
35:20
35:22
35:24
35:26
35:28
35:30
35:32
35:34
35:36
35:38
35:40
35:42
35:44
35:46
35:48
35:50
35:52
35:54
35:56
35:58
36:00
36:02
36:04
36:06
36:08
36:10
36:12
36:14
36:16
36:18
36:20
36:22
36:24
36:26
36:28
36:30
36:32
36:34
36:36
36:38
36:40
36:42
36:44
36:46
36:48
36:50
36:52
36:54
36:56
36:58
37:00
37:02
37:04
37:06
37:08
37:10
37:12
37:14
37:16
37:18
37:20
37:22
37:24
37:26
37:28
37:30
37:32
37:34
37:36
37:38
37:40
37:42
37:44
37:46
37:48
37:50
37:52
37:54
37:56
37:58
38:00
38:02
38:04
38:06
38:08
38:10

DEOLINDA COTOVIA Fico / Mordendo a cinza das horas radiantes.	38:12 38:14 38:16 38:18 38:20 38:22 38:24 38:26 38:28 38:30 38:32 38:34 38:36 38:38 38:40 38:42 38:44 38:46 38:48 38:50 38:52 38:54 38:56 38:58
CONDESSA COTOVIA Pedi mais vida e pago o preço.	39:00 39:02 39:04 39:06 39:08 39:10 39:12 39:14 39:16 39:18 39:20 39:22 39:24 39:26 39:28 39:30 39:32 39:34 39:36 39:38 39:40 39:42 39:44 39:46 39:48 39:50 39:52 39:54 39:56 39:58
ALEXANDRINA COTOVIA Fico / Mordendo a cinza das horas radiantes.	40:00 40:02 40:04 40:06 40:08 40:10 40:12 40:14 40:16 40:18 40:20 40:22 40:24 40:26 40:28 40:30 40:32 40:34 40:36 40:38 40:40 40:42 40:44 40:46 40:48 40:50 40:52 40:54 40:56 40:58
ALICE COTOVIA Pedi mais vida e pago o preço.	41:00 41:02 41:04 41:06
CRISTINA COTOVIA Ao nada, ao pó dedico / Os pedaços dos gestos triunfantes,	41:08 41:10 41:12 41:14 41:16 41:18 41:20 41:22 41:24 41:26 41:28 41:30 41:32 41:34 41:36 41:38 41:40 41:42 41:44 41:46 41:48 41:50 41:52 41:54 41:56 41:58
ELVIRA COTOVIA Fico / Mordendo a cinza das horas radiantes.	42:00 42:02 42:04 42:06 42:08 42:10 42:12 42:14 42:16 42:18 42:20 42:22 42:24 42:26 42:28 42:30 42:32 42:34 42:36 42:38 42:40 42:42 42:44 42:46 42:48 42:50 42:52 42:54 42:56 42:58
AMÉLIA COTOVIA Ao nada, ao pó dedico / Os pedaços dos gestos triunfantes,	43:00 43:02 43:04 43:06 43:08 43:10 43:12 43:14 43:16 43:18 43:20 43:22 43:24 43:26 43:28 43:30 43:32 43:34 43:36 43:38 43:40 43:42 43:44 43:46 43:48 43:50 43:52 43:54 43:56 43:58
LÚCIA COTOVIA Fico / Mordendo a cinza das horas radiantes.	44:00 44:02 44:04 44:06 44:08 44:10 44:12 44:14 44:16 44:18 44:20 44:22 44:24 44:26 44:28 44:30 44:32 44:34 44:36 44:38 44:40 44:42 44:44 44:46 44:48 44:50 44:52 44:54 44:56 44:58
JOSEFINA COTOVIA Pedi mais vida e pago o preço.	45:00 45:02 45:04 45:06 45:08 45:10 45:12 45:14 45:16 45:18 45:20 45:22 45:24 45:26 45:28 45:30 45:32 45:34 45:36 45:38 45:40 45:42 45:44 45:46 45:48 45:50 45:52 45:54 45:56 45:58
INÊS SEM CHAPÉU Ao nada, ao pó dedico / Os pedaços dos gestos triunfantes,	46:00 46:02 46:04 46:06 46:08 46:10 46:12 46:14 46:16 46:18 46:20 46:22 46:24 46:26 46:28 46:30 46:32 46:34 46:36 46:38 46:40 46:42 46:44 46:46 46:48 46:50 46:52 46:54 46:56 46:58
LOLA SEM CHAPÉU Mocinhas fúteis que sois / Da vida as espumas altas / Leves de não vos pesar / O peso de terdes almas; / Que essa força de encantar, / Ó belas! cria, não pensa. / ser perdidamente corpo / É a vossa transcendência.//	47:00 47:02 47:04 47:06 47:08 47:10 47:12 47:14 47:16 47:18 47:20 47:22 47:24 47:26 47:28 47:30 47:32 47:34 47:36 47:38 47:40 47:42 47:44 47:46 47:48 47:50 47:52 47:54 47:56 47:58
15.....Hino ao teatro	48:00 48:02 48:04 48:06 48:08 48:10 48:12 48:14 48:16 48:18 48:20 48:22 48:24 48:26 48:28 48:30 48:32 48:34 48:36 48:38 48:40 48:42 48:44 48:46 48:48 48:50 48:52 48:54 48:56 48:58
TODAS CORO FINAL Onde se solta o estrangulado grito / Humaniza- se a vida e sobe o pano. / Chegam aparições dóceis ao rito / Vindas do fosso mais fundo do humano. // Ilumina-se a cena e é soberano, / no palco o real oculto no conflito. / É tragédia? É Comédia? É tragédia? É Comédia? É por engano, / O sequestro de um deus num barro aflito. // É o teatro: a magia que descobre / O rosto que a cara do homem cobre; / E reflectidos no teu espelho - o actor- / Os teus fantasmas levam-te para onde / o tempo puro que te corresponde / Entre horas ardidadas está em flor. //	49:00 49:02 49:04 49:06 49:08 49:10 49:12 49:14 49:16 49:18 49:20 49:22 49:24 49:26 49:28 49:30 49:32 49:34 49:36 49:38 49:40 49:42 49:44 49:46 49:48 49:50 49:52 49:54 49:56 49:58
	50:00 50:02 50:04 50:06 50:08 50:10 50:12 50:14 50:16 50:18 50:20 50:22 50:24 50:26 50:28 50:30 50:32 50:34 50:36 50:38 50:40 50:42 50:44 50:46 50:48 50:50 50:52 50:54 50:56 50:58
	51:00 51:02 51:04 51:06

in Antologia Poética, O Armistício, pg 194;
Natália Correia, idem

MUSICA 10
XXXXX 00:00

Sobe o Pano, soneto para as comemorações do Dia Mundial do Teatre de 1993

Anexo II (e) | Henriques

Guião em formato de *dramatografia*
(versão s/d)

OS HENRIQUES.....

Um grupo de mulheres de idade vivem numa casa com escadarias e muitas janelas. De vez em quando abrem uma janela, ladram e fecham-se de novo lá dentro em silêncio. Onde estão os homens? Estamos na guerra? Os filhos e os maridos partiram para combater? Não se sabe. Parece que há muitos anos elas se habituaram a esta situação. Será que todas elas decidiram fazer greve aos amores e os mandaram passear?

Uma outra mulher mais nova parece cuidar delas. Preocupa-se com o bem estar e segurança daquelas avózinhas. Parece compreendê-las melhor do que ninguém e muitas vezes segreda-lhes coisas que mais ninguém entende. Será vigilante? Enfermeira a regar um jardim? Está de guarda ou será simplesmente uma amiga que fez voto de castidade e de protecção daquele grupo? Não será a patroa do armazem de Moscatel?

1.....Questão

1.....

Uma das mulheres, abre uma janela e depois de alguns segundos de imobilidade ladra. Pára de novo a olhar para fora e fecha com estrondo a janela.

Mulher 5 vai à janela, ladra e volta a fechar a janela

Sai a Mulher das Riscas, coloca um banquinho e volta a desaparecer em casa. Sai para a rua Mulher 1 vestida de homem e põe-se a pensar. Pensa, pensa, pensa.

Numa outra janela que se abre aparece a Mulher 4 fica a olhar para os espectadores.

Mulher 4 vai à janela, ladra e volta a fechar a janela

Sai outra vez a Mulher das Riscas. Olha para o Senhor a pensar, dá-lhe uma palmada e diz:

Mulher 3 aparece ao mesmo tempo à janela

MULHER DAS RISCAS

O Senhor Henriques disse:

HENRIQUES 5

Se a laranja viesse de uma árvore chamada macieira, à laranja teria de se chamar maçã ou era à macieira que se teria de chamar laranjeira?

Mulher 3 da Janela ladra algum tempo e respira e ladra e tem dificuldades respiratórias.

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques disse:

HENRIQUES 4

Já se faziam cestos no Neolítico.

MULHER 7

Neolítico?

MULHER 9

Sim, há dez mil anos.

MULHER DAS RISCAS

Depois o senhor Henriques não disse mais nada porque estava muito cansado.

HENRIQUES 4

Ahh! Hoje sinto-me particularmente fraco...

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques pensou mais um pouco e depois disse:

HENRIQUES 4

Já percebo porque razão se começa a pensar ... é por causa do cansaço ... se todos os homens tivessem uma boa condição física não haveria um único filósofo.

MULHER 9

Filósofo?

MULHER DAS RISCAS

Sim, se ninguém se cansasse ninguém parava para pensar.

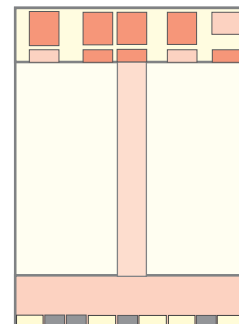
HENRIQUES 4

Felizmente no mundo, existe o moscatel ... o moscatel é o melhor estímulo para a cabeça que existe. Por vezes não sei mesmo o que pensa melhor na minha cabeça: se a minha própria cabeça ou o moscatel.

A Senhora das Riscas entra a correr em casa e cruza-se com o Henriques 4

O senhor Henriques ia carregado com dois cestos de compras. Eram garrafas. O senhor Henriques parou, por instantes, cansado, e pôs-se a pensar encostado a uma árvore.

Entra logo a seguir A Senhora das Riscas com Henriques 3 pela mão e senta-o num degrau. Vendo Henriques 4 a olhar para ela diz apressadamente como se se tivesse esquecido da deixa:



Mulher 7 à janela

Vendo da janela o Henriques 2 a pensar

O senhor Henriques continuou com uma respiração ofegante, encostado a uma árvore.

Sai de casa Henrique 3 e instala-se para a situação seguinte

Mulher 9 ladra uma, duas vezes como se estivesse a rir e sai fechando a janela

O senhor Henriques, antes de recomeçar a andar, disse ainda:

bebida absinto no original passa a ser moscatel

mas provavelmente é o moscatel

3..... Neolítico3 3.....

HENRIQUES 4

Já se faziam cestos no neolítico!

MULHER DAS RISCAS

Disse o senhor Henriques.

HENRIQUES 4

Cestos! ... Cestos no neolítico! Vejam bem. No neolítico!

MULHER 6

A mim, só me interessam os assuntos do meu bairro.

HENRIQUES 4

Pois faz muito bem.

O senhor Henriques pediu mais um copo de moscatel. O senhor Henriques disse:

Aparece à janela Mulher 6

E o senhor Henriques bebeu de uma vez o copo de moscatel.

Entretanto, do outro lado do balcão, alguém disse, ríspido:

E o senhor Henriques disse:

E depois disse ainda: mais um copo de moscatel, por favor.

4..... Médicos4 4.....

HENRIQUES 3

Aqui, aqui, aqui...

Dizia o senhor Henriques, colocando as duas mãos à volta da garganta.

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques costuma ter falta de ar duas vezes por semana.

Enquanto lhe servia um copo de moscatel o dono do estabelecimento disse:

HENRIQUES 3

Aqui,

MULHER DAS RISCAS

Certas semanas tal facto ocorria à terça-feira e ao sábado. Outras semanas, ocorria às terças e sextas.

HENRIQUES 3

Falta de ar, aqui,

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques devia ter algum antepassado que morreu enforcado numa árvore alta, com metro e meio de diâmetro. Esse terrível acontecimento passou-se a uma terça-feira e daí a falta de respiração sempre à terça-feira.

HENRIQUES 3

Eu também nunca gostei das explicações dos médicos.

O senhor Henri concordou com a cabeça e disse:

5.....Aspirina5 5.....

HENRIQUES 4

Uma aspirina, ... serve para as dores de cabeça, dores nas mãos e nos dedos dos pés, dores de corno, dores de cotovelo, dores de coração, dores de alma, dores do espírito santo de orelha, dores de dentes, dores de gengivas, dores nas unhas demasiado compridas, dores no pensamento, dores nas conclusões, dores na carteiras, dores nas hipóteses, dores na mulher do outro, dores na pilinha, dores nos testículos, dores no rabo, dores nas nádegas, nos sovacos, nos pêlos dos sovacos, dores na uretra, dores nos seios no caso das mulheres, dores no cabelo quando nos puxam, dores em todo o lado Nosso-Senhor-nos acuda. E também para a asma.

Disse o senhor Henriques, enquanto engolia uma **aspirina**.

MULHER 2

Só não percebo para que é a aspirina.

Um velho que estava ao lado comentou:

Copos de moscatel são de vidro e aparecem cheios sem se saber como.

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques, entretanto, depois de uma pausa para recuperar o fôlego, pediu um copo de moscatel.

e dá-lhe o copo sem ele ter pedido

HENRIQUES 4

É para ajudar nos efeitos,

Respondeu de imediato o senhor Henriques.

Mulher2 e Mulher6 ladram e saem fechando a janela enquanto Mulher1 abre janela

6.....Influências6 6.....

HENRIQUES 7

Há muitos milénios os chineses construíram a Torre das influências felizes ... era uma torre muito alta feita para pedir, de mais perto, aos astros, para nos ajudarem cá em baixo.

Aparece à porta de casa Henriques, avança e diz:

MULHER DAS RISCAS

Se pedires ajuda ao sol com os pés nos chão o sol não te ouve?

falsamente compreensiva

HENRIQUES 7

Não! Um gigante é mais ouvido pelo céu que um anão... É da matemática.

MULHER 1

Da matemática?

HENRIQUES 7

É! Quando quiseses falar ao céu sobe à torre mais alta e grita: Aqui! **Ajudem-me cá em baixo! Aqui!**

Ao tentar gritar muito alto fica aflito da garganta e deixa de emitir qualquer som.

Henriques 7 fica de boca aberta sem a conseguir fechar

MULHER 1

O problema dos mudos é, sem dúvida, a falta de voz.

Gozando com ele.

7.....A porcaria9 9.....

HENRIQUES 8

Os celtas acreditavam que se tornasses surdo um homem, esse homem ficaria para sempre teu escravo, porque não poderia recolher ensinamentos de mais ninguém.

O senhor Henriques disse:

HENRIQUES 7

Mas isso era no tempo em que a escrita ainda não tinha sido inventada. Nem o cinema.

HENRIQUES 8

Agora é preciso tornar surdo, cegar, cortar as mãos e os pés de um homem se o quiseses como escravo.

HENRIQUES 7

É que nos dias que correm aprende-se por todos os lados do corpo.

HENRIQUES 8

O que na minha opinião é uma falta de higiene.

8.....O eterno8 8.....

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques disse:

HENRIQUES 8

Este honrado estabelecimento tem tido a honra de assistir a alguns dos mais famosos discursos do senhor Henriques, eu próprio, aqui presente, nesta oportunidade.

HENRIQUES 4

Mais um copo de moscatel, por favor.

Pediu.

HENRIQUES 8

Hoje, por exemplo, vou falar-vos do microscópico.

HENRIQUES 9

O microscópico foi inventado na Holanda, em 1590 ...

HENRIQUES 8

No meu modesto entender deveria existir uma data a assinalar o momento da invenção de um instrumento e uma data a assinalar o momento da desinvenção desse mesmo instrumento. Quando uma invenção fosse ultrapassada pelos acontecimentos deveria efectuar-se uma cerimónia de enterro, com todos os rituais de uma grande despedida ... exactamente como as pessoas: uma data de nascimento e uma data de morte.

Faz menção de se benzer e de choramingar como se o visse morto numa cova no chão.

HENRIQUES 4

Paz à sua alma.

HENRIQUES 8

Há, no entanto, coisas eternas, é claro.

HENRIQUES 6

Coisas que nunca morrem?

HENRIQUES 8

Coisas que nunca perdem o valor.

MULHER DAS RISCAS

Disse o senhor Henriques:

HENRIQUES 6

Mais um copo de moscatel, por favor, excelentíssimo comendador.

MULHER DAS RISCAS

E o senhor Henriques, enquanto saboreava o absinto, disse ainda:

HENRIQUES 8

Oh, o Eterno.

9.....Cimo9 9.....

HENRIQUES 1

Quando vinha a chegar vi uma enfermeira num jardim a regar três bebés como se faz às plantas.

Acabando de chegar espavorido.

HENRIQUES 9

E os bebés pareciam felizes?

HENRIQUES 1

Os bebés pareciam felizes.

HENRIQUES 5

Um copo de moscatel, excelentíssimo imperador. pediu o senhor Henriques

HENRIQUES 9

Se as plantas foram regadas por uma mulher crescem mais femininas, se forem regadas por um homem crescem mais brutas.

HENRIQUES 1

Já vi coisas mais espantosas.

HENRIQUES 5

Mais um copo de moscatel, caro imperador, que o anterior vinha com pressa.

HENRIQUES 9

Foi feito um estudo que provou que a inteligência se situa principalmente na parte de cima do moscatel.

HENRIQUES 1

Por isso é que eu bebo sempre a partir de cima.

HENRIQUES 9

Algo, aliás, que sempre me intrigou foi o facto de não ser possível beber um líquido pela sua parte de baixo.

HENRIQUES 1

Mas esse não é o único mistério no mundo.

Disse o senhor Henriques.

10.....Contrato10 10.....

MULHER DAS RISCAS

O senhor Henriques disse:

HENRIQUES 9

os meus pais não me adormeciam com histórias infantis ... os meus pais adormeciam-me a ler contratos de arrendamento e outros ... o meu pai trabalhava num notário que tinha um notário e três homens que ninguém notava.

HENRIQUES 6

O meu pai era um deles.

HENRIQUES 9

O meu pai não tinha tempo para estar comigo e não tinha tempo para reler os contratos que era obrigado a redigir ... O meu pai aproveitava os momentos antes de eu dormir para me ler alto os contratos e assim verificar os erros, e eu cresci a pensar que as histórias infantis tinham sempre dois lados, o lado da direita e o lado da esquerda, dois outorgantes, e que um só dava uma coisa em troca de outra.

HENRIQUES 6

Só mais tarde percebi que só nos livros infantis é que se dava algo sem querer receber nada em troca.

HENRIQUES 9

Antes de morrer o meu pai chamou-me e disse: nunca faças nada sem antes celebrares um contrato ... foram as suas últimas palavras. Eram um homem sensato.

HENRIQUES 1

Mais um copo de moscatel, excelentíssimo Segundo outorgante aqui presente.

HENRIQUES 9

Muito obrigado.

11.....Petróleo11 11.....

MULHER DAS RISCAS

Já vos terei explicado o funcionamento de um motor eléctrico?

HENRIQUES 8

Um copo de moscatel, aqui, para o senhor doutor,

HENRIQUES 3

Ele explica muito melhor o funcionamento de um motor eléctrico depois de beber um copo de moscatel.

MULHER DAS RISCAS

Uma corrente contínua é alternadamente atraída para um e para outro pólo ... o motor funciona como um jogo de pingue-pongue onde a bola é a corrente de electricidade, e os jogadores são os dois tão bons que a bola nunca pára, terminando o jogo com a pontuação em zero-zero.

HENRIQUES 8

Mais um copo de moscatel, que hoje o senhor Henriques, o Grande Mestre, veio inspirado de casa.

MULHER DAS RISCAS

Eu sou muito bom a dar imagens.

HENRIQUES 9

O primeiro dínamo eléctrico funcional foi inventado em 1873, e o primeiro motor de indução foi inventado em 1885 ... que tem a dizer a estes factos, senhor engenheiro?

MULHER DAS RISCAS

Também sei a data do meu aniversário e a data da primeira perfuração para encontrar petróleo ... foi realizada por Hunaus, em 1857, e a partir daí nunca mais se parou de olhar para o chão.

HENRIQUES 9

Nunca se percebe se olham para o chão para não tropeçarem ou para cheirarem petróleo.

HENRIQUES 5

Para mim todos os líquidos que não se bebam, como é o caso do petróleo, são como textos escritos em línguas que eu desconheço.

HENRIQUES 9

E para que serve, afinal, um texto que não se consegue ler?

MULHER DAS RISCAS

Perguntou o senhor Henriques! ... E depois disse:

Tirando o chapéu de um deles e colocando-o na abeça. Não se percebe bem se está a fazer pouco deles. Mulher das Riscas fica com chapéu de Henriq 7

Pediu o senhor Henriques.

Depois de beber quatro copos de moscatel eu já explico é o funcionamento de um motor de moscatel... por isso é que eu nunca explico o funcionamento de um motor eléctrico depois de beber quatro copos de moscatel.

Absorvida pela conversa reage ao facto de todos os Henriques olharem ao mesmo tempo para ela.

12.....	Motor	12	12.....
HENRIQUES 6 Quando eu deixar de frequentar este estabelecimento vossas excelências irão ter saudades minhas ... Eu sou um dos grandes financiadores deste honrado estabelecimento.		Procura qual deles vai falar sem saber e depois fixa-se num deles	Mulher das Ris- cas dá o chapéu a Henrique 7
HENRIQUES 8 Visto numa lâmina de microscópio um rei é um conjunto de vermes de trinta cores diferentes.		Disse o senhor Henriques.	
HENRIQUES 2 O microscópio é o invento mais importante para a democracia...			
HENRIQUES 8 Ah, pois é! Um pobre ao microscópio tem tantos vermes e tantas cores como um rei.			
HENRIQUES 2 Se não tivesse sido inventado o microscópio não teria sido inventada a democracia...			
HENRIQUES 4 Os Gregos...			
HENRIQUES 2 Os Gregos foram mais ou menos uma democracia sem microscópio o que é, de facto, uma grande porcaria.			
HENRIQUES 6 Também me estive a informar sobre os motores de combustão interna. Há motores a dois tempos e a quatro tempos.			
HENRIQUES 7 Se a morte existisse a dois tempos ninguém morria porque no intervalo entre o primeiro e o segundo todos fugiam.			
HENRIQUES 6 A morte é um motor a um tempo.		Disse o senhor Henriques.	
HENRIQUES 7 A morte é um motor que nos cai em cheio em cima da cabeça.			
HENRIQUES 6 Mais um copo de moscatel, excelência.			
HENRIQUES 5 Os copos de moscatel também se devem beber a um tempo.		Emborcando mais um copo de moscatel de uma só vez.	
HENRIQUES 6 É que o senhor Henriques é muito inteligente		Disse o senhor Henriques.	

HENRIQUES 1

O senhor Henriques tem inteligência em toda a extensão da cabeça.

HENRIQUES 6

O senhor Henriques tem quilómetros e quilómetros de inteligência dentro da cabeça.

HENRIQUES 1

Já vi imagens em que a inteligência está toda enrolada dentro da crânio como se fosse uma cobra cheia de raciocínios.

HENRIQUES 6

Todas as palavras importantes são a um único tempo...

SENHORA DAS RISCAS

Disse, de novo, o senhor Henriques.

Como se ele tivesse acabado de falar definitivamente.

Estão todos os Henriques fora de casa.

HENRIQUES 6

Por exemplo a palavra moscatel é a um único tempo. Ninguém diz: Mosca-tel.

SENHORA DAS RISCAS

E o senhor Henriques calou-se.

Zangada

Rosna cada um a seu tempo até acabarem todos numa rosnadela colectiva

13.....Teoria13 13.....

HENRIQUES 1

O telefone foi inventado para as pessoas poderem falar afastadas umas das outras.

Depois de um bom bocado de silêncio afastam-se todos uns dos outros como se estivessem também eles zangados.

Henrique 7 oferece chapéu a Mulher das Riscas que o mantém na cabeça até fim.

HENRIQUES 4

O telefone foi inventado para afastar umas pessoas das outras.

Henriques 6 e 7 entram em casa e desaparecem

HENRIQUES 5

É exactamente como o avião.

HENRIQUES 1

O avião foi inventado para as pessoas viverem afastadas umas das outras.

HENRIQUES 4

Se não existissem aviões nem telefones as pessoas viviam todas juntas.

HENRIQUES 5

Isto é uma teoria, mas pensem bem na teoria.

HENRIQUES 1

O que é preciso é pensar no momento em que ninguém espera . É assim que os surpreendemos.

14.....Carrinho14 14.....

Mulher 6 e 7 abrem a janela e ficam até ao fim

HENRIQUES 1

O carrinho de mão foi inventado para dar força ao homem, enquanto a mulher foi inventada para tirar força ao homem ... Sei que sou um bruto e para compensar pago um copo de moscatel a todas as mulheres presentes nesta extraordinária biblioteca vinícola.

Oferece o copo à Mulher das Riscas que bebe pela primeira vez

HENRIQUES 3

Senhor director, caro director, excelentíssimo excelente director: como é possível **que** num estabelecimento com esta qualidade de paredes e de fungos, * não exista uma única mulher bela para compensar?

* com esta qualidade de doenças potenciais devido por um lado ao não tratamento correcto da canalização, à humidade que aqui reina, e aos cheiros maus e maléficos e putrefactos. Em suma: como é possível em tal reino

Henriques 3 provoca Mulher das Riscas

HENRIQUES 1

Sim, Parece um erro de arquitectura grave, este: o de não se ver uma única mulher neste estabelecimento,

Junta-se a Henrique 3 contra Mulher das Riscas.

HENRIQUES 3

No entanto não se pode culpar os arquitectos de todos os males do mundo.

HENRIQUES 1

É verdade que o carrinho de mão foi inventado para dar força ao homem e a mulher foi inventada para tirar força ao homem, porém a mulher, apesar de tudo, faz falta porque é o outro lado da utilidade.

HENRIQUES 9

Numa moeda, se de um lado for a utilidade do outro lado é a mulher.

HENRIQUES 1

A mulher é a mais inútil das ferramentas do homem porque a mulher é uma coisa bela.

No dia em que uma mulher puser um único pé neste seu átrio para visitas excelentíssimas, eu, aqui, o vosso sempre disponível senhor Henriques, não colocarei, por sua vez, isto é: por minha vez, um único outro pé dos meus, neste tão honroso átrio para visitas excelentíssimas!

HENRIQUES 9

Porque as mulheres dão mais azar que uma garrafa vazia na despensa ... eis as minhas ideias. E peço desculpa se ofendi alguém.

HENRIQUES 1

E isto porque as mulheres são delicadas e a delicadeza é a última das qualidades a ter o direito de entrar aqui.

HENRIQUES 9

Todos os estabelecimentos têm uma mística, uma alma; e a alma deste estabelecimento é a de nunca deixar entrar a delicadeza ... tenho dito.

HENRIQUES 1

E mais um copo de moscatel, caro presidente, que o discurso foi longo.

HENRIQUES 3

Estou com uma garganta mais seca que o deserto entre o meio-dia e as quatro e meia da tarde ... muito obrigado, comendador, é isto que me vai recolocar de imediato entre os vivos.

HENRIQUES 1

Aqui vai.

Henrique 1 e 9 bebem vários copos de seguida antes de se irem embora e entrarem na casa

Mulher 4 e 5 abrem a janela e ficam até ao fim

15.....Espirro15 15.....

HENRIQUES 2

As moscas estão sempre a lavar as mãos como Pilatos.

Vendo as moscas.

HENRIQUES 3

Sabem vossas excelências quem era Pilatos? Era o homem que lavava as mãos como as moscas.

HENRIQUES 2

Já viram as moscas com as duas patinhas sempre a esfregar uma na outra? ... parecem um rico depois de contar as notas todas.

HENRIQUES 3

O problema das moscas é ao nível da erudição. ... As moscas não têm linguagem porque não têm biblioteca, se tivessem biblioteca teriam erudição.

HENRIQUES 2

A erudição é uma espécie de linguagem igual à nossa, só que não a percebemos.

HENRIQUES 8

Este estabelecimento tem mais moscas que o Pilatos tem filhos.

Como que acordando de um estado de letargia dormente.

HENRIQUES 2

e o Pila-atos, a ver pelo nome, deve ter tido uma grande quantidade de filhos.

HENRIQUES 3

Um homem que se chama Pilatos impressiona qualquer um. sei que não sou nenhum Pilatos, mas tenho as minhas qualidades.

HENRIQUES 2

E isto é humor do mais fino ... O mais difícil é ter humor sexual sem ferir susceptibilidades.

HENRIQUES 3

Uma ferida nas susceptibilidades é algo de muito grave.

HENRIQUES 3

Muito grave! Depois de feridas, as susceptibilidades dificilmente saram

Mulher das Riscas abre a boca como quem tem vontade de espirrar mas o espirro não sai. De repente, quando menos se espera lá vem o espirro monumental.

Ainda com chapéu de Henriq 7

MULHER DAS RISCAS

Atchim!

HENRIQUES 2

Um espirro desses pode matar os outros.

HENRIQUES 3

É como apanhar em cheio na cabeça com os pulmões de uma pessoa.

HENRIQUES 8

Com presentes desses é que se apanham doenças contagiosas.

Volta de novo inesperadamente.

HENRIQUES 2

Esse espirro deve ter mais doenças do que as existentes num catálogo de médicos.

HENRIQUES 3

Fique vossa excelência a saber que tal gesto mostra a falta de cultura e biblioteca que vossa excelência tem.

HENRIQUES 2

Um espirro desses só pode vir de um iletrado e de um analfabeto, de um parasita da sociedade que escolhe honrados locais para introduzir o seu poderoso veneno, e assim lentamente derrubar o sólido edifício que constitui a nossa sociedade.

Mulher das Riscas, ainda com o chapéu de homem, vai recuando, sem saber onde se meter.

HENRIQUES 3

Vossa excelência é um erro da natureza, e um erro trágico deste dia tão maravilhoso, que Nosso Senhor teve a simpatia de colocar acima de nós.

Mulher das Riscas vai sempre recuando na direcção de uma das portas decasa.

HENRIQUES 2

Vossa excelência é uma besta, e com esta me fico. uma besta é o que é.

HENRIQUES 3

E amanhã não se esqueça do guarda chuva que vai chover.

Mulher das Riscas acaba de sair.

HENRIQUES 2

Não acredita em Deus e não sabe beber moscatel.

HENRIQUES 3

O moscatel é para ser respeitado.

Gritando para dentro de casa

HENRIQUES 2

Digo-lhe mais, bastante mais grave: vossa excelência não sabe beber.

Gritando como um possesso entra dentro de casa atrás da Mulher das Riscas

Mulher 1 e 9 abrem a janela e ficam até ao fim

16.....O essencial16 16.....

HENRIQUES 8

A partir de hoje só abrirei a boca para pedir mais moscatel, e sobre o resto ninguém me ouvirá mais nada, porque, no fundo, vossas excelências são um conjunto de bêbedos.

Os dois Henriques que restam fora de casa viraram-se de costas na direcção das portas. No último momento voltam-se e dizem:

HENRIQUES 3

A partir de hoje só mesmo o essencial.

E somem-se os dois dentro da casa.

As seis Mulheres às janelas ladraram a bom ladrar. Depois páram. Olham para longe. E fecham muito devagar e muito delicadamente as janelas.

Anexo II (f) | Agamemnon

tradução de John Romão | versão de trabalho para ensaios

AGAMÉMNON

vim do supermercado e dei porrada ao meu filho

de Rodrigo García

tradução de John Romão

versão de trabalho para ensaios

Vim do supermercado e dei porrada ao meu filho.

Vim do supermercado e apercebi-me que tinha comprado duas ou três vezes as mesmas coisas. E que ainda por cima tinha comprado uma série de coisas que detesto. Disse: *vamos todos ao supermercado passar a merda da tarde, que vocês adoram passar a merda da tarde no supermercado*. Mas depois reconsiderei e disse: *É melhor ficarem em casa, que eu vou sozinho e já vão ver a surpresa!*

Vou surpreender a família e fazer as compras do mês inteiro sozinho. Chego ao supermercado e lanço-me à força toda. Pego em três carrinhos. Vou todo lançado. E a tipa da caixa diz-me: *Você não pode levar três carrinhos, isso são muitos carros*. E eu digo: *estúpida de merda, tu não sabes o que é ter uma família numerosa, eu também não, porque não tenho uma família numerosa, mas venho fazer as compras do mês inteiro*. E a gaja diz-me: *faz o que te apetecer, palhaço!*

Ato um carro ao outro e a esse o terceiro carrinho. Ato os três carrinhos, como se fosse um desses comboios que se usam para passear os turistas por sítios turísticos, e não sei o que será melhor, se empurrar ou puxar os carrinhos. Puxar, foda-se! Ou seja, vou pelo supermercado a puxar o primeiro carrinho e a meter tudo ao molho em todos os carros. Pensei em dividir pelos carrinhos: Alimentos, limpeza, sei lá. Depois caguei para o assunto e comecei a meter tudo ao molho em todos os carros, tudo misturado. Assim quando eu chegar a casa com as compras vão ter uma grande surpresa. Abrem os sacos, vão encontrar tudo misturado e vão-se passar! E cada vez que meto alguma coisa nova num carrinho, penso: estás a fazer bem as coisas, tudo o que estás a comprar é excelente!

Tenho os três carrinhos a rebentar. Não falta nada. Chego à caixa e começo a meter os produtos no tapete rolante. E vejo como os produtos se afastam e como a tipa da caixa os passa pelo scanner vermelho, como se deixasse um preso em liberdade. E reparo no que comprei e fico perplexo:

Comprei pão integral, quando eu odeio pão integral.

E comprei seis caixas de leite gordo, quando em casa bebemos leite magro.

E comprei iogurtes com açúcar, pensando que eram iogurtes naturais.

E comprei papel higiénico perfumado, quando eu não suporto limpar o cu a uma coisa que cheira a perfume.

E comprei vários kilos de costeletas de novilho, quando não temos nenhum assador nem sítio para assar fora de casa e a minha mulher não aguenta o cheiro a fumo na cozinha.

E comprei molho tártaro convencido que era maionese.

E comprei quinze garrafas de gaspacho, pensando que se tratava de tomate natural triturado.

E comprei cem garrafas de água mineral, quando lá em casa a água da torneira até é boa e se pode beber sem qualquer problema.

E comprei massa de todo o tipo:

Macarrões quando o meu filho odeia macarrões;

Massa com ovo quando a minha mulher é alérgica ao ovo;

E massa verde quando todos lá em casa detestamos espinafres.

E comprei um ambientador com cheiro a pinheiro que me traz recordações da infância, da casa dos meus pais. E comprei outro ambientador que cheira a limão, tão nojento, que é quase mais tolerável o outro que cheira a pinheiro, apesar das más recordações.

E comprei toalhetas para a cara, quando eu não suporto essa merda húmida em cima da pele.

E esqueci-me de comprar o que realmente precisávamos. Esqueci-me de comprar as quatro merdas que precisávamos, foda-se. E apanhei uma decepção do caraças. Disse à tipa da caixa: *toma lá anormal, pega no Visa e mete-o no cu*. E a tipa responde-me: *Se me deres o código secreto, até te a chupo. Que sentido de humor tão elementar*, digo-lhe. E assino. E meto tudo no porta-bagagens do carro. E chego a casa.

Abro a porta e digo à minha mulher: *Querida, acho que esta tarde vai haver chapadas para toda a gente. Acho que hoje se rifam chapadas. E tu e o teu filho têm todos os bilhetes!* E a minha mulher olha-me e ri-se porque pensa que estou a gozar e é assim que solto a primeira chapada à minha mulher para não se armar em parva. E cai contra a mesa da cozinha e ri-se! Conserva o bom humor a gaja! *Compraste algodões?*, pergunta-me. *Traz-me lá um, foda-se!* E eu fico irritado, porque me esqueci de comprar algodões e álcool e água oxigenada, e um monte de coisas que tinha de comprar. E venho para casa com o carro cheio de merdas que não vão servir para nada, foda-se. E isso lixa-me tanto que eu digo à minha mulher: *Olha, vais levar mais uma chapada e depois vou meter-me com o puto*. E dou-lhe uma chapada e a tipa lá vai procurar os algodões, e eu vou ter com o miúdo e dar-lhe como se costuma dizer: uma carga de porrada.

E comprei pilhas para o Game Boy do miúdo que não eram do tamanho certo, foda-se.

E quando o miúdo me diz: *as pilhas que compraste para o GameBoy são pilhas que servem para o rádio e para o despertador mas não servem para o GameBoy*. E solto-lhe a primeira chapada: *Não falas assim ao teu pai*. E cai-lhe a segunda chapada, a terceira chapada,... A terceira chapada e a quarta chapada. E assim somo chapada atrás de chapada até que estamos em condições de dizer que todas aquelas chapadas juntas são “uma carga de porrada”. E continuo a dar-lhe chapada atrás de chapada até que aquilo já se pode chamar “uma GRANDE carga de porrada”. E continuo a repartir chapadas até que aquela “GRANDE carga de porrada” se converte num autêntico enxerto de porrada.

E quando vejo que já se me vai a mão – bonita expressão: “se me vai a mão” - páro, porque é preciso evitar ir ao hospital. Evitar ir ao hospital e ter de explicar a desconhecidos - o que se chama: resolver - os assuntos familiares, que são o mais importante da tua vida e o que mais amas neste mundo. Porque é lamentável e degradante andar de hospital em hospital a espalhar a tua vida privada, seja lá porque te passaste a foder ou porque te passaste a bater.

Odeio fichas, qualquer tipo de ficha e de formulário. E cada vez que tenho de preencher os dados pessoais num papel, tremo, choro e babo-me e molho e arrugo o papel em vez de preenchê-lo. E então tiram-me da esquadra ou do aeroporto ou da Direcção Geral de Tráfico a pontapés e safo-me de preencher aquilo com os meus dados. E para evitar o hospital e evitar as fichas e essas coisas, páro de bater um bocado no miúdo. E vou à casa de banho ver da minha mulher e agarro-os aos dois pelo cabelo e digo-lhes:

Vamos jantar fora

A um restaurante, foda-se

E eles ficam mais contentes que um anormal com um lápis. E penso novamente no que comprei no supermercado e fico lixado. Comprei um fato-de-treino amarelo brilhante para o meu filho seis tamanhos acima. E não estou disposto a voltar ao supermercado para trocar o fato-de-treino amarelo brilhante. Não penso deitar para o lixo o fato-de-treino. Não penso oferecer o fato-de-treino. Vou esperar que o chaval cresça e que caiba no fato-de-treino amarelo brilhante. E para crescer tem de se alimentar. E vai alimentar-se, foda-se! Vai alimentar-se para crescer, para poder estrear o fato-de-treino amarelo brilhante.

Antes de irmos ao restaurante, digo-lhes, *vamos picar qualquer coisa aqui em casa, porque o miúdo precisa de se alimentar. Vá, descemos até à garagem.*

Tiro do carro a merda das compras - os quatrocentos sacos de plástico - e o meu filho veste o fato-de-treino amarelo brilhante que lhe fica a boiar - parece o Ronald, parece o palhaço do McDonalds com esse fato-de-treino. E digo-lhe: *Anda lá com o fato-de-treino, corre, faz desporto, foda-se, faz qualquer coisa com o fato-de-treino.* E o miúdo tropeça e cai. E eu fico fodido porque ainda está a sangrar da carga de porrada que acabou de levar. E vejo que está a manchar o fato-de-treino e não lhe admito. A minha mulher desata a rir. *Não te rias do miúdo!* Digo-lhe: *Mas que filha da puta! Ajuda lá o miúdo. Colabora! Vamos atar o miúdo a esta cadeira aqui na garagem, que o miúdo precisa de crescer, para poder usar o fato-de-treino amarelo brilhante. Não vês que lhe fica enorme?*

Ato o miúdo a uma cadeira na garagem e seguindo o procedimento clássico de toda a vida com os gansos, começo a meter-lhe pela boca abaixo tudo o que comprei no supermercado por engano. Para que cresça, porque nesta casa não se deita nada fora, nem comida nem fatos-de-treino.

E seguindo o procedimento clássico de toda a vida com os gansos, vou empurrando com um pau todas as compras do supermercado pela bocarra aberta do miúdo. O pão integral, o leite gordo, os macarrões, uma caixa de Kellogs com chocolate, meia dúzia de ovos, um frasco de molho tártaro... Já está mais cheinho o puto! O fato-de-treino fica-lhe a matar! Está contente o cabrão: Esta noite vais estrear o fato-de-treino!

E eu olho para aquele espectáculo, para o estado em que ficou a garagem! Toda salpicada de iogurte, de ketshup e salsichas e compota de figo, e penso: Um pai não pode tratar assim um filho. Que culpa tem o miúdo? E pergunto ao meu filho: *Que culpa tens tu de nada?* E o desgraçado olha-me e diz-me: *Mas eu não fiz nada nem tenho culpa de nada.*

Ao que eu respondo: *Que grande lata! Como é que não tens culpa de nada? Quando em realidade tu és o culpado de tudo? Porque só se vai ao supermercado quando há bocas para alimentar. E tu és mais uma boca para alimentar. É uma responsabilidade para mim, foda-se.* E o puto olha para mim desconcertado. E eu dou-lhe um murro no peito e digo-lhe assim com muito carinho: *Tou a brincar, foda-se.* Vá, limpa o fato-de-treino e vamos dar uma volta por aí.

A minha mulher pergunta se realmente vamos dar uma volta por aí e eu digo: *Claro que vamos por aí.* E saímos os três de casa, porque vamos jantar fora, foda-se!

Entram no carro e tiro-os à chapada, porque sujam-me os estofos, foda-se! Estão cheios de sangue e de restos de comida, foda-se! *Ponham toalhas, ponham qualquer coisa nos assentos para não sujarem os estofos!*

E comprei vários kilos de bananas quando detestamos bananas.

E comprei abacates convencido de que comprava papaias.

E comprei sacos de lixo de um tamanho dez vezes maior que o caixote do lixo que temos em casa, esses sacos de plástico chamados de “comunidade”.

E comprei Kellogs com chocolate sem dar-me conta que tinham chocolate.

Vá, vamos jantar fora.

A um McDonalds na auto-estrada.

A um McDonalds na auto-estrada.

A um McDonalds na auto-estrada.

E vamos a toda a velocidade pela auto-estrada. Com a família contente e a sangrar. E Bach no rádio. Rádio

Clássica, Rádio Nacional. E Bach no rádio. Com a família contente e a sangrar.
A um McDonalds na auto-estrada.

RUPTURA 1

E de repente ouvimos os grilos e alguém diz: *Ouvem os grilos?* E não sei se digo que oiço os grilos ou se alguém diz que ouve os grilos, ao certo é que paramos o carro, paramos a música, paramos o motor no meio da estrada e ouvimos os grilos, foda-se! E ouvimos a nossa respiração ofegante dentro do carro e é uma melodia muito bonita, porque estamos rebentados de porrada. E paramos o motor e saímos do carro por causa da história dos grilos. E vamos andando pela estrada, atrás do som dos grilos. Íamos a um McDonalds na auto-estrada e estamos metidos no meio de vinhas, foda-se. ÍAMOS A UM MCDONALDS E ACABÁMOS POR AÍ.

E ouvimos os grilos e avançamos por entre as vinhas. E as vinhas são prateadas e a lua é prateada e há tantas, tantas estrelas que digo: *Vêem o céu, seus anormais? A última vez que vi tantas estrelas foi nas Antípodas! Em casa dos meus pais, nas Antípodas! A dezasseis horas de avião! Aí sim havia estrelas. Aqui não há estrelas. Não se vêem tantas estrelas. Mas hoje sim, vêem-se estrelas!*

E os grilos continuam a fazer-se ouvir sem qualquer problema.

E as estrelas não se importam com nada.

E as narinas gotejam sangue.

E vamos dar-nos bem, foda-se.

Vamos dar-nos bem!

Vamos sentar-nos por entre as vinhas e arrancar os cachos e vamos comê-los todos, foda-se! Vá toca a comer uvas, vá toca a arrancar cachos, vá toca a come-los todos, vá força aí grilos, vá toca a contar estrelas. Que bonito anoitecer, foda-se... A mamar uvas doces, a falar um bocado, a ver-nos sangrar. Eu já sabia que ia ser tudo muito positivo, sair de casa e perder-nos POR AÍ.

Vamos perder-nos POR AÍ, dizem. E é mentira. Sai-se sempre do mesmo sítio com destino aos mesmos sítios. E dizem que se vão perder POR AÍ, quando na verdade vão ao cinema. E crêem andar perdidos POR AÍ, quando na verdade estão num restaurante à espera que chegue o segundo prato e chamam a isso andar POR AÍ.

E vão de férias cheios de mapas e folhetos, mas asseguram ter estado perdidos POR AÍ. E que poucos lugares merecem este nome! Merecem ser chamados POR AÍ. Mas as pessoas insistem e dizem: Bora, vamos andar POR AÍ. E acabam numa discoteca, num museu ou num bar qualquer.

Não me fodam! Não podes chamar POR AÍ a um sítio que não tem o menor mistério e que sabes perfeitamente como é, em que rua fica, o que tem lá dentro e que tipo de gente o frequenta. Isso não é POR AÍ, isso é mais do mesmo ou o do costume. E não me interessa o que tenha de bom a palavra costume, o que tem de tranquilizador a palavra costume. Estou-me a cagar para o costume. Até no dia-a-dia encontro caminhos dignos de ser chamados POR AÍ.

E deixamo-nos levar por sítios “do costume”, por sítios sem grilos, sem lua, sem uvas, sem estrelas, sem nada! E a vida acaba como começou: desde os sítios de sempre, entre a gente de sempre, para terminar no sítio de sempre, tão mal como sempre.

E amanhã quando fores à escola e te olharem para a cara - porque vim do supermercado e dei-te porrada - vais dizer que andaste POR AÍ. E quando te perguntarem por onde andaste, dizes: vim de Tróia! De dar chapadas e de levar chapadas! De conhecer gente, de conhecer dois tipos de gente: os que especulam com o DINHEIRO e os que especulam com os sentimentos, que são os piores. Porque dizem que te oferecem o coração, quando na verdade estão a jogar a merda de uma partida de xadrez. Sabem que mais, putos? Vamos continuar a divertir-nos.

RUPTURA 2

Sabem que mais? Vamos continuar a divertir-nos. Não vamos para casa, nem à escola, voltamos a entrar no carro e vamos andar POR AÍ. E paramos num sítio qualquer e mandamos postais a todos os amigos só para os chatear.

Postais de Gibellina, de Palermo, de Siracusa, de Tróia, foda-se!

Da Zona Zero, foda-se! Do Iraque, de Guantánamo, foda-se!

Postais para confundir o pessoal.

E vamos mandar postais com fotos de famosos mas com o nome trocado.

Um postal com a cara de Hillary Clinton que ponha: Clitemnestra.
Um com a cara de Bill Clinton que ponha: Agamémnon.
Um de Mónica Lewinsky que ponha: Cassandra.
Um de Dodi al Fayed que ponha: Egisto.
Um de Lady Di que ponha: Cassandra.
E um do príncipe Carlos que ponha: Agamémnon cornudo.
E um dos filhos de Sadam que ponha: Ifigénia.
E um de Sadam que ponha: Agamémnon.
E um de Tony Blair que ponha: Egisto.
E um de José María Aznar que ponha: o mensageiro.
E um de Berlusconi que ponha: Agamémnon.
E um do Canal 5 que ponha: o palácio dos Átridas.
E um do povo iraquiano que ponha: troianos.
E outro de uns argentinos que ponha: troianos.
E um de uns africanos que ponha: troianos.
E um de uns mísseis Scuds que ponha: SIDA.
E outro de uns palestinos que ponha: troianos.
E um de uns cubanos que ponha: troianos.
E um de George Bush que ponha: Agamémnon.
E um de Bin Laden que ponha: Egisto.
E um de uns russos que ponha: troianos.

Olha como está o quintal!, digo ao meu filho.

E nós o que é que fizemos para o melhorar? Nada.

E tu o que é que vais fazer para o melhorar? Nada.

O quintal está assim porque passámos a vida sem fazer nada. Porque passámos a vida a fazer o que nos disseram que era bom fazer, saudável fazer, decente fazer. Ao fim de contas, fizemos o que nos ordenaram.

E fico passado da cabeça, fico fora de mim, e vou para a cama chorar. E quando tomo o pequeno-almoço, tomo-o a chorar. E as torradas deixo-as queimar, foda-se! E sabes porquê? Porque não inventei nada.

Não inventei nada. Não participei na criação de nada do que me rodeia. Nem dos copos em que bebo água todos os dias. Nem do avião que me trouxe até aqui. Não sei nada de cartografia. Não sei como funciona o meu computador. Não construí com as minhas mãos a minha casa. Não plantei nem criei nada do que como todos os dias. Encontrei tudo feito. Não sei como se fabrica o papel dos livros que leio. Não fiz vinho. Não inventei a televisão. Nem as vacinas. Não inventei as regras do futebol. Não trabalhei na fabricação da primeira cadeira. Não se me ocorreu antes de ninguém de meter janelas nas casas. Não inventei o colchão. Não descobri o ovo estrelado. Não se me ocorreu criar uma caneta. Manejei apenas informação. Ou seja: toda a vida com as mãos vazias, sujas, levando e trazendo e usando as ocorrências dos outros.

Não participei no trajecto de nenhuma rede de comboios, não inventei a pizza, não saberia fabricar um piano, não sei como se consegue o plástico, não inventei o ventilador, não sei como se conseguem os sprays, não poderia construir um sino para um campanário, nunca se me haveria ocorrido pescar pela primeira vez, nem criar o primeiro calçado, também não descobri o fogo nem soube fazer bagaço com as peles das uvas, não inventei o *compact disc*.

Faço coisas de animais simples: criar filhos e ensinar-lhes a manejar objectos que inventaram outros desconhecidos. Depois queixamo-nos de que essas coisas não melhoram a vida nem melhoram as nossas vidas. Que algumas são inúteis e até perigosas. Em vez de fecharmos a puta da boca e fazermos alguma coisa a sério.

Mandamos os postais e vamos embora a jantar qualquer coisa num Kentucky Fried Chicken na auto-estrada. E pergunto à família: *Querem que eu pare no Kentucky Fried Chicken?* E dizem-me: *nem pensar*. E eu digo: *bom, então paramos num Kentucky Frien Chicken, porque faço o que me apetece*.

E enquanto comemos as asinhas de frango, que não são asinhas nem são frango nem são nada, e sorvemos a Coca-Cola com a palhinha como três anormais, com a cara de anormal com que ficas quando chupas uma bebida com palhinha, penso no trágico, no conceito de trágico.

E abro uma nova caixa de cartão cheia de asinhas de frango frito com molho de barbecue e maionese espremidos por cima. E mostro-as à minha família e pergunto-lhes: *Isto é trágico?*

E o meu filho diz-me: *São asinhas de frango frito*.

Não, digo-lhe, não são asinhas de frango frito, anormal

Tiro as asinhas da caixa e desenho sobre a mesa um esquema perfeito e bastante claro da TRAGÉDIA com as asinhas de frango frito. E conto uma duas três sete asinhas de frango. E limpo a mesa, tiro tudo o que há em cima da mesa, as Coca-colas, os restos dos molhos, tudo. E deixo o espaço limpo só para as asinhas

de frango. Uma duas sete asinhas de frango. Coloco-as na mesa cada qual no seu sítio, perfeitas, e agarro no ketchup e escrevo bem grande na mesa a palavra: TRAGÉDIA. E o meu filho caga-se a rir. E explico-lhe que a TRAGÉDIA começa com o mundo industrializado. Que a TRAGÉDIA começou sempre onde estava o DINHEIRO e a comida. E que depois a deitaram fora, puseram-na de parte em forma de bomba atómica, SIDA, fome, seca ou ditadura.

E digo-lhe: *Um homem que se atira ao vazio desde uma torre em chamas em Manhattan, experimenta a mesma crueldade e injustiça que um homem que morre de fome em Tucumán ou no Ruanda, vítima do liberalismo económico. Mas a imprensa empenha-se em difundir que são coisas completamente diferentes e chamam terrorismo ao que lhes convém, ao que lhes serve para ganhar dinheiro.*

E divido a TRAGÉDIA em sete actos. E a cada acto ponho-lhe um nome de um dos países mais ricos do mundo.

Uma asinha de frango frito: Alemanha.

Outra asinha de frango frito: Japão.

- E digo à minha família: *vamos escrever os nomes com mostarda, ketchup e molho de barbecue ao lado de cada asinha* -

Outra asinha de frango frito: França.

Outra asinha de frango frito: Grã-Bretanha.

Outra asinha de frango frito: Canadá.

Outra asinha de frango frito: Itália.

E no meio, um peito de frango inteiro: Estados Unidos.

E vem a empregada e diz: *Você já é crescido para brincar com a comida. Quere que eu chame o segurança? Eu não estou a brincar com a comida*, digo-lhe. *Estou a explicar ao meu filho o significado da TRAGÉDIA.* E a empregada diz-me: *não percebi.* E o segurança que acaba de chegar ao pé da mesa com a mão no cacetete diz: *eu também não.*

E o meu filho diz: *Mas é muito fácil, seus cabrões. As asinhas de frango frito são as grandes potências, representam o mundo industrializado. E se a TRAGÉDIA se organiza desde o mundo industrializado, a questão que se nos coloca é: Onde é que se pode ir buscar a ESPERANÇA?*

E eu fico perplexo pelo meu filho ter entendido tão bem a história da TRAGÉDIA e como, sem eu ter dito nada, acaba por referir a ideia utópica de ESPERANÇA. E digo ao segurança: *A ESPERANÇA é preciso ir buscá-la a outro sítio. E tu vais ajudar-nos.*

A ESPERANÇA pode estar em qualquer parte da Terra. O problema é dar com ela. Vamos supor que a ESPERANÇA está naquela outra mesa onde come aquela família. *Livra aquela mesa, que precisamos dela para o exemplo.* E o segurança aproxima-se da mesa e tira dali a família inteira aos pontapés, está encantado com esta história da TRAGÉDIA. Enquanto digo ao meu filho: *tu vai buscar aos sacos de lixo, todos os desperdícios do restaurante. Traz tudo o que ficou meio mordido, os ossos, a pele do frango, tudo o que encontrares.* E digo ao segurança: *Olhe, pensando bem, acho que vamos precisar do espaço todo. Não há nenhum problema*, diz o segurança. E pega na pistola e dispara seis tiros no ar e em cinco segundos não resta nem deus no Kentucky Fried Chicken.

A minha mulher vai buscar mais bebidas. Os empregados limpam-nos as mesas. E eu digo: *vamos encher todas as mesas com o lixo que vai trazer o meu filho, e assim explico-vos o conceito de ESPERANÇA.* Estão todos super entusiasmados, os empregados, a tipa da caixa, o segurança...

O meu filho entra no Kentucky com os sacos industriais a rebentar pelas costuras do seu próprio lixo. E começam todos a meter em cima das outras mesas quilos de ossos de pernas de frango, ossos de tórax de frango, ossos de asinhas de frango, peles, croquetas de frango meio mordidas, caixas com molhos para o frango, guardanapos sujos com pedaços de frango, copos de Coca-cola, palhinhas mordidas, gelados meio derretidos... E digo-lhes: *peessoal, já está bom! Venham cá e sentem-se aqui na mesa.* E estão todos super satisfeitos, até os cozinheiros vieram sentar-se connosco. E solto-lhes: *olhem para esta mesa ...asinhas de frango frito: Alemanha, Japão,... etc sete potências mundiais, sete asinhas. E olhem à vossa volta... o que é que há?*

Lixo, dizem

Lixo? Mas como que lixo? Não se armem em filhos da puta! E o meu filho olha-me e diz-me em voz baixa: *Nas outras mesas há ESPERANÇA, que é precisamente o que não há nesta mesa.*

E eu dou-lhe um murro no peito, ao miúdo: *Muito bem, puto! Exactamente: nesta mesa está a riqueza e no resto das mesas a ESPERANÇA.* Mas ninguém quer aproximar-se da ESPERANÇA, porque para resgatar a ESPERANÇA de entre tanto lixo é preciso soltar guita à séria. É preciso soltar o DINHEIRO.

A ESPERANÇA funciona com DINHEIRO, tal como os motores funcionam com gasolina e o meu corpo com sangue.

A ESPERANÇA não é um sonho; é um projecto.

A ESPERANÇA começa por uma mudança de vontades, de atitudes, e materializa-se em projectos.

E o segurança diz-me: *não me faças rir, pá!* E a cozinheira do Kentucky diz: *Sabemos perfeitamente quais*

são esses planos, que projectos tem cada partido e que projectos tem cada empresa. E por isso mesmo podemos afirmar que não há ESPERANÇA possível.

A minha mulher começa a chorar, a anormal. A tipa da caixa desata a rir. A mulher da limpeza diz: *vão mas é apanhar no cu! Vejam só como deixaram o restaurante.* E eu estou relaxado porque o segurança já esvaziou a pistola e não lhe sobra mais nenhuma bala - coisa que me serena. E o meu filho armado em poeta e em estúpido diz: *Desinteressados em partilhar a ESPERANÇA trabalham a toque de caixa na piora da vida e fazem propaganda: chamam terrorismo à simples e natural vingança.*

E eu digo: *Alto lá, anormal! Chegou a hora de esclarecer as coisas. Chega sempre o momento de esclarecer as coisas. Reúnem-se pessoas na televisão e nunca se esclarece nada.* E a empregada do Kentucky diz: *Eu gostava que na internet só houvesse pornografia e nada mais do que pornografia, porque a acumulação de informação não tem nada a ver com o conhecimento. Aí está a informação, dizem. Aí está o conhecimento, dizem. E eu digo: informação e conhecimento estão nas Antípodas. Chamam informação a um atropelo de dados banais.*

E digo-lhes: *acho que estão a começar a ficar um bocado densos de mais.* E o cozinheiro toma a palavra: *A diferença entre Itália e Angola é que em Angola o governo decidiu repartir a miséria por partes iguais na largura e altura de todo o território, enquanto que em Itália o governo decidiu que o Sul coma merda enquanto que o Norte desenha móveis e roupa e abre garrafas de champagne.*

O anormal do meu filho diz: *No sul está a ESPERANÇA. Mas que merda é que isto importa se no norte não está a vontade?* E eu solto-lhes: *não me ponham triste, seus anormais. Não me estraguem a tarde!*

RUPTURA 3

Gosto do homem quando o homem é um animal.

Gosto do animal do homem quando fode e transpira.

Gosto do animal do homem até quando engana.

Gosto do animal do homem até quando mata em defesa própria.

E quando o homem se mete a fazer negócios, o homem deixa de ser um animal. E não gosto disso.

E odeio a ideia de EXPERIÊNCIA. Cada acto é único. Cada sol é novo. Cada dia sou outra pessoa.

ACUMULAR EXPERÊNCIAS NÃO PROTEGE.

Então... A gorda da limpeza larga a esfregona e senta-se. Olha as asinhas de frango na mesa e a palavra TRAGÉDIA escrita com ketchup e diz: *Não são épocas para andar a dizer este tipo de coisas, seu anormal. São épocas para fechar a boca ou para ser um tipo moderado.* E eu fico irritado e digo-lhe: *oh gorda de merda, vê lá não te dou um bom enxerto de porrada. Deves entender muito sobre o que é a moderação.*

E a tipa solta-me: *A moderação é o vírus com que as empresas infectaram os políticos e que os políticos e os meios de comunicação transmitiram ao povo.*

Que raio de filósofos de merda neste Kentucky Fried Chicken. Isto tem de acabar! Vamos embora daqui, digo à minha família. E enquanto nos piramos daquele sítio a tipa da limpeza grita: *Não sei onde começou essa epidemia do consenso e da moderação, se numa multinacional ou num Ministério do Interior. Só sei que antes nos fodiam o cu e gritávamos. Não nos era permitido gritar mas apanhávamos no cu e gritávamos. Agora está tudo feito para que um tipo grite, quando lhe apetecer, mas tu próprio dizes: Eh! Não é preciso levantar a voz, foda-se! Não é preciso um tipo passar-se nem armar confusão! Não estamos assim tão mal, também não é para tanto! E se se faz alguma coisa, tem de se fazer sem levantar a voz. Como um povo civilizado, foda-se!*

O cozinheiro vai para falar e grito-lhe: *Cabrão de merda, tu cala-te que não tens nada a ver com isto.*

E a cozinheira continua na sua: *Matando não se vai a nenhuma parte, dizem. E propõem-nos que nos matemos, enquanto eles não páram de matar. Mostram moderação, pedem moderação, exigem moderação, enquanto assassinam aqui e ali. E os partidos metem-se de joelhos e chupam-ta para que defendas uma falsa ideia de Nação. E as empresas metem-se de joelhos e chupam-ta até que confundas progresso pessoal com justiça global e fiques super contente. E chamam progresso pessoal a uma subida de 2% dos salários no fim do ano, e ao cabaz de Natal, e à festa do Natal, e ao novo filme da Walt Disney e a toda essa merda.*

E eu vejo os corpos como máquinas.

E vejo o miúdo de Génova a ponto de atirar o extintor de incêndios contra o jeep da polícia como o faria uma máquina. Vejo os seus movimentos, a roupa, o passa-montanhas, como que ligados a uma máquina. E vejo um polícia como uma máquina a apontar-lhe à cabeça. E vejo cair o corpo fulminado do miúdo, como se derrubaria uma máquina. E vejo como o jeep da polícia passa duas vezes com as rodas por cima do corpo do miúdo. Uma máquina esmagada por outra máquina. E vejo esta humanidade sem humanidade como uma puta, puta, puta máquina.

Nós vamos andando, anormais, digo aos empregados da Kentucky Fried Chicken. Abraço o meu filho e a minha mulher. E vamos outra vez para o carro. A perder-nos POR AÍ. E para rematar a faena, esta jornada estúpida rodeada de estúpidos, uma jornada trágica, digo só mais isto: Quem nunca se entrega a outro, sobrevaloriza-se. Quem se entrega ao primeiro que lhe aparece à frente, despreza-se a si mesmo.

EPÍLOGO

Esta manhã vi gotas de orvalho penduradas
numa fina teia de aranha, no monte
Como pérolas suspensas no ar
Toquei com cuidado a teia de aranha e vi as gotas a tremer e a brilhar
Como lágrimas que se recusam a saltar no vazio
Pensei em certos amigos e em certas
mulheres que amei e em gente que quero
e em gente que me fez mal
enquanto olhava, extasiado, essas gotas de orvalho
a tremer naquela teia que uma aranha tinha tecido
entre a vegetação, no monte

E depois pensei naqueles
que não têm sequer o mérito de deixar-se cair
como uma gota de orvalho sobre uma fina teia de aranha
e desaparecem torpemente à frente dos nossos olhos
E absorve-os a terra

É gente que não se esmerou

Anexo III | Vídeos reportagens televisivas

[clicar no título para aceder ao link | inserir palavra passe: actor-nao-actor]

[Anexo III \(a\) | A Cotovia | RTP | 07/08/2009 | 3'12''](#)

[Anexo III \(b\) | A Missão | TVI | 27/07/2011 | 11'28''](#)

[Anexo III \(c\) | A Missão | RTP | Prémio SPA | 2012 | 5'16''](#)

[Anexo III \(d\) | Mena | RTP | 19/10/2007 | 5'50''](#)

[Anexo III \(a\) | Mena | TVI | 19/11/2007 | 04'37''](#)